



Universidade Federal da Paraíba

Centro de Ciências Humanas Letras e Artes – CCHLA

Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL

**Transferências Culturais via Tradução nas Revistas  
*O Archivo* (1846) e *Revista Americana* (1847-1848)**

Camyle de Araújo Silva

Orientadora: Profa. Dra. Wiebke Röben de Alencar Xavier

João Pessoa

Março de 2016

Universidade Federal da Paraíba  
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes – CCHLA  
Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL

Transferências Culturais via Tradução nas Revistas  
*O Archivo* (1846) e *Revista Americana* (1847-1848)

Camyle de Araújo Silva

Dissertação apresentada como requisito  
obrigatório para obtenção do título de Mestre  
em Letras no Programa de Pós-graduação em  
Letras da UFPB

**Área de concentração:** Literatura e Cultura

**Linha de pesquisa:** Cultura e Tradução

**Orientadora:** Profa. Dra. Wiebke Röben de  
Alencar Xavier

João Pessoa

Março de 2016

S586t Silva, Camyle de Araújo.  
Transferências culturais via tradução nas revistas O Archivo  
(1846) e Revista Americana (1847-1848) / Camyle de Araújo  
Silva.- João Pessoa, 2016.  
112f. : il.  
Orientadora: Wiebke Röben de Alencar Xavier  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA  
1. Literatura e cultura. 2. História cultural da literatura.  
3. Estudos descritivos da tradução. 4. Transferências culturais.  
5. Imprensa periódica - Século XIX - Brasil.

UFPB/BC

CDU: 82(043)

Camyle de Araújo Silva

Transferências Culturais via Tradução nas Revistas  
*O Archivo* (1846) e *Revista Americana* (1847-1848)

Banca Examinadora

Wiebke Röben de Alencar Xavier

Profa. Dra. Wiebke Röben de Alencar Xavier  
(Orientadora)

Socorro de Fátima P. Barbosa

Profa. Dra. Socorro de Fátima Pacifico Barbosa  
(Interno ao Programa)

Ana Cristina B. Cardoso

Profa. Dra. Ana Cristina Bezerril Cardoso  
(Externo ao Programa)

João Pessoa

Março de 2016

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço inicialmente aos meus familiares, Amanda, minha irmã, Manoel Júnior, meu pai, Diego, meu namorado, e, agradeço especialmente a minha mãe, Walmyra, por todo o auxílio e incentivo nos momentos difíceis dessa empreitada.

Agradeço as minhas amigas de vida e de formação acadêmica, Naiara e Liara, incentivadoras deste projeto e que sempre ajudaram-me quando precisei.

Agradeço também à Profa. Dra. Socorro de Fátima Pacifico Barbosa e à Profa. Dra. Ana Cristina Bezerril Cardoso por terem aceitado contribuir para esta dissertação, participando da minha banca de qualificação e, agora, da banca de defesa. Agradeço à ambas por tanto contribuírem para este estudo e para minha formação.

Sobretudo, agradeço à Profa. Dra. Wiebke Röben de Alencar Xavier pela atenção que me tem dispensado desde a graduação, quando nossos caminhos se cruzaram. Agradeço por sempre ter me acompanhado e orientado com muita generosidade e disponibilidade, por sempre ter feito mais do que se espera de uma orientadora, seu apoio foi essencial para mim neste percurso.

Obrigada. A todos, obrigada.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral a investigação das circunstâncias que envolvem a prática e a publicação de traduções de literatura na imprensa periódica do antigo Norte brasileiro de meados do século XIX, tendo como referência as revistas *O Archivo* (Maranhão, 1846) e *Revista Americana* (Bahia, 1847-1848). Nas duas revistas, identificamos 47 traduções de literatura ao todo. Para apresentar tal panorama, tratamos do *corpus* com base no conceito teórico-metodológico de Transferências Culturais de Michel Espagne (2012), e no viés econômico-ideológico tratado por Pierre Bourdieu através do trabalho de Joseph Jurt (2007). Sem perder de vista o suporte em que foram veiculadas essas traduções – revista –, nos pautaremos principalmente nos trabalhos de Socorro de Fátima Pacífico Barbosa (2007), Katia Aily Franco de Camargo (2014), e Tânia Regina de Luca (2008; 2014) acerca da imprensa periódica. Dessa maneira, apresentamos inicialmente uma análise quantitativa do corpus com base no trabalho de Lüsebrink e Reichardt (1994), visando nos aproximar do cenário de tradução e imprensa periódica do século XIX, cenário este que nos aprofundamos ao expor a análise descritiva de cada uma das traduções, cujo ponto inicial será o quadro esquemático adaptado de Lambert (2011). Sendo assim, procuramos investigar as instâncias de mediação cultural através da análise contextual das traduções identificadas nas revistas supracitadas, em relação aos seus respectivos contextos e textos de partida, visando identificar o caminho percorrido entre os espaços de partida e chegada para apresentar um mosaico da memória cultural estrangeira presente no antigo Norte brasileiro do século XIX. Isso posto, o presente trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos: no Capítulo 1, apresentamos um olhar introdutório sobre literatura e tradução no contexto de periódicos do antigo Norte brasileiro no século XIX; no Capítulo 2, apresentamos um breve cenário histórico da imprensa periódica no século XIX, situando as revistas maranhense e baiana; no Capítulo 3, apresentamos um panorama geral das traduções de literatura encontradas em ambas, expondo um mapeamento quantitativo do que era traduzido nas duas revistas no tocante à literatura; por fim, no Capítulo 4, apresentamos uma análise descritiva das traduções de literatura encontradas, caracterizando práticas e estratégias tradutórias e demonstrando a importância de traduzir para a formação do contexto cultural e social e para a formação do próprio cânone de literatura nacional.

**Palavras-chave:** História Cultural da Literatura; Estudos Descritivos da Tradução; Transferências Culturais; Imprensa Periódica; Brasil – Século XIX – Maranhão, Bahia.

## ABSTRACT

This work aims to investigate the circumstances surrounding the practice and publication of literary translations in the periodical press of the Northeast of Brazil in the mid-nineteenth century, based on the magazines *O Archivo* (Maranhão, 1846) and *Revista Americana* (Bahia, 1847-1848). In both magazines, we identified 47 translations of literature. To present this panorama, we treat the *corpus* based on the theoretical and methodological concept, *Cultural Transfer*, by Michel Espagne (2012), and the economic and ideological view handled by Pierre Bourdieu through the work of Joseph Jurt (2007). Focusing on the support where these translations were propagated – the magazine – the works of Socorro de Fatima Pacífico Barbosa (2007), Katia Aily Franco de Camargo (2014), and Tania Regina de Luca (2008; 2014) about the periodical press guided us. Initially we present a quantitative *corpus* analysis based on the work of Lüsebrink and Reichardt (1994), aiming to approach the translation scenery in periodical press of the nineteenth century. Then, we present a descriptive analysis of each literary translations found, having as a starting point the schematic picture adapted from Lambert (2011). Therefore, we investigated the cultural mediation instances through contextual analysis of the translations identified in the two magazines, in association with their respective contexts and source texts, in order to present a mosaic of the foreign cultural memory present in the Northeast of Brazil in the nineteenth century. The work is divided into four chapters: in Chapter 1, we present an introductory look at literature and translation in the context of periodical press in the Northeast of Brazil in the nineteenth century; in Chapter 2 is a brief historical background of the periodical press in the nineteenth century, concerning *O Archivo* and *Revista Americana*; in Chapter 3, we present an overview of the translations of literature found in both magazines, exposing a quantitative map of what was translated regarding literature; finally, in Chapter 4, we present a descriptive analysis of the translations of literature found, characterizing the translation practices and strategies, demonstrating the importance of translating for the formation of the cultural and social context and for the formation of the national literature canon.

**Keywords:** Cultural History of Literature; Descriptive Translation Studies; Cultural Transfer; Periodical Press; Brazil – XIX Century – Maranhão, Bahia.

# LISTA DE ILUSTRAÇÕES

## Gráficos

Gráfico 1 – Gênero das traduções em <i>O Archivo</i> .....	36
Gráfico 2 – Menção ao tradutor em <i>O Archivo</i> .....	37
Gráfico 3 – Menção ao autor em <i>O Archivo</i> .....	37
Gráfico 4 – Atividade dos tradutores em <i>O Archivo</i> .....	37
Gráfico 5 – Gênero das traduções na <i>Revista Americana</i> .....	40
Gráfico 6 – Gêneros literários em <i>O Archivo</i> e na <i>Revista Americana</i> .....	40
Gráfico 7 – Menção ao autor nas duas revistas.....	41

## Imagens

Imagem 1 – Capa do <i>Jornal de Instrução e Recreio</i> .....	23
Imagem 2 – Capa de <i>O Archivo</i> .....	24
Imagem 3 – Capa da <i>Revista Americana</i> .....	27
Imagem 4 – Anúncio do preço da assinatura na <i>Revista Americana</i> .....	28
Imagem 5 – Índice do 1º número de <i>O Archivo</i> .....	81
Imagem 6 – Página 90 de <i>O Archivo</i> .....	82
Imagem 7 – Carta de Gonçalves Dias ao Cônego Pinheiro.....	97
Imagem 8 – Distribuidores e preço da assinatura em <i>O Archivo</i> .....	98
Imagem 9 – Distribuidores e preço da assinatura na <i>Revista Americana</i> .....	99

## Quadros

Quadro 1 – Informações preliminares sobre <i>O Archivo</i> .....	22
Quadro 2 – Informações preliminares sobre a <i>Revista Americana</i> .....	26
Quadro 3 – Traduções de literatura em <i>O Archivo</i> .....	34
Quadro 4 – Traduções de literatura na <i>Revista Americana</i> .....	38
Quadro 5 – “Os túmulos campestres” em <i>O Archivo</i> .....	43
Quadro 6 – “Ao Rouxinol” em <i>O Archivo</i> .....	44
Quadro 7 – “O Outomno” em <i>O Archivo</i> .....	45
Quadro 8 – “O Somnambulo” em <i>O Archivo</i> .....	46
Quadro 9 – “Canção de Bug-Jargal” em <i>O Archivo</i> .....	46
Quadro 10 – “Velleda” em <i>O Archivo</i> .....	47
Quadro 11 – “A empada d’Arenques” em <i>O Archivo</i> .....	49
Quadro 12 – “O irmão e a irmã” em <i>O Archivo</i> .....	49
Quadro 13 – “A Torre de Verdum” em <i>O Archivo</i> .....	50
Quadro 14 – “A Breschelle” em <i>O Archivo</i> .....	51
Quadro 15 – “O lago da fada” em <i>O Archivo</i> .....	52
Quadro 16 – “Nisida” em <i>O Archivo</i> .....	53
Quadro 17 – “A salvação de uma mãe” em <i>O Archivo</i> .....	54



Quadro 18 – “Um episódio da história da inquisição” em <i>O Archivo</i> .....	55
Quadro 19 – “A floresta” na <i>Revista Americana</i> .....	55
Quadro 20 – “Costumes nacionais. O Hebreu” na <i>Revista Americana</i> .....	56
Quadro 21 – “Costumes nacionais. O Suniassie” na <i>Revista Americana</i> .....	57
Quadro 22 – “Conselhos de Goethe” na <i>Revista Americana</i> .....	58
Quadro 23 – “Assassinato da Duquesa de Praslin” na <i>Revista Americana</i> ..	60
Quadro 24 – Biografia de Lamartine em <i>O Archivo</i> .....	62
Quadro 25 – Biografia de Agostinho Thierry em <i>O Archivo</i> .....	62
Quadro 26 – Biografia de Chateaubriand em <i>O Archivo</i> .....	62
Quadro 27 – Biografia de Lord Chatam na <i>Revista Americana</i> .....	63
Quadro 28 – “A filha da rainha” em <i>O Archivo</i> .....	64
Quadro 29 – “O papel que fez a Grécia” em <i>O Archivo</i> .....	65
Quadro 30 – “Destino das cidades” em <i>O Archivo</i> .....	66
Quadro 31 – “Odessa” em <i>O Archivo</i> .....	66
Quadro 32 – “Tyro” em <i>O Archivo</i> .....	67
Quadro 33 – “Caracter das opiniões na Europa” na <i>Revista Americana</i> .....	67
Quadro 34 – “História dos Tremedores” na <i>Revista Americana</i> .....	68
Quadro 35 – “Da Islândia” na <i>Revista Americana</i> .....	69
Quadro 36 – “Costumes Corseiros” em <i>O Archivo</i> .....	70
Quadro 37 – “Os túmulos aéreos” na <i>Revista Americana</i> .....	71
Quadro 38 – “Patrona-Calil” na <i>Revista Americana</i> .....	72
Quadro 39 – “Os bazares de Constantinopla” na <i>Revista Americana</i> .....	73
Quadro 40 – “O Grindelwald – Suíça” na <i>Revista Americana</i> .....	73
Quadro 41 – “Costumes e usos do México” na <i>Revista Americana</i> .....	73
Quadro 42 – “Um Trecho da História do Consulado” em <i>O Archivo</i> .....	75
Quadro 43 – “Preceitos gerais de moral” na <i>Revista Americana</i> .....	75
Quadro 44 – “Das sociedades humanas” na <i>Revista Americana</i> .....	76
Quadro 45 – “ <i>De la littérature dans l’Éducation</i> ” na <i>Revista Americana</i> .....	77
Quadro 46 – “Encyclica do SS. PP. Pio IX” na <i>Revista Americana</i> .....	77
Quadro 47 – “Harmonias da moral natural e cristã” na <i>Revista Americana</i> ..	78
Quadro 48 – “De Deus” na <i>Revista Americana</i> .....	78
Quadro 49 – “Ideias gerais sobre o estilo” na <i>Revista Americana</i> .....	80
Quadro 50 – “Do hachisch e da alienação mental” em <i>O Archivo</i> .....	80
Quadro 51 – “Literatura Contemporânea. Rússia” em <i>O Archivo</i> .....	81

## Tabela

Tabela 1 - Criação de tipografias nos estados do Brasil.....	17
--	----

# SUMÁRIO

<b>Capítulo 1 – Introdução.....</b>	<b>1</b>
1.1 Literatura e tradução no contexto de periódicos do antigo Norte brasileiro no século XIX.....	1
1.1 Fundamentação teórico-metodológica.....	7
<b>Capítulo 2 – <i>O Archivo e Revista Americana</i> no contexto da imprensa no século XIX.....</b>	<b>16</b>
2.1 Os periódicos no cenário da imprensa brasileira.....	16
2.1.1 <i>O Archivo (1846)</i> .....	22
2.1.2 <i>Revista Americana (1847-1848)</i> .....	26
<b>Capítulo 3 – Tradução de literatura em <i>O Archivo</i> e na <i>Revista Americana</i>..</b>	<b>30</b>
3.1 Imprensa periódica e tradução no século XIX.....	30
3.2 Uma visão geral sobre as traduções de literatura em <i>O Archivo</i> e na <i>Revista Americana</i> .....	33
<b>Capítulo 4 – Prática tradutória e mediação cultural em <i>O Archivo</i> e na <i>Revista Americana</i>.....</b>	<b>42</b>
4.1 Tradução de Gênero Lírico.....	43
4.2 Tradução de Gênero Épico.....	47
4.3 Tradução de Romance.....	48
4.4 Tradução de Diálogos.....	58
4.5 Tradução de Epistolografia.....	60
4.6 Tradução de Biografia.....	61
4.7 Tradução de Historiografia.....	63
4.8 Tradução de Viagens.....	70
4.9 Tradução de Oratória.....	75
4.10 História da Literatura.....	79
<b>Considerações finais.....</b>	<b>84</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>88</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>97</b>

Anexo A – Carta de Gonçalves Dias ao Cônego Pinheiro.....	97
Anexo B – Distribuidores e preço da assinatura em <i>O Archivo</i> .....	98
Anexo C – Distribuidores e preço da assinatura na <i>Revista Americana</i> .....	99
<b>Apêndice</b> .....	100
Apêndice A - Perfil dos colaboradores em <i>O Archivo</i> .....	100

# CAPÍTULO 1



## Introdução

### 1.1 Literatura e tradução no contexto de periódicos do antigo Norte brasileiro no século XIX

Tem-se na imprensa periódica brasileira do século XIX um terreno fértil onde se desenvolviam as transferências culturais no tocante à circulação do conhecimento, em especial, da literatura, tendo a tradução exercido um papel fundamental na disseminação do gosto pela leitura no público.

Assumindo a importância da tradução para a efetividade da mediação cultural no referido século, o presente trabalho insere-se nas áreas da História Cultural da Literatura e da História Cultural da Tradução, dialogando com os Estudos Descritivos da Tradução. Temos como objetivo central a investigação das circunstâncias que envolvem a prática e a publicação de tradução de literatura na imprensa periódica oitocentista do antigo Norte<sup>1</sup> brasileiro, através do estudo de caso das revistas *O Archivo* (Maranhão, 1846) e *Revista Americana* (Bahia, 1847-1848), tendo como norte teórico-metodológico primordial o conceito de Transferências Culturais (Espagne, 2012). Apresentamos uma análise quantitativa e descritiva das traduções encontradas, considerando o seu contexto histórico e cultural.

Ressaltamos que neste trabalho, ao tratarmos de traduções de literatura, nos referimos ao entendimento de literatura da época. Assim, estão inclusos no nosso *corpus* textos históricos, biográficos, críticos, todos considerados literários no período.

---

<sup>1</sup> Tendo em vista que no século XIX o país não contava com a divisão geopolítica regional, havia apenas a divisão informal em Norte e Sul, utilizaremos a nomenclatura “antigo Norte” para nos referirmos à região Nordeste tal qual conhecemos hoje. A título de informação, o primeiro registro do Nordeste enquanto região geográfica nacional ocorreu em 1940, agregando os Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Posteriormente, em 1970 o IBGE apresentou a proposta de reformulação regional em vigência atualmente (IBGE).

No *Grande Dicionario Portuguez* de Domingos Vieira (1873), o verbete “litteratura” aparece ligado à erudição:

LITTERATURA. Todo o gênero de conhecimentos litterarios; erudição. Corporação dos litteratos, dos homens de letras. Conjunto das produções litterarias de uma nação, de um paiz ou de uma epocha. (VIEIRA, 1873, p. 1326)

ERUDIÇÃO. Conhecimento profundo das línguas antigas ou orientaes, das diversas origens dos povos, das inscrições e medalhas, em summa, de todos os documentos que fornecem os materiaes para a historia. - Cousas eruditas, indagações sabias, curiosas. (VIEIRA, 1873, p. 238)

Essa associação de literatura à erudição vem desde o século XVIII. Nessa perspectiva, literatura designava conhecimento e não um conjunto de escritos:

Molière, Swift, De Foe, Corneille, Milton, Dante não escreviam literatura. Ou melhor, o que escreviam era literatura tanto quanto os textos de filósofos, historiadores, cientistas. Eram todos igualmente “homens de letras”, pois pertenceram a um tempo em que o termo literatura designava erudição. (ABREU, 2003, p. 11-12)

Márcia Abreu, em artigo de 2003, apresenta a definição de literatura em duas edições do *Diccionario da Lingua Portuguesa* de Antonio de Moraes Silva, uma da primeira metade do século XIX (1831), e outra da segunda metade (1878):

LITTERATURA: Erudição, sciencia, noticia das boas letras, humanidades. (SILVA, 1831, apud ABREU, 2003, p. 30)

LITTERATURA: Erudição, sciencia, noticia das boas letras e humanidades. O conjunto das produções literárias d’uma nação, d’um paiz, d’uma época. (SILVA, 1878, apud ABREU, 2003, p. 31)

Na primeira definição, percebemos que o termo “litteratura” é tido como sinônimo de conhecimento e, novamente, aparece ligado ao verbete “erudição”. Na segunda metade do século XIX, essa definição se mantém, entretanto, à ela é acrescentada a ideia de conjunto da produção literária nacional, já mais próxima do conceito contemporâneo.

O Cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro no seu *Curso Elementar de Litteratura Nacional*, cuja publicação data de 1862, nos traz a seguinte definição de literatura:

Deriva-se a palavra litteratura do vocabulo latino *littera*, que, como se sabe, significa letra. Na sua mais ampla accepção é a litteratura, na phrase do Sr. Lamartine, a expressão memoravel do homem transmittida ao homem por meio da palavra escripta. Tomada porém em sentido mais restricto é a expressão dos conceitos, sentimentos e paixões do espirito humano feita por modo agradável. E nesta ultima accepção que lhe cabe o epitheto de *bellas letras*, *humanidades*, ou *boas letras*, como tambem lhe chamavam os nossos classicos. Intuitiva é a sua importancia e utilidade. Seriam apenas conhecidas por alguns entes privilegiados as

admiráveis descobertas das sciencias se não se encarregasse a litteratura de popularisa-las dando-lhes agradável forma. (PINHEIRO, 1862, p. 9, grifo do autor)

Nota-se que o Cônego Pinheiro conceitua literatura de maneira abrangente, uma vez que inclui desde as “belas letras e boas letras” até a categoria de descobertas científicas como textos literários, destacando a importância da linguagem literária para a popularização do conhecimento, inclusive, o científico.

Destacamos que, no nosso trabalho, a ortografia do século XIX será mantida sempre que fizermos menção direta ou indireta a um texto do período. Sobre isso, o Cônego Pinheiro (1862), já no século XIX, frisa a importância de acatar-se a ortografia de épocas passadas:

[...] tivemos o escrupuloso cuidado de conservar-lhes a physionomia; já respeitando-lhes a dicção, já conformando-nos com a sua orthographia, por mais estranhas que ellas nos parecessem. [...] assim também entendemos que cumpre que acatada seja a orthographia dos classicos, por ter ella o cunho da sua epocha, e servir, até certo ponto, para caracteriza-los. (PINHEIRO, 1862, p. VIII)

No que concerne à tradução, Luiz Maria Pinto, no “Diccionario da lingua brasileira” (1832), traz concisas definições sobre “Traducção”, “Traductor” e “Traduzir”:

Traducção. Versão de huma para outra lingua. A obra que se traduz.  
Traductor. Que traduz.  
Traduzir. Verter de huma lingua em outra. Fig. Transformar. Mover.  
(PINTO, 1832, p. 1057)

Antônio Maria do Couto, dez anos depois, no “Diccionario da maior parte dos termos homonymos, e equívocos da Lingua Portuguesa” (1842), discorre em muitas linhas sobre seu entendimento de tradução, associando o termo a “versão” e “trasladação”, e explicando os pormenores que diferenciam esses verbetes:

TRADUCÇÃO, do Lat. *traductio*, a versão de huma para outra lingua. Estas palavras *traducção*, *versão*, *trasladação* diffêrem na sua significação. Por estas se entendem a cópia, que se faz em huma lingua de hum discurso primeiramente enuncuado em outra, como do Hebreo em Grego; do Grego em Latim, etc. Mas o uzo ordinário nos indica, que estas palavras não são synonymas. [...] Diz-se, fallando das Sanctas Escripturas, a *versão* dos Septenta, a *versão* da Vulgata; e não se diria tão bem a *tradução* dos Septenta, a *tradução* da Vulgata: pelo contrário diz-se, que Bocáge fez huma boa *traducção* da Myrrha de Ovidio. Parece-me, que a *versão* he mais litteral, e mais chegada aos contornos próprios da lingua original, e mais sujeita nos sêos modos ás vistas da construcção analytica; e que a *traducção* se occupa mais dos pensamentos, he mais attenta a apresentállos debaixo da fórma, que póde convir-lhe em outra lingua, e he mais ligada em as suas expressões aos rodeios, e idiotismos desta. A *versão litteral* acha suas luzes na marcha invariavel da construcção analytica, que serve para lhe fazer notar os idiotismos da lingua original. [...] A *versão* deve ser fiél, e clara; a *traducção* porém deve ter facilidade, conveniencia, e correcção, tudo conforme ao gênio do novo idioma. O termo *trasladação* he

relativamente ao tempo, a fallar-se com propriedade, e assim dizemos a Trasladação de S. Antonio etc. tão bem se toma propriamente por mudança de lugar. (COUTO, 1842, p. 380, grifo do autor)

Para Couto (1842), a tradução deveria se adequar ao idioma de chegada e fornecer uma leitura fluída e simples, já a versão, deveria ser “mais literal”, enquanto a trasladação, apesar de ser sinônimo de ambas, também poderia significar a mudança de um lugar para o outro, propriamente dita.

No presente trabalho, ressaltamos o caráter de mediação cultural da tradução tendo os periódicos como veículo, sem perder de vista as implicações do que significava traduzir textos na imprensa periódica no século XIX. Sobre isso, nosso trabalho *Gonçalves Dias e a tradução na imprensa periódica oitocentista* (2014, p. 384-396), apresentou as duas traduções de Dias publicadas em *O Archivo* (“A Torre de Verdum” de Frédéric Soulié e “Canção de Bug-Jargal” de Victor Hugo). Vimos que o trabalho de Dias como tradutor de livros já vem sendo estudado, entretanto, seus trabalhos traduzidos na imprensa periódica ainda tem pouca visibilidade. Para Dias, algumas dessas traduções eram feitas como *hobby*, outras tinham como fim o acúmulo de capital simbólico, como no caso da tradução de Hugo, em que o romance chega ao Brasil em verso pelas mãos do tradutor Gonçalves Dias. Quanto à tradução de Soulié, mais ligada ao texto de partida, desde o título, a ênfase estava no autor do texto de partida, grande amigo de Gonçalves Dias. Com isso, percebemos que atividade de traduzir na imprensa periódica usufruía de bastante liberdade, como no caso de Dias, que adequava seu o modo de traduzir de acordo com os fins pretendidos.

Isso posto, tomamos como norte teórico-metodológico básico o conceito de Transferências Culturais (*Transferts Culturels*) de Michel Espagne (2012), que em seu artigo *Transferências Culturais e História do Livro*, concentra sua pesquisa no contexto dos contatos entre França e Alemanha no século XIX, focalizando as imbricações entre os espaços nacionais. Para Espagne (2012, p. 21):

Por transferência cultural entende-se uma orientação metodológica da pesquisa em história com vistas a por em evidência as imbricações e as mestiçagens entre os espaços nacionais ou, de modo mais geral, entre os espaços culturais, numa tentativa de compreender por quais mecanismos as formas identitárias podem alimentar-se de importações.

Ou seja, esse termo implica no deslocamento material de um objeto no espaço, enfatizando os movimentos humanos, viagens, transporte de livros, objetos de arte ou bens de uso corrente. Mesmo Espagne enfatizando a história do livro nesse artigo, aqui, adaptamo-lo para o estudo de periódicos, integrando-o

aos estudos de Socorro de Fátima Pacífico Barbosa (2007), Katia Aily Franco de Camargo (2014) e Tânia Regina de Luca (2008; 2014).

Para a análise das traduções de literatura nas duas revistas do antigo Norte no âmbito das atividades editoriais e mercadológicas, agregamos também o trabalho de Joseph Jurt, “*Traduction et transfert culturel*” (2007), em que o mesmo lança mão do viés econômico-ideológico tratado por Pierre Bourdieu no contexto de tradução e transferências culturais.

O presente trabalho foi orientado no contexto do projeto temático de cooperação internacional *A circulação transatlântica dos impressos – a globalização da cultura no século XIX*<sup>2</sup>, coordenado pela professora Márcia Abreu da UNICAMP, em São Paulo, e pelo professor Jean-Yves Mollier da Université de Versailles Saint-Quentin, na França. Esse projeto, agora na sua fase final, teve o propósito de conhecer os impressos e as ideias em circulação entre Inglaterra, França, Portugal, Alemanha e Brasil no “longo século XIX” (1789-1914), objetivando identificar e analisar as práticas culturais inerentes aos processos de circulação dos impressos e ideias em escala transnacional (ABREU, 2011, p. 115).

Uma das publicações provenientes desse projeto foi o livro *Circulação Transatlântica dos Impressos – Conexões* (2014) em que, dentre outros, podemos citar o artigo de Tânia Regina de Luca, “A *Ilustração* (1884-1892): algumas questões teórico-metodológicas”, cujo olhar analítico inspirou a forma de apresentação inicial de *O Archivo* (1846) e da *Revista Americana* (1847-1848) em nosso segundo capítulo. No artigo, a autora discute problemas de ordem teórico-metodológica referentes à análise do caso especial da revista *Ilustração*, publicada entre 1884 e 1892, que foi lançada em Paris apesar se destinar aos públicos de Portugal e do Brasil. A pesquisadora aponta a necessidade de um olhar micrológico lançado para a análise sistemática dos números publicados, identificando responsáveis, colaboradores, temáticas, estruturação do conteúdo, etc., um panorama que remeteria tanto para as condições técnicas disponíveis no momento de circulação, quanto para as demandas de ordem social. No entanto,

---

<sup>2</sup> Site do projeto *A circulação transatlântica dos impressos – a globalização da cultura no século XIX*: <<http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/index.php?cd=1&lang=pt>>. Acesso em: 25 de junho de 2015.



esse seria apenas o passo inicial, que deve ser associado com outro, que introduz questões relacionadas à temporalidade e, assim, é a luz dessa localização espaço-temporal precisa que os dados provenientes da análise podem ganhar novos sentidos (LUCA, 2014, p. 167-174).

Ressaltamos que, no Brasil, no que concerne às transferências culturais via tradução no contexto da imprensa periódica, não temos conhecimento de estudos publicados até o momento, mesmo havendo trabalhos com foco na história e contribuição da imprensa, costuma-se negligenciar os textos traduzidos.

Em se tratando das pesquisas com foco nos periódicos do antigo Norte do Brasil, podemos destacar as realizadas no contexto do projeto *Jornais e Folhetins Literários da Paraíba no Século XIX*, do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes (CCHLA) da Universidade Federal da Paraíba, idealizado pelas Profa. Dra. Socorro de Fátima Pacífico Barbosa e Profa. Dra. Fabiana Sena. A partir dos jornais paraibanos, esse projeto busca reconstituir as categorias históricas das práticas de leitura e de escrita do século XIX, na Paraíba, considerando também os periódicos de outras províncias e de outros países, levando em conta o diálogo permanente que os periódicos desse período mantinham entre si.

A partir do *site* desse projeto foi acessada a revista paraibana *Alva* (1850), objeto de estudo da Profa. Socorro Barbosa no trabalho de 2007, “*Alva e Idéia: duas revistas e um passado para a vida literária paraibana do século XIX*”. Já com foco no papel das traduções, essa revista também se tornou objeto do nosso trabalho monográfico de conclusão de curso, intitulado *Transferências Culturais na Produção Literária Paraibana do Século XIX – o papel da tradução na revista Alva* (SILVA, 2013)<sup>3</sup>, buscando contribuir para a visibilidade da História Cultural da Tradução na Paraíba através da análise sistemática do papel das traduções, tradutores e práticas tradutórias na referida revista no processo de consolidação da literatura brasileira nesse período. Mostrou-se que as traduções de literatura em tal revista passavam por diversas modificações executadas pelos tradutores e/ou pelo corpo editorial, que se apropriavam dos textos estrangeiros, sempre de maneira peculiar, para que o importado se tornasse parte integrante e

---

<sup>3</sup> Cf. Nosso trabalho monográfico, *Transferências Culturais na Produção Literária Paraibana do Século XIX – o papel da tradução na revista Alva* (2013), está disponível em: <<http://goo.gl/bU7K8J>>. Acesso em: 19 jan. 2016.

indissociável da produção local. Após a realização dessa pesquisa, surgiu o interesse de aprofundar o estudo das traduções nos periódicos para averiguar se os traços e tendências encontradas na *Alva* (1850) são características comuns ao antigo Norte brasileiro de meados do século XIX ou se se restringem ao contexto da revista paraibana.

Assim, para selecionar as revistas de que tratamos aqui, tomamos como base as características elementares da revista paraibana *Alva* (1850), visando possibilitar o confronto com os resultados do nosso trabalho de 2013. A partir daí, pesquisamos em bases de dados *online* por periódicos de meados do século XIX, para, em seguida, selecionarmos os que foram publicados em províncias do antigo Norte para, então, identificarmos aqueles que publicavam literatura e, dentre esses, os que veiculavam literatura traduzida. Ao fim, encontramos as duas revistas objeto dessa pesquisa, *O Archivo* e *Revista Americana* que voltaremos a tratar no Capítulo 2, em que apresentamos seus perfis.

## 1.2 Fundamentação teórico-metodológica

O presente trabalho tem como base teórico-metodológica, como já dissemos, o conceito interdisciplinar de Transferências Culturais (*Transferts Culturels*) utilizado inicialmente por Michel Espagne e Michael Werner na década de 1980, aplicando-o ao estudo de relações interculturais bilaterais, em especial, dos contatos entre a França e a Alemanha nos séculos XVIII e XIX.

Por muito tempo, os estudos em história tiveram uma abordagem positivista, procurando determinar uma verdade e escrever a história “tal qual ela ocorreu” a partir de documentos oficiais e governamentais, considerados fontes históricas inquestionáveis, além de pressupor um observador neutro. Para manter esse caráter, os historiadores da corrente positivista desconsideravam elementos culturais e tinham como foco os heróis e líderes nacionais, deixando de lado tudo que consideravam à margem do movimento histórico. Com isso, na primeira metade do século XX, surge na França uma corrente historiográfica conhecida como *Escola dos Annales*, que tinha como base a revista *Annales d'histoire économique et sociale*, criada por Marc Bloch e Lucien Febvre que acreditavam

na insuficiência da visão positivista e pretendiam discutir e difundir novas abordagens em História através da incorporação do aspecto social nas pesquisas.

É nesse contexto que Michel Espagne e Michael Werner publicam em 1987, na *Revista dos Annales*, o artigo “*La construction d'une référence culturelle allemande en France: genèse et histoire (1750-1914)*” em que analisam o caminho da introdução da filosofia alemã na França durante o século XIX e da construção de uma referência cultural alemã na ideologia francesa na primeira metade do século XIX. Nele, Espagne e Werner apontam para o fato de os estudos referentes às questões das transferências culturais serem estudados, geralmente, de acordo com o esquema de história das influências, em que uma cultura é submetida à influência de outra, e a cultura receptora está numa posição de inferioridade. No entanto, esses sistemas não abarcam o contexto geral das condições em que ocorrem essas transferências. É claro que a transmissão de uma doutrina de um país em um outro dá lugar à análise das conjunturas políticas ou culturais que determinam os recursos do pensamento estrangeiro, conjunturas essas que são determinadas pela situação interna do país acolhedor.

Na década de 1990, Michael Werner, parceiro de Espagne nas pesquisas iniciais na década de 1980, em crítica ao modelo de Transferências Culturais, desenvolveu com Benedicte Zimmermann o conceito de “*Histoire Croisée*” para analisar processos históricos que acontecem em simultaneidade mundial ou regional.

Ao invés de discutir transferências bilaterais [como nos estudos em Transferências Culturais], a *Histoire Croisée* examina envolvimento multilaterais que ocorrem em um contexto temporal e espacial em que muitos atores interagem entre si em diferentes níveis, em diferentes direções (KAUFMAN & NORTH, 2010, p. 2, tradução nossa).

Outra crítica feita ao modelo das transferências vem de Peter Burke, que argumenta que o próprio termo não fornece uma descrição adequada do que ele chama de “encontro de culturas”, no qual informações e objetos fluem em direções diferentes, mesmo que desiguais. Assim, Burke sugere a utilização do termo “troca cultural”, ou melhor, “trocas culturais”, embora o termo ainda implique que um bem cultural está sendo entregue (BURKE, 2009, p.1). Burke acrescenta ainda que mesmo o termo “troca” é insatisfatório em alguns aspectos, ao implicar que algum bem cultural é entregue quase imutável quando, na verdade, estudos que combinam sociologia e literatura apontam que a recepção não é passiva, mas

um processo ativo. Burke observa também que a tradução é de importância central na história das trocas culturais:

Ideias, informações, artefatos e práticas não são simplesmente adotados, pelo contrário, são adaptados ao seu novo ambiente cultural. Eles são primeiro descontextualizados e depois recontextualizados, domesticados ou 'localizados'. Em uma palavra, são 'traduzidos'. (BURKE, 2009, p. 1, tradução nossa)

Aproximadamente 20 anos após a utilização do termo “Transferência Cultural”, no artigo “*Transferts culturels et histoire du livre*” de 2009, traduzido para o português em 2012 por Valéria Guimarães, Espagne traz seu conceito reformulado, principalmente, em decorrência das críticas que havia recebido pelas análises em Transferências Culturais terem como base um ponto de vista nacional muito forte, e por considerar as realidades nacionais como unidades relativamente estáveis, desconsiderando, nesse momento, os contatos e interações internacionais. Sendo assim, no nosso trabalho, nos pautamos, especialmente no artigo de Espagne de 2012, com o conceito reformulado.

Tendo em vista as críticas feitas em relação ao conceito, o próprio Espagne ressalta, que, apesar de ter sua gênese no comparatismo, partindo da ideia que os produtos nacionais podem ser confrontados, o método das Transferências Culturais não pressupõe um observador neutro que analisará objetos de pesquisa invariantes e dissociados de sua própria gênese (ESPAGNE, 2012, p. 22). Espagne procura se distanciar do método comparatista clássico utilizado nas pesquisas histórico-literárias até então, introduzindo a dimensão dinâmica e histórica das trocas culturais, falando de transferências e não de influências ou empréstimos no sentido tradicional da literatura comparada, dialogando com a área da história das ciências sociais, da filosofia e da história. De acordo com o autor, pesquisas com base nesse viés possibilitam análises que ultrapassam o quadro nacional, analisando a passagem de um objeto do seu contexto de surgimento para um novo contexto de recepção.

Nestas transferências internacionais o tradutor exerce um papel essencial de mediador, responsável por redigir um outro texto que será recebido num novo contexto. As traduções introduzidas em outras sociedades acabam tornando-se parte integrante da produção de conhecimento da cultura de chegada e, sendo assim, esses fenômenos de importação ou exportação não são estudados como uma mera comparação entre opostos, mas sim, como estruturas que interagem entre si, mesclando assim, uma à outra.

Atualmente, os trabalhos realizados com base nas Transferências Culturais, em vez de relações lineares e bem definidas entre duas ou três nacionalidades, combinam esse conceito teórico-metodológico com conceitos de história da arte, da antropologia, da sociologia, de etnologia e dos estudos pós-coloniais para visualizar ainda mais a complexidade dos entrelaçamentos e hibridizações das entidades culturais e dos espaços e identidades nacionais (XAVIER et al, 2013, p. 16).

Para compreender o viés econômico-ideológico no contexto das transferências culturais via tradução, também lançamos mão dos postulados de Pierre Bourdieu interpretados no contexto de tradução e transferências culturais através do trabalho de Joseph Jurt, “*Traduction et transfert culturel*” (2007). Pierre Bourdieu, indo além da concepção econômica de capital marxista, refere-se, na leitura de Jurt, à capital como algo simbólico, que traduz o prestígio de um indivíduo em um determinado campo social.

Bourdieu, sabiamente, faz uso de uma terminologia econômica – em consonância com os pesquisadores que criticam o paradigma de transferências culturais - quando fala de importação ou de exportação das ideias, a fim de se afastar de uma visão idealista. Ele se opõe à ideia de que a vida intelectual seria espontaneamente internacional. Como os demais espaços sociais, ela é, aos seus olhos, construída por nacionalismos ou imperialismos que se fundam sobre preconceitos, estereótipos, representações, etc. (JURT, 2007, p. 109, tradução nossa).

A cultura, então, seria um capital que pode ser percebido como o capital material e que pode ser descrita como uma competição em que estão envolvidos os escritores, como um conjunto de trocas onde o que está em jogo é o valor específico no espaço literário mundial. Porém, não é o caso de considerar obras literárias somente como bens econômicos, mas como objetos que possuem uma forma dupla de bens simbólicos e econômicos (JURT, 2007, p. 96). Nessa visão econômico-ideológica, o tradutor é considerado um mediador do comércio intelectual universal.

Jurt também destaca similaridades entre os estudos de Bourdieu e das pesquisas em Transferências Culturais, já que Bourdieu interpreta as traduções e reinterpretações a partir dos interesses do campo de recepção, ao passo que, as pesquisas em transferências culturais também tentam compreendê-las a partir da lógica do campo de recepção. Portanto, um espaço temporal fortemente marcado pela concepção nacional da cultura a fim de mostrar que a homogeneidade cultural pretendida das nações não corresponde à realidade.

Agora, tratando especificamente do *periódico* enquanto suporte para veiculação de tradução de literatura, destacamos sua importância como um dos elementos responsáveis pela significação dos textos, ao lado de elementos tradicionalmente estudados, como autor, texto e leitor. Cavallo e Chartier em seu livro *História da leitura no mundo ocidental* (1997, p. 16) apontam para o fato que as formas produzem sentido e que um texto se reveste de uma significação e de um estatuto inéditos quando mudam os suportes que o propõem à leitura, uma vez que os leitores nunca são confrontados com textos abstratos, ideais, desconectados da materialidade: eles manipulam os objetos e, ao fazê-lo, dirigem a possível compreensão do texto.

O suporte *periódico*, no Brasil, ganha cada vez mais espaço nas pesquisas em História. Dentre os trabalhos que tem como objeto de estudo a imprensa periódica, podemos citar: os de Socorro de Fátima Pacífico Barbosa, em especial, o livro *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX* de 2007; o artigo “A revista como fonte de pesquisa”, de Katia Aily Franco de Camargo, publicado na coletânea organizada por Socorro Barbosa em 2014; e o artigo de Tânia Regina de Luca, “Fontes impressas. História dos, nos e por meio dos periódicos”, publicado na coletânea organizada por Carla Pinsky em 2008.

Luca (2008, p. 112) afirma que nos trabalhos em história estabeleceu-se uma hierarquia qualitativa dos documentos, para a qual o especialista deveria estar atento. Nesse contexto, os periódicos pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões, no entanto, essa almejada objetividade e imparcialidade é algo que nenhum vestígio do passado pode alcançar. E continua, falando da materialidade dos impressos no XIX:

As diferenças de impressão dizem respeito ao estado dos avanços tecnológicos e também às práticas de leitura. Historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê. (LUCA, 2008, p. 132)

No artigo “A revista como fonte de pesquisa” (2014), Katia Aily Camargo afirma que o estudo de publicações periódicas pode propiciar ao pesquisador possibilidades de vislumbrar quais seriam os temas de interesse numa determinada época, a maneira como foram abordados, quem eram seus autores e seus leitores. No século XIX não havia um consenso sobre o que era uma revista

e, desde então, cada dicionarista adota definições distintas do termo: para Benoît Lecoq, por exemplo, a revista é uma intermediária intelectual entre o jornal e o livro; já Léon Blum complementa essa definição, em 1894, destacando que as revistas não são livros e, assim, não seria justo criticar um artigo de revista por sua confecção rápida e superficial (apud CAMARGO, 2014, p. 151, 152).

No trabalho de Socorro Barbosa, *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX*, a autora afirma que por muito tempo os estudos em História trazendo publicações da imprensa periódica como objeto de pesquisa foram deixados de lado, muito por conta do *status* que as revistas e periódicos possuíam de ser “desprovidos de qualidade literária” em função do seu caráter dinâmico e, portanto, “não perene” se comparados ao *status* que gozam os livros (BARBOSA, 2007). Entretanto, esses periódicos foram feitos no dia a dia e constituem uma boa representação das práticas literárias, editoriais e, principalmente, tradutórias da época, pois eram constituídos em contato com o cotidiano, representando modos de ver e de dizer, e, portanto, são fundamentais para a divulgação e circulação cultural neste período (BARBOSA, 2007, p. 77).

Esse preconceito para com os periódicos em geral contrastava com a extrema valorização do livro, é tanto que isso levou a maioria dos impressores a lhes darem o formato e o tamanho de um livro, com a paginação em série para que se formasse um único exemplar com a encadernação (BARBOSA, 2007, p. 19-27). Tania de Luca (2008, p. 131), no contexto do *Correio Braziliense* (1808-1822), também relata que o periódico era impresso num formato similar ao de um livro, com o número de páginas que podia chegar a 150, com a extensão dos artigos que se prolongavam por vários números e com a divisão interna da matéria, que podia incluir as seguintes seções: política, comércio e artes, literatura e ciências, miscelânea e correspondência. Vale ressaltar que as duas revistas objeto deste estudo também foram publicadas nesses moldes.

Com relação à maranhense *O Archivo* (1846), a mesma era editada pela Associação Literária Maranhense, e redigida por diversos associados, dentre eles, o mais ilustre era Antônio Gonçalves Dias. Essa revista foi acessada através do site do projeto *Jornais e Folhetins Literários da Paraíba do Século XIX*<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Site do projeto *Jornais e Folhetins Literários da Paraíba do Século XIX*: <<http://www.cchla.ufpb.br/jornaiseifolhetins/>>. Acesso em: 16 de outubro de 2013;

Já a baiana *Revista Americana* (1847-1848) era publicada mensalmente com cerca de 100 páginas cada número, com objetivo de instruir o povo e trazer prosperidade para a Bahia por meio da publicação de textos literários, científicos e noticiosos veiculados em revistas internacionais diversas. Ela foi acessada através da *Hemeroteca Digital Brasileira*<sup>5</sup>, uma biblioteca digital temática criada pela Fundação Biblioteca Nacional que disponibiliza publicações da imprensa periódica brasileira.

Para a apresentação inicial dessas duas revistas, no Capítulo 2, nos inspiramos no olhar sistemático apontado por Luca no artigo sobre a revista *Ilustração* (2014, p. 167, 168) conforme mencionado anteriormente.

Em seguida, no Capítulo 3, apresentamos um mapeamento das traduções e da própria atividade tradutória nas revistas, visando identificar paralelos e distinções entre o panorama da tradução em ambas. Para servir de base em nossa análise quantitativa, temos o trabalho “*Histoire des Concepts et Transferts Culturels, 1770-1815. Note sur une recherche*” de Hans-Jürgen Lüsebrink e Rolf Reichardt (1994), que foca no conjunto dos processos de transferências culturais, partindo do discurso de origem, passando pelas mídias e intermediários culturais até chegar às traduções. Os autores partem do princípio comparatista em que é possível relacionar fontes estrutural e formalmente, e essas fontes são suscetíveis de suprir resultados quantificáveis a fim de compreender mais precisamente as dimensões dos processos de transferências e as relações entre o discurso de origem e suas transformações (1994, p. 27-28).

Nesse artigo, Lüsebrink e Reichardt descrevem os passos de sua análise quantitativa no estudo dos contatos franco-alemães no período de 1770 a 1815. Um dos resultados apontados por essa pesquisa foi uma mostra quantitativa dos temas das obras traduzidas (monografias e artigos), mostrando o local de privilégio que o ocupa o domínio arte/cultura (25%) e, respectivamente, política (18%), ciências naturais (15%) e religião (13%); os outros 29% são compostos pelos temas economia, direito, história, etnologia e vida social. O estabelecimento quantitativo desse panorama da tradução ajuda a compreender os processos de

---

<sup>5</sup> Site da *Hemeroteca Digital Brasileira*: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 16 de outubro de 2013.



transferências do saber entre França e Alemanha nesse período, e esse modelo de quantificação de traduções foi adaptado aos objetivos da presente dissertação, mesmo que os dados quantificados por Lüsebrink e Reichardt não forneçam base para a contrastação com os nossos dados, por se tratarem de contextos distintos.

A análise descritiva das traduções, no Capítulo 4, foi realizada com base nas fontes primárias, ou seja, as próprias revistas: nove edições de *O Archivo*, e três edições da *Revista Americana*. E, ainda, nos pautaremos, sempre que possível, em documentos históricos relacionados ao nosso contexto de interesse, como cartas, anúncios comerciais, catálogos de publicação, dentre outros.

Tendo em vista o conceito de literatura da época, a exposição do corpus de traduções encontradas segue também a classificação genérica apresentada no manual adotado no Colégio Pedro II, o *Curso Elementar de Litteratura Nacional* (1862) do Cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.

Abreu (no prelo 2016, p. 14), citando Bourdieu, afirma que o sistema escolar, particularmente, por meio do ensino da história literária, inculcou os fundamentos de uma imagem nacional, impondo uma cultura dominante. A difusão desse modelo levou à construção de histórias literárias em que só há espaço para cânones de autores e de gêneros. Por isso, ao aplicar o modelo de gêneros literários estabelecido pelo Cônego Pinheiro, temos em mente que esse é apenas um dos manuais publicados no período, escrito por um autor, historicamente e ideologicamente marcado, e que, apesar de nos ajudar a compreender o período, não representa sua totalidade.

No século XIX não havia um consenso sobre quais gêneros deveriam ser considerados como literatura. Ferdinand Denis (apud ABREU, 2003, p. 62), no *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil* (1829), inclui tratados de medicina, textos jornalísticos, bibliografias, escritos sobre agricultura, história natural, direito, dicionários e gramáticas, em conformidade com a noção de literatura que apresentamos, como sinônimo de conhecimento e erudição.

À classificação genérica literária apresentada pelo Cônego Pinheiro, acrescentamos o grupo *História da Literatura*, que, de acordo com ABREU (2003, p. 45) refere-se aos escritos sobre as contribuições eruditas de diferentes países e épocas, como também escritos dedicados ao exame de gêneros poéticos e retóricos, ou seja, no século XIX, a História da Literatura, dizia respeito ao que

chamamos atualmente de História da Literatura propriamente dita, bem como às críticas literárias.

Ao todo, encontramos 47 traduções nas duas revistas, e, para melhor sistematizá-las, apresentamos cada uma delas em quadros individuais adaptados do “Esquema sintetizado para a descrição de tradução” apresentado por José Lambert no artigo “Sobre a descrição de traduções” (2011).

Por volta da década de 1980, estudiosos apontaram repetidamente a deficiência básica de toda teoria da tradução que não leve em consideração os resultados de estudos descritivos sistemáticos (LAMBERT, 2011, p. 197). Lambert defende que devemos nos questionar, portanto, como as traduções poderiam ser analisadas de forma a enriquecer o quadro histórico das pesquisas nos Estudos da Tradução, ressaltando a importância do estudo concreto de traduções e do comportamento tradutório em contextos socioculturais específicos.

Dessa maneira, o autor procura apresentar um quadro metodológico próprio e abrangente para o estudo de aspectos diversos da tradução, ao elaborar um modelo prático para um tipo de análise textual na qual tenta-se descrever e examinar estratégias tradutórias (LAMBERT, 2011, p. 198)

O nosso quadro adaptado sintetiza o contexto de chegada das traduções, apresentando *Título*, o *Autor*, o *Tradutor*, a *Estratégia geral de tradução*, revelando se a tradução do texto foi parcial ou completa, a se há presença de *Metatexto* (subtítulos, epígrafes, notas de rodapé, etc., foram mantidas ou acrescentadas?).

Assim, no Capítulo 2 a seguir, apresentamos um breve cenário histórico da imprensa periódica no século XIX, situando as revistas maranhense e baiana. No Capítulo 3, apresentamos um panorama geral das traduções de literatura encontradas em ambas revistas, expondo um mapeamento quantitativo do que era traduzido nas duas revistas no tocante à literatura. Por fim, no Capítulo 4, apresentamos uma análise descritiva das traduções de literatura encontradas, levando em consideração a importância da prática tradutória para o contexto cultural e social.

## CAPÍTULO 2



### ***O Archivo e Revista Americana* no contexto da imprensa no século XIX**

#### **2.1 Os periódicos no cenário da imprensa brasileira**

Em meados do século XIX, a imprensa periódica encontrava um cenário propício para o seu desenvolvimento, tendo em vista a demanda por informações de um número ainda pequeno, porém crescente, de leitores.

O mundo urbano expandia-se, os trilhos das ferrovias raspavam as regiões mais prósperas, a navegação a vapor acelerava as trocas, as atividades comerciais e os serviços começavam a se diversificar, contexto que a um só tempo favorecia e demandava a circulação da informação. [...] Imprensa e progresso, letras e luzes eram frequentemente associados (LUCA, 2008, p. 136; 137)

Apesar do contexto favorável descrito por Luca, até a primeira década de 1800, a criação de tipografias era proibida no Brasil, situação que prejudicou o desenvolvimento das letras e da imprensa como um todo no país.

Esse fato começou a se modificar em 1808 com a chegada da corte portuguesa, que teve como uma de suas primeiras medidas, na Carta Régia de 13 de maio de 1808, a criação da Impressão Régia no Rio de Janeiro, cuja administração caberia a uma junta incumbida de “examinar os papeis e livros que se mandassem publicar e fiscalizar e que nada se imprimisse contra a religião, o governo e os bons costumes” (SODRÉ, 1999, p. 19).

Na seção “Cronologias” do projeto *Memória de Leitura*<sup>6</sup> da Unicamp foi divulgada a Carta Régia de 1808, que autorizou a impressão no Brasil:

Tendo-me constado que os prelos que se achão nesta Capital, erão os destinados para a Secretaria de estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra; e attendendo à necessidade que há da Officina de Impressão nestes meus Estados; sou servido, que a casa onde eles se estabelecerão, sirva interinamente de Impressão Régia, onde se imprimão exclusivamente toda a legislação e papeis diplomaticos, que

---

<sup>6</sup> Site do projeto *Memória de Leitura* da Unicamp: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/crono/acervo/tx62.html>>.

emanarem de qualquer repartição de Meu Real Serviço; e se possão imprimir todas, e quaesquer outras Obras. (D. JOÃO VI, 1º de abril de 1808)

Até então, os impressos vinham da Europa, especialmente de Portugal e da França. Como conta Sodré (1999, p. 34), a primeira década da imprensa no Brasil é caracterizada por adversidades da condição política para o estabelecimento da imprensa, ainda que as condições materiais começassem a surgir.

Em 10 de setembro de 1808, publicou-se nessa tipografia o primeiro número do periódico oficial *Gazeta do Rio de Janeiro*, que em 4 páginas semanais trazia, em sua maioria, notícias europeias por meio da publicação de correspondências vindas da Inglaterra, França e Alemanha e noticiais traduzidas de outros periódicos internacionais.

Após a criação dessa tipografia, foram necessários 44 anos para que estabelecimentos de impressão chegassem a todas as unidades do território nacional. A Tabela 1 a seguir, apresenta a sequência do progresso tipográfico no país.

TABELA 1 – Criação de tipografias nos estados do Brasil

Províncias	Ano de criação da primeira tipografia
Rio de Janeiro	1808
Bahia	1811
Pernambuco	1821
Maranhão	1821
Pará	1821
Minas Gerais	1821
Ceará	1824
Paraíba	1826
São Paulo	1827
Rio Grande do Sul	1827
Goiás	1830
Santa Catarina	1831
Alagoas	1831
Rio Grande do Norte	1832
Piauí	1832
Sergipe	1832
Espírito Santo	1840
Mato Grosso	1840
Paraná	1849
Amazonas	1852

Fonte: ARAÚJO, Fátima. **História e Ideologia da Imprensa na Paraíba**. João Pessoa: A União Cia., 1983, p. 38-39.

Após a criação da Impressão Régia, o mercado editorial brasileiro passou a ser visto como uma boa oportunidade comercial por muitos editores, inclusive, os estrangeiros. Logo após a Carta Régia de 1808 que permitia a impressão em solo nacional, o empresário português instalado na Bahia, Manoel Antônio da Silva Serva, quase que imediatamente, procurou obter permissão para ir à Inglaterra e adquirir uma impressora para o estado (HALLEWELL, 1985, p. 57). Então, em 18 de dezembro de 1810, Silva Serva apresentou ao governador da Bahia, Marcos de Noronha e Brito, um pedido formal de autorização para começar a imprimir e, em 13 de maio de 1811, inaugurou sua tipografia (“Tipografia Silva Serva”). Distribuiu um folheto que anunciava para o dia seguinte a estreia do periódico *Idade d’Ouro do Brasil*, também conhecido como *Gazeta da Bahia*, o primeiro periódico impresso do Estado (TAVARES; ROSA, 2010, p. 221)<sup>7</sup>. Seguindo a mesma linha da *Gazeta do Rio de Janeiro*, publicava em suas 4 páginas, notícias internacionais obtidas por meio de correspondências e através de outros periódicos. No primeiro número desta folha, o redator publica a seguinte nota solicitando ao público que lhe ceda as correspondências nacionais e internacionais que julgarem dignas de nota, a fim de divulgar os principais temas mundiais:

O Redactor implora a todas as Pessoas, especialmente aos Senhores Comerciantes, cujas relações com outras Praças assim Nacionais como Estrangeiras, são mais amplas, a bondade de lhe comunicar todos os artigos que nas suas Cartas acharem dignos de merecer a atenção do Público, ou sejam tendentes ao melhoramento das Artes e Ciências, ou uteis ao Commercio, e que possam servir de symptomas do estado actual dos Negocios políticos de todo o Mundo. (IDADE D’OURO DO BRASIL, 14 de maio de 1811, p. 4)

A solicitação do redator da *Idade d’Ouro do Brasil* nos dá ideia das ligações intrínsecas e da circulação de informações entre o Brasil e outros países.

Ainda na tipografia de Silva Serva, a primeira revista literária publicada em solo nacional, *As Variedades ou Ensaios de Literatura*, teve dois números, um em fevereiro de 1812, e um número duplo em julho de 1812, e propunha-se a divulgar discursos, extratos de história antiga e moderna, viagens, trechos de autores

---

<sup>7</sup> Foi também de Silva Serva a ideia da criação das fitinhas do Senhor do Bonfim. Em 1809, enquanto era tesoureiro da Irmandade de Nosso Senhor do Bonfim, como ainda não havia tipografia na Bahia, ele decidiu que a irmandade deveria encomendar estampas religiosas bordadas para levantar fundos para a igreja. Posteriormente, essas estampas evoluíram para as famosas fitinhas baianas (TAVARES; ROSA, 2010, p. 222).

clássicos, anedotas, etc. (SODRÉ, 1999, p. 30). No jornal *Idade d'Ouro do Brasil*, publicou-se o “Prospecto de huma obra periodica que vai a publicar-se, denominada: as variedades, ou ensaios de literatura”, que anunciava a publicação de literatura na imprensa periódica:

Os jornaes literarios tem sido olhados em todo o tempo, como os meios mais eficazes, e proprios de derramar os conhecimentos humanos. He por elles que se diffundem aquellas luzes que tendem principalmente a inspirar o amor e a moral, e a promover a cultura das Artes, e das Sciencias, caminhos seguros de tornar os homens uteis, assim para os interesses e harmonia da sociedade em geral, como para a felicidade domestica [...]. As Artes e as Sciencias que diariamente dão passos coadjuvãõ-se mutuamente pelas relações que os jornaes fazem nascer, e as descobertas se facilitão [...]. (Anônimo. IDADE D'OURO DO BRAZIL. nº. 64, 10 de dezembro de 1811, p. 5)

Assim como na definição de literatura do Cônego Joaquim Fernandes Pinheiro (1862) apresentada no capítulo anterior, no anúncio veiculado na *Idade d'Ouro do Brasil*, percebemos dois pontos em comum: a definição de literatura, incluindo as ciências, e o destaque da importância da literatura para a divulgação do conhecimento e promoção cultural para o grande público. Em ambos os casos, a literatura é descrita como uma ferramenta fundamental para a elevação moral dos homens, bem como para o progresso da sociedade.

Como editor, Silva Serva publicou cerca de 176 títulos ao todo, sobretudo traduções, tendo como temáticas principais religião, direito, medicina, história e política (ROSA; BARROS, 2004, p. 4). Em 1819, após sua morte, sua viúva e herdeiros passaram a administrar a tipografia, que permaneceu aberta até o ano de 1840. Com isso, Salvador acabou perdendo muito de seu interesse como centro editorial: a Bahia foi eclipsada pelo Maranhão, Pernambuco, São Paulo e Minas Gerais (HALLEWELL, 1985, p. 134).

Apenas no final do século XIX é que teve lugar uma revitalização da atividade editorial na Bahia. O historiador Hallewell (1985, p. 134) afirma que essa revitalização foi obra quase que exclusiva de uma firma, a Typographia de Carlos Poggetti, posteriormente chamada de Livraria Catilina. Inicialmente, essa era uma casa varejista e, mais tarde, em 1849, iniciou seus trabalhos editoriais, chegando a publicar várias obras literárias de importância no início do século XX:

[...] a firma publicou *As poesias até agora não reunidas em volume*, de Castro Alves (1913, reeditadas em 1914), *Vargas* (1915) e *Frutos do tempo* (1919), de Coelho Neto, *As Páginas Literárias* (1918) e *As Cartas Políticas e Literárias* (1919) de Ruy Barbosa, e a 3ª edição de *Praieiros* (1910) de Xavier Marques. A firma publicou também os trabalhos legais de Ernesto Carneiro Ribeiro (HALLEWELL, 1985, p. 62, grifo do autor).

Em quase todos os casos dos livros publicados, a impressão era feita em Portugal, na França, ou em outros países da Europa, procedimento bastante usual por conta dos altos custos de edição. A razão fundamental da preferência pela impressão europeia era econômica, já que mesmo tendo que pagar o custo do frete transatlântico, o produto europeu era mais barato, além de possuir melhor qualidade, tanto técnica quanto estética (HALLEWELL, 1985, p. 134; 200). Indubitavelmente, a tipografia de Carlos Poggetti foi o exemplo mais bem sucedido do país. Tendo sido fundada em fevereiro de 1835, a mesma permaneceu aberta até o ano de 1960, ocasião em que era a mais antiga do Brasil, com 125 anos de funcionamento (ROSA; BARROS, 2004, p. 4).

Além de Silva Serva e Carlos Poggetti, podemos destacar o editor Epifânio José Pedroza, dono da tipografia onde se publicava a *Revista Americana* (1847-1848). Pouco se sabe sobre Epifânio e sua tipografia. Rosa e Barros, em seu trabalho “Panorama da História da Editoração em Salvador/Bahia” (2004, p. 4), apenas mencionam a existência de uma tipografia e livraria em posse de Pedroza em meados do século XIX. Já Sacramento Blake escreve o seguinte sobre ele, em seu *Dicionário Biográfico Brasileiro* (1893, p. 279): “nasceu na cidade da Bahia pelo ano de 1818 e aí faleceu em 5 de agosto de 1864. Coursou algumas aulas de humanidades; era cavalheiro da ordem da Rosa e estabelecido com uma oficina tipográfica.”

A pouca informação encontrada sobre Pedroza parece se estender ao contexto da *Revista Americana* (1847-1848) lá publicada: além de não terem sido encontrados trabalhos sobre esse periódico, dentro da própria revista não foram mencionados os nomes do corpo editorial em nenhum momento, poucos textos aparecem com nome do autor e nenhuma tradução traz o nome do tradutor, como veremos no subitem mais adiante.

Já em relação ao cenário da imprensa no Maranhão, apenas dez anos após a criação da primeira tipografia na Bahia é que foi inaugurada a sua primeira casa de impressão, em 1821, o que não impediu que essa fosse uma das mais prósperas províncias do Império no que concerne à imprensa.

Sodré (1999, p. 36) nos diz que a primeira década da imprensa no Brasil é marcada por adversidades, especialmente, políticas. Quando as condições políticas começaram a surgir a partir de 1820 com a Revolução do Porto e o retorno da Corte para Portugal, o processo de independência se acelerava e,

assim, existindo as condições materiais, a imprensa periódica passou a exercer um papel central para as letras no país.

Em meados do século, a produção de livros, como manifestação da prosperidade maranhense, alcançou um dos lugares mais altos em termos de padrão de excelência técnica e estética, de acordo com Hallewell (1985, p. 167, 168), que também nos conta que muito dessa prosperidade deve-se à proximidade entre Maranhão e Portugal.

Logo no início do domínio português, a província do Maranhão era uma posse direta de Lisboa, sem qualquer conexão formal com o Brasil, por isso, os laços culturais, comerciais e administrativos do Maranhão com a Europa eram mais fortes que no resto do país, força essa que se demonstrou durante a luta do Brasil pela independência (1822-1825), pela extensão do apoio dado pelos maranhenses ao domínio português<sup>8</sup>.

A impressão foi introduzida na província do Maranhão pelo presidente Bernardo da Silveira Pinto, em novembro de 1821, quando inaugurou a Typographia Nacional Maranhense para produzir o jornal governista *O Conciliador*. Já no primeiro ano de atividade, publicou-se lá uma tradução feita por Manuel Rodrigues de Oliveira do livro *De la philosophie de la nature*, de Jean Baptiste Claude Delisle de Sales (Amsterdam, 1770), publicado com o título de *Tratado de Moral para o Gênero Humano*, e outra tradução de um estudo médico de James Hall (HALLEWELL, 1985, p. 170).

Entre as firmas maranhenses de destaque nesse período está a Typographia Monárquica Constitucional, que, posteriormente, passou a se chamar de Typographia Maranhense. Ela pertencia inicialmente a Francisco de Salles Nunes Cascaes e foi vendida, em 1848, a Fábio Alexandrino de Carvalho Reis, Antônio Teófilo de Carvalho Leal e Antônio Rego, todos colaboradores da revista *O Archivo* publicada nessa tipografia no ano de 1846. Pouco tempo depois da aquisição, a tipografia foi novamente vendida pelos editores de *O Archivo* para o chefe da oficina, Antônio José da Cruz, (HALLEWELL, 1985, p. 171) que

---

<sup>8</sup> Apesar dos avanços da imprensa no Maranhão, Hallewell (1985, p. 172) narra um episódio passado com Pereira Ramos, dono de uma tipografia, que, ao importar um novo prelo, veio junto um pequeno rolo revestido de couro, posto de lado e tomado como inútil. Anos mais tarde, quando os impressores do jornal *O Progresso* importaram um novo prelo é que alguém descobriu que o objeto servia para o entintamento da forma, aproximadamente trinta e oito anos após sua invenção.



aparece na capa da revista alvo desta pesquisa como responsável pela impressão da mesma (IMAGEM 2, p. 24).

Apresentado esse breve panorama, destacamos que mesmo com as dificuldades da recém-criada indústria tipográfica brasileira, como a forte censura imposta pela corte portuguesa e os altos custos de produção devido, principalmente, ao preço do papel e à descontinuidade das assinaturas – fator que definia a sequência ou extinção dos periódicos –, jornais e revistas são uma importante ferramenta para a reconstituição e visibilidade da vida literária e, consequentemente, tradutória do século XIX. Nas subseções abaixo, apresentamos as revistas maranhense e baiana inspiradas no olhar sistemático apontado por Luca no seu artigo sobre a revista *Ilustração* (2014, p. 167, 168), visando destacar as condições técnicas disponíveis no momento de circulação e o contexto em que estavam inseridas.

### 2.1.1 O *Archivo* (1846)

QUADRO 1 - Informações preliminares sobre O *Archivo*

<b>Período de publicação</b>	Fevereiro de 1846 a dezembro de 1846
<b>Título e subtítulo</b>	O <i>Archivo</i> . Jornal Científico e Literário da Associação Literária Maranhense
<b>Impressor</b>	Antônio José da Cruz
<b>Tipografia</b>	Typographia Maranhense
<b>Responsáveis</b>	Membros da Associação Literária Maranhense
<b>Temática</b>	Ciência e literatura
<b>Estruturação do conteúdo</b>	Apenas a primeira edição estava dividida em duas seções: “Sciencia” e “Litteratura”
<b>Anunciantes e distribuidores</b>	Não contava com anunciantes e era distribuída pelos membros correspondentes da Associação Literária Maranhense
<b>Preço</b>	- A assinatura anual custava 4\$000 (quatro mil réis) pagos na recepção do 1º número do semestre; - A assinatura semestral custava 2\$400 (dois mil e quatrocentos réis); - A assinatura anual para o interior e fora da província custava 5\$000 (cinco mil réis)

Fonte: pesquisa direta, 2016

Para Hallewell (1985, p. 170), a idade áurea da literatura maranhense começa com o aparecimento dos primeiros poemas de Gonçalves Dias em *O Archivo*. Já Martins, em sua pesquisa “Breve panorama histórico da imprensa literária no Maranhão oitocentista” (2010), apresenta a revista conforme excerto a seguir:

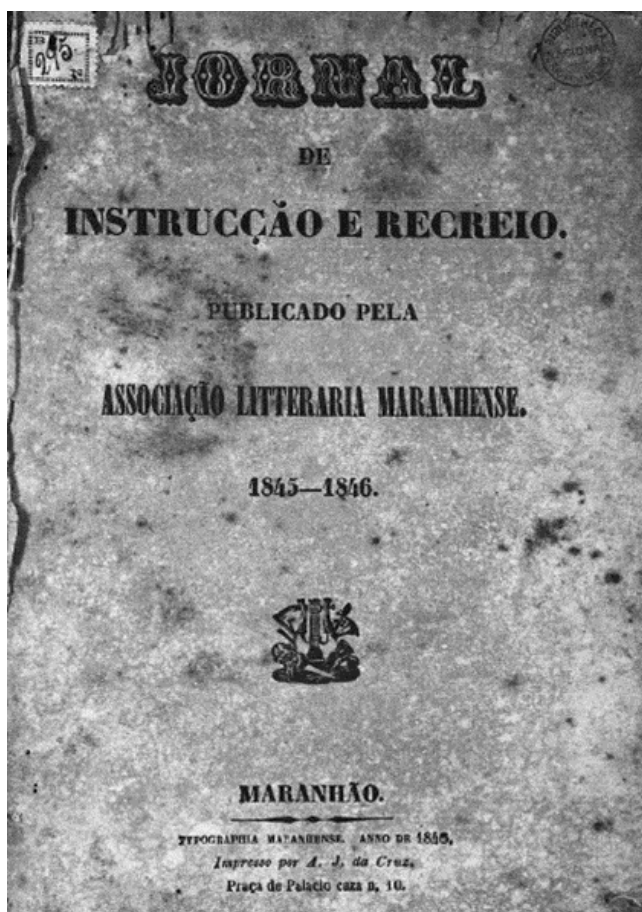
A publicação científica e literária *O Archivo* contava, em geral, com cerca de 20 páginas de texto a cada número, tendo como objetivos a divulgação das letras, ciências e do gosto pela instrução entre os maranhenses. Nos nove números impressos, foram publicados artigos sobre os mais diversos assuntos: literatura, teatro, boletins bibliográficos, historiografia, história natural, economia, política, fisiologia, tecnologia, teologia, notícias e variedades, crítica literária, fragmentos de romances, novelas, contos, traduções e poemas. Contudo, o assunto dominante era mesmo o literário. [...] Nas páginas de *O Archivo* é que se pode contar efetivamente o início da carreira literária de Gonçalves Dias, não apenas como membro efetivo da Associação Literária Maranhense, mas como colaborador assíduo do periódico. (MARTINS, 2010, p. 117, 118, grifo do autor)

Publicada de fevereiro de 1846 a dezembro de 1846, intitulando-se “jornal” com o subtítulo *Jornal Científico e Literário da Associação Literária Maranhense*, a revista *O Archivo* era impressa por Antônio José da Cruz na Typographia Maranhense, localizada na Praça do Palácio em São Luís do Maranhão. Era o órgão oficial da Associação Literária Maranhense, entidade precursora da Academia Maranhense de Letras (1908), cuja fundação data de 1845 por estudantes do Liceu Maranhense. Em 11 de maio de 1845, durante sessão ordinária, a Associação ampliou seu quadro de membros, aprovando, entre outros, Antônio Gonçalves Dias e seu melhor amigo, Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, que junto com outros colaboradores, adquiriu a Typographia Maranhense em 1848.

Essa revista não foi o primeiro empreendimento da Associação que, em 1845, passou a publicar mensalmente o *Jornal de Instrução e Recreio* (IMAGEM 1) que, no ano seguinte, deixou de circular, sendo substituído pela revista alvo do nosso trabalho, cuja introdução foi redigida por Gonçalves Dias.

No trecho a seguir, retirado da introdução de *O Archivo*

Imagem 1 - Capa do *Jornal de Instrução e Recreio*

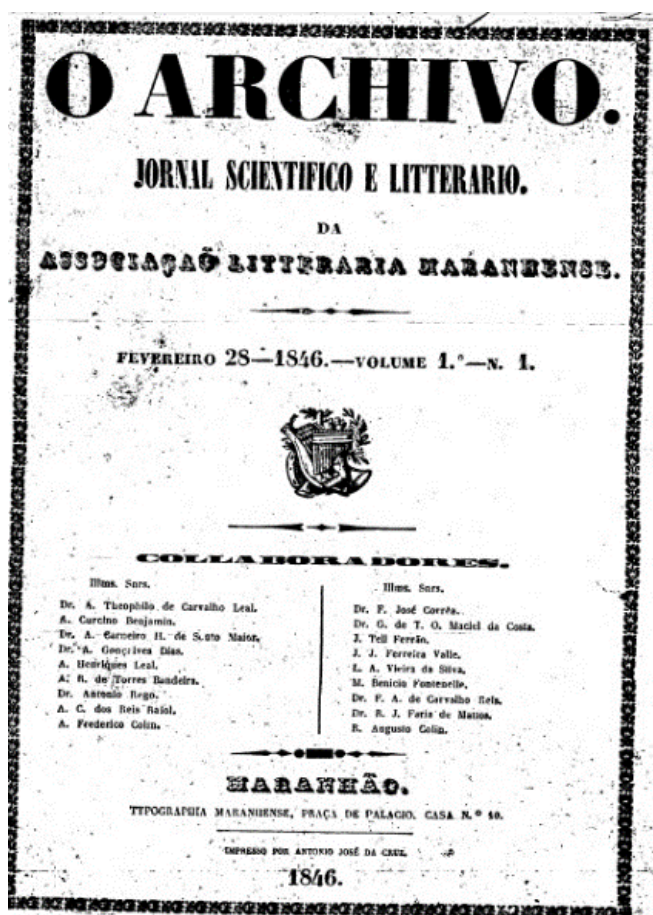


Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2016.

(IMAGEM 2), o poeta fala de críticas vindas da opinião pública em relação à revista anterior e seu foco no conteúdo literário.

O nosso horisonte de hoje é mais vasto e mais variado; alguns preconceitos, talvez anteriores à esta empresa, emudeceram e esperam; e nós que sentimos todo o peso da responsabilidade, que a opinião publica tem suspensa sobre as nossas cabeças - preencheremos as promessas, que já lhe fizemos, e que agora lhe renovamos; - [...] Augmentámos o volume da nossa folha litteraria - e de ora avante haverá logar nas nossas columnas para todos os artigos de sciencias, quer sejam philosophicas - quer positivas, quer abstractas. [...] nosso fim não é aperfeiçoar as sciencias (longe de nós tal arrojo) é sim propagar o amor della - o amor do estudo - o amor da instrucção. (DIAS. In: O ARCHIVO, 1846, nº 1, p. 1)

Imagem 2 - Capa de *O Archivo*



Fonte: Projeto Jornais e Folhetins Literários da Paraíba no Século XIX, 2016.

Nesse excerto, identificamos similaridades entre a concepção de literatura de Gonçalves Dias, e àquela apresentada pelo Cônego Joaquim Fernandes Pinheiro (1862, p. 9), que associa as humanidades e ciências “desde que escritas de modo agradável”, sempre destacando sua importância para a divulgação do conhecimento e instrução do público. Apesar de não termos comprovação de que Dias e o Cônego Pinheiro mantiveram contato na época da publicação de *O Archivo*, sabemos que os dois se correspondiam, conforme a carta no Anexo A, em que Dias escreve ao Cônego em 1861, informando que possui alguns

mapas referentes aos rios amazonenses e questiona se o material o interessava, já que nesse período, o Cônego Pinheiro era secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Voltando ao trecho acima transcrito, Gonçalves Dias firma a promessa de atender aos pedidos dos leitores de publicar ciência, tanto que a primeira edição

da revista vem dividida em duas seções: “Litteratura” e “Sciencias”. No entanto, a promessa não é mantida e, a partir do segundo número de *O Archivo*, extingue-se a breve seção científica, apesar de no segundo número ter sido publicada uma tradução técnica intitulada “Influência da Lua”. Mesmo assim, em todas as edições havia um seção curta de variedades dando notícias diversas nacionais e internacionais. Nesse período era comum encontrar periódicos que se definiam como “uma publicação de diversidades” para angariar assinantes e, na prática, se restringiam a uma temática em específico. Podemos citar o caso do periódico carioca *O Beija-Flor* (1830), descrito por Xavier e Fernandes (2014), que mesmo com o subtítulo “Anais Brasileiros de Ciência, Política, Literatura, etc. etc.”, ocupou-se, em sua maioria, com a publicação de literatura e demais escritos que contribuíssem para a instrução pública, no entanto, o mesmo acabou falindo oito meses após a inauguração, de acordo com os próprios redatores, por não ter encontrado um lugar ao lado da imprensa política de tom polêmico (XAVIER; FERNANDES, 2014, p. 495, 496).

Voltando ao contexto de *O Archivo*, na capa da mesma há o nome de 18 colaboradores<sup>9</sup> que possuíam um perfil similar (APÊNDICE A): eles tinham em torno de 25 anos, eram estudantes ou recém formados nos cursos de Direito ou Medicina no Maranhão, em Pernambuco ou na Europa, e, posteriormente a sua empreitada na revista maranhense, a maioria deles acabou exercendo a profissão que havia cursado (direito ou medicina), ou exercendo cargos no funcionalismo público ou na política.

Essa revista não contava com propagandas, o que leva a crer que a única fonte de renda eram os assinantes. No que diz respeito à distribuição, ela era feita pelos membros correspondentes da Associação Literária Maranhense e, além da província do Maranhão, também fora vendida em Pernambuco, na Bahia, no Pará e no Piauí, conforme informação veiculada na seção “Aviso” na sua primeira edição (ANEXO B).

---

<sup>9</sup> André Curcino Benjamin, Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, Antônio Carneiro Homem de Souto Maior, Antônio Gonçalves Dias, Antônio Henriques Leal, Antônio Rangel de Torres Bandeira, Antônio Rego, Augusto Cesar dos Reis Raiol, Augusto Frederico Colin, F. A. de Carvalho Reis, Frederico José Corrêa, Gregório de Tavares Ozório Maciel da Costa, José Tell Ferrão, José Joaquim Ferreira Valle, Luís Antônio Vieira da Silva, Manoel Benício Fontenelle, Raymundo José Faria de Mattos, Roberto Augusto Colin.

Ainda na seção “Aviso”, informa-se o preço das assinaturas: 4\$000 (quatro mil réis) para a assinatura anual em São Luís e 5\$000 (cinco mil réis) para a assinatura anual para o interior e fora da província. Para se ter uma ideia de quanto valia essa quantia na época, de acordo com dados disponibilizados na página “Linha do Tempo: Números, Estatísticas e Valores” do projeto *Memória de Leitura* das professoras Márcia Abreu e Marisa Lajolo da Unicamp<sup>10</sup>, no Brasil de 1846, uma criada ganhava mensalmente em torno de 5\$000 a 6\$000 (cinco a seis mil réis), aproximadamente o preço da assinatura anual de *O Archivo* para fora da província.

### 2.1.2 Revista Americana (1847-1848)

QUADRO 2 - Informações preliminares sobre a *Revista Americana*

<b>Período de publicação</b>	Dezembro de 1847 a fevereiro de 1848
<b>Título e subtítulo</b>	Revista Americana. Jornal dos Conhecimentos Úteis, Científico, e Litterário
<b>Impressor</b>	NÃO INFORMA
<b>Tipografia</b>	Typographia de Epifânio Pedroza
<b>Responsáveis</b>	NÃO INFORMA
<b>Temática</b>	Variedades
<b>Estruturação do conteúdo</b>	Apenas a 1ª edição é dividida nas seguintes seções: “Conhecimentos úteis”, “Sciencias” e “Variedades” (onde publicava-se literatura)
<b>Anunciantes e distribuidores</b>	Não contava com anunciantes e era distribuída na tipografia em que era impressa e em duas livrarias
<b>Preço</b>	- A assinatura anual custava 20\$000 (vinte mil réis); - A assinatura semestral custava 11\$000 (onze mil réis) - A assinatura anual para outras províncias custava 24\$000 (vinte e quatro mil réis) e, semestralmente, custava 14\$000 (quatorze mil réis).

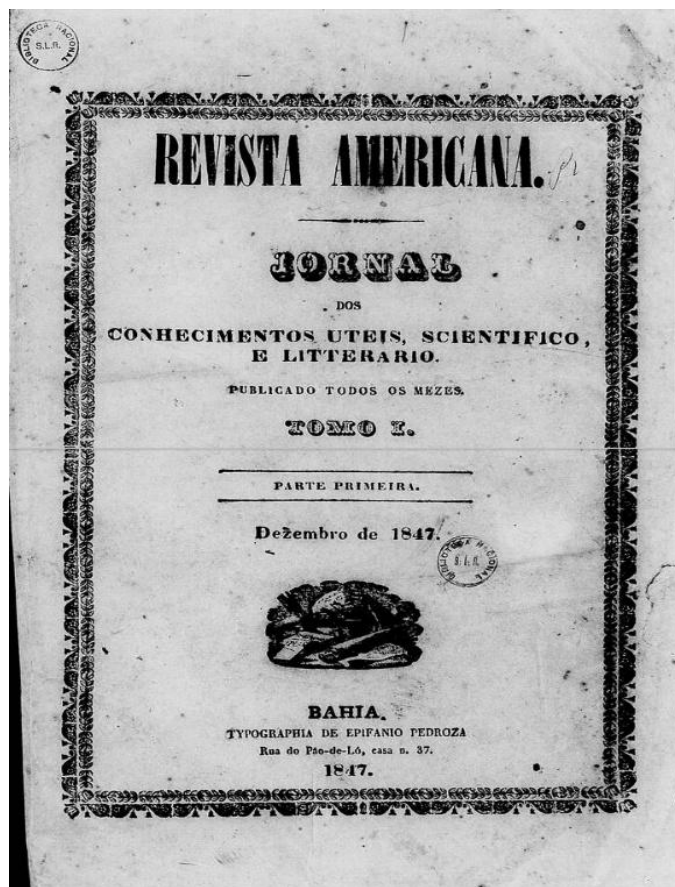
Fonte: pesquisa direta, 2016

As definições hoje correntes, reservam o termo *jornal* para a publicação diária, em folhas separadas, e *revista* para as publicações de periodicidade mais espaçada e com maior diversidade temática, o que tampouco esgota a questão da nomenclatura já que é possível citar jornais semanais que abarcam vários temas, e revistas extremamente especializadas (LUCA, 2008, p. 131). O próprio periódico que tratamos aqui, a *Revista Americana* (IMAGEM 3), não apresenta

<sup>10</sup> Site do projeto *Memória de Leitura*: <[http://unicamp.br/iel/memoria/base\\_temporal/Numeros/index.htm](http://unicamp.br/iel/memoria/base_temporal/Numeros/index.htm)>. Acesso em: 27 de julho de 2015.

consistência quanto à nomenclatura, já que se intitula revista e no subtítulo traz a palavra “jornal” (*Jornal dos Conhecimentos Uteis, Scientifico, e Litterario*).

IMAGEM 3 - Capa da *Revista Americana*



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2016.

Na primeira página da edição inaugural, há um “Prólogo”, sem menção de autoria, em que se afirma que essa publicação tinha o objetivo de instruir o povo e trazer prosperidade para a Bahia por meio da publicação de textos literários, científicos e noticiosos veiculados em revistas e jornais internacionais diversos. Dentre eles, podemos citar o *Journal des Débats* (1789-1944) da França, o *Morning Chronicle* (1769-1865) da Inglaterra e *O Panorama* (1837-1856) de Portugal,

além de periódicos brasileiros

de grande circulação a exemplo da *Gazeta Oficial do Império do Brasil* (1846-1848). No trecho abaixo, extraído da própria revista, os editores justificam essa prática de veicular quase que exclusivamente textos de outros periódicos:

O trabalho de folhearmos todos esses livros, todos esses jornais, que diariamente se publicam no velho e no novo mundo, é deles extrair o que for mais conveniente e mais apropriado às necessidades de nosso país. (REVISTA AMERICANA, 1847, p. 8)

O “Prólogo” sem assinatura do autor dá indicação da tendência que permanece em toda a revista, onde pouquíssimos trabalhos mencionam o nome dos autores e em nenhuma tradução é mencionado o tradutor, bem como também não são informados os nomes do impressor, dos responsáveis, dos colaboradores, etc. No entanto, deve-se levar em consideração que a ideia de autoria é bastante recente e, no século XIX, essa prática não era uma peculiaridade da imprensa brasileira, mas sim, uma marca da imprensa como um

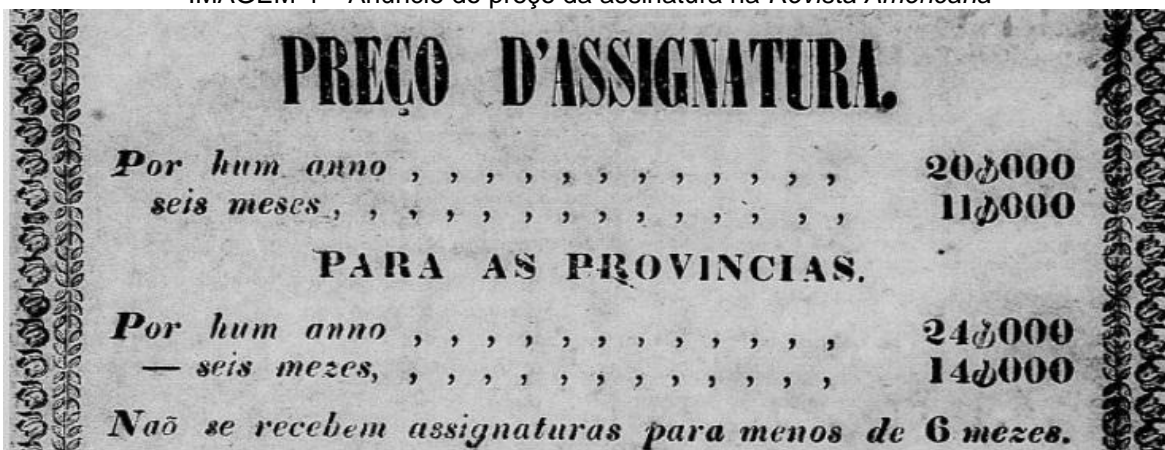


todo. Voltaremos a tratar da questão fundamental de autoria e anonimato no século XIX adiante no Capítulo 3.

O primeiro número da *Revista Americana* foi publicado em dezembro de 1847, na Typographia de Epifânio Pedroza, contendo cerca de 100 páginas. Apenas essa 1ª edição apareceu dividida nas seguintes seções: “Conhecimentos úteis”, “Sciencias” e “Variedades” – onde publicava-se literatura.

Apesar de só terem sido encontradas três edições que compõem o primeiro tomo da *Revista Americana*, de acordo com o anúncio retirado da própria (IMAGEM 4), lê-se: “Não se recebem assignaturas para menos de 6 mezes”, levando a crer que o periódico possuiu ao menos seis edições.

IMAGEM 4 – Anúncio do preço da assinatura na *Revista Americana*



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira, 2016.

Assim como a maranhense *O Archivo*, essa revista não contava com propagandas, o que leva a crer que a única fonte de renda eram os assinantes. Já com relação à distribuição, a mesma podia ser encontrada, além da tipografia em que era impressa, em duas livrarias, conforme o seguinte trecho do anúncio apresentado no Anexo C: “Subscreve-se nesta tipografia, e nas lojas de livros dos Srs. J. B. Martin, à rua direita da Misericórdia, e Carlos Poggetti, à rua nova do Comércio. Nos mesmos lugares se vendem os números avulsos”.

No mesmo anúncio divulgou-se o preço das assinaturas para a Bahia: 20\$000 (vinte mil réis) para a assinatura anual e 11\$000 (onze mil réis) para a assinatura semestral. Já para outras províncias, a assinatura anual custava 24\$000 (vinte e quatro mil réis) e, semestralmente, 14\$000 (quatorze mil réis). Fazendo um apanhado dessa quantia na época, de acordo com Mattos (2007, p. 79), em 1850 na Bahia, um escravo, dependendo de suas habilidades, poderia

chegar ao preço de 20\$000 (vinte mil réis), o preço da assinatura anual da revista na Bahia em 1847.

A média de preços dessa revista contrasta bastante com os preços de *O Archivo*, já que assinatura da mesma para um ano no Maranhão custava quatro mil réis, enquanto a da revista baiana custava vinte mil réis para a Bahia. Para justificar esse preço, podemos considerar o tamanho da publicação baiana em relação à maranhense (cerca de 100 páginas, enquanto que a revista maranhense tinha em média 20 páginas) e o fato de as condições editoriais no Maranhão serem mais favoráveis, por se tratar de um centro impressor mais desenvolvido em relação à Bahia.

Dando continuidade aos nossos estudos, no capítulo a seguir nos aprofundamos no cenário de tradução e imprensa periódica do século XIX através da exposição de um quadro quantitativo das traduções de literatura publicadas em *O Archivo* e na *Revista Americana*.



## CAPÍTULO 3



### Tradução de literatura em *O Archivo* e na *Revista Americana*

#### 3.1 Imprensa periódica e tradução no século XIX

Podemos afirmar que os periódicos do século XIX eram um importante suporte para a veiculação de traduções que, por sua vez, favoreciam a produção literária brasileira ao desempenhar um papel importante na disseminação do gosto pela leitura de romances folhetins no público. Um dos fatores apontados por Barbosa (2007, p. 21) para explicar o número de traduções publicadas era justamente esse, o público, que exigia traduções de romance folhetins, gênero que aos poucos foi sendo ensaiado pelos escritores brasileiros.

O número de livros estrangeiros que circulavam no país também era grande. De acordo com um levantamento de Márcia Abreu (2011, p. 122), entre os anos 1808 e 1821, os títulos enviados com mais frequência de Lisboa para o Rio de Janeiro eram compostos por 46% de obras escritas originalmente em francês. No mesmo trabalho, Abreu (2011, p. 118) afirma que o mercado editorial francês exportou para o Brasil ao todo 1.000 toneladas de livros em 1841, tendo duplicado o valor para 2.000 toneladas no ano de 1869, e chegando a 4.7 mil toneladas de livros exportados no ano de 1890. Essa, certamente, era uma das maneiras pela qual os responsáveis por *O Archivo* e *Revista Americana* tinham acesso aos escritos para publicação.

Os títulos em circulação no Brasil não se restringiam a obras escritas por autores franceses; havia entre eles inúmeras traduções para o francês, cujas obras na língua de origem, muitas vezes nem chegavam a ser requisitadas para importação. Apresentamos adiante alguns desses casos de traduções de segunda mão, ou até de terceira mão, nas duas revistas alvo desse estudo, que foram traduzidas para o português com base na tradução em francês.

Mesmo com a grande importância da França no nosso país, a veiculação de escritos não acontecia em sentido único, essa relação deve ser pensada mais em termos de conexão que de dependência. Temos como exemplo de obra brasileira publicada na França, *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga, traduzida para o francês em 1825. Mesmo antes da tradução, a obra já havia sido bastante divulgada em português, pois até 1821 esse livro constava como um dos 10 títulos mais exportados por Portugal, apesar de ter sido editado e publicado pela Impressão Régia no Rio de Janeiro (ABREU, 2011, p. 124).

A ampla divulgação da literatura estrangeira no Brasil do século XIX estava diretamente relacionada às práticas de leituras e ao gosto do público que, por sua vez, determinava e orientava o trabalho dos editores e livreiros. De acordo com Wyler (2003, p. 57-59) esses leitores faziam parte da elite brasileira, que lidava com uma dupla exposição cultural, do colonizador português e também da cultura francesa que havia se fortalecido, principalmente, durante o período anterior a 1808, em que era proibida a impressão no Brasil, e a única opção da população era recorrer a impressos importados.

Também era comum que os filhos das elites coloniais, compostas por funcionários públicos, senhores de engenho, criadores de gado e oficiais, fossem encaminhados a universidades na Europa. Tanto que, consta na Universidade de Coimbra que até o ano de 1889, 1.021 brasileiros receberam os graus de bacharel e doutor (WYLER, 2003, p. 55, 59). Eram esses membros da elite que, ao voltarem dos seus estudos na Europa, traziam consigo os hábitos e modos de lá. Tal panorama descrito por Wyler coincide com o perfil dos colaboradores de *O Arquivo* (APÊNDICE A). Como vimos no capítulo anterior, eles eram estudantes ou recém formados nos cursos de Direito ou Medicina no Maranhão, em Pernambuco ou na Europa.

Com relação à autoria, a questão da falta de apego à mesma – pelo menos por parte dos autores – era uma forte característica de jornais e periódicos do século XIX. Segundo Barbosa (2007, p. 32), desde os primórdios da imprensa brasileira, observa-se uma tendência forte ao anonimato ou ao uso indiscriminado de pseudônimos, tanto nos jornais da Corte como naqueles existentes nas províncias no século XIX. Outra razão para o anonimato apontada por Barbosa (2007, p. 33) diz respeito à necessidade de proteção, fosse das autoridades, fosse da reputação, ou até mesmo, no caso das mulheres, de algum pai ou

marido. O certo é que havia quase um padrão, em que ora se utilizavam as iniciais do nome, ora os asteriscos. Nas revistas *O Archivo* e *Revista Americana* não era diferente, pois na grande maioria dos textos constam apenas as iniciais dos autores, e no caso das traduções, em muitos casos, não há referência ao nome nem do autor, nem do tradutor, e quando há, não é mencionada a publicação de origem.

Tratando especificamente das traduções de literatura publicadas na imprensa periódica, o nosso trabalho monográfico de 2013 com a revista paraibana *Alva* (1850) mostrou que esses textos passavam por várias modificações e transformações para se integrar à produção nacional. Nas seis edições da *Alva* foram encontrados textos estrangeiros<sup>11</sup>, geralmente, servindo de epígrafe às produções regionais. Essas epígrafes funcionavam como introdução ou estratégia para enfatizar algum aspecto do texto, dando base para a argumentação, mas, acima de tudo, tinham a função de ornamentar o texto, demonstrando o conhecimento do autor. Com relação à estrutura das traduções, podemos citar como característica comum a todas elas a não citação do nome dos autores, a não ser nos casos em que se tratava de uma figura ilustre. No entanto, mesmo nesses casos, não era feita referência à obra de origem. Outra característica da *Alva* é a forma como os editores se apropriavam dos textos estrangeiros, sempre de maneira muito peculiar, realizando as modificações que consideravam necessárias para que o importado se tornasse parte integrante e indissociável da produção local.

Como veremos no próximo capítulo, as apropriações dos textos estrangeiros empreendidas por meio de modificações diversas não se restringem ao contexto da *Alva* e abrangem também as duas revistas de que tratamos aqui, provavelmente, por conta do *Código Criminal do Império do Brasil* de 1831, na seção “Crimes contra a propriedade”, ter criado indiretamente uma lei de direito autoral que proibia a reprodução, em várias modalidades, de escritos ou estampas feitos, compostos ou traduzidos por cidadãos brasileiros (SOUZA,

---

<sup>11</sup> Aqui, falamos de “textos estrangeiros” e não “textos traduzidos” porque, além de traduções, foram encontradas na *Alva* (1850) diversas citações em língua estrangeira; No *corpus* do presente trabalho foram considerados apenas os textos traduzidos.

1858, p. 96; 97)<sup>12</sup>. A proteção conferida pela lei durava a vida do autor/tradutor, e um período de dez anos após a morte deste na existência de herdeiros. No entanto, essa lei não garantia aos estrangeiros o direito a sua propriedade e, exatamente por conta da não proteção da propriedade intelectual estrangeira pela lei de direitos autorais nacional, é que os tradutores gozavam de bastante liberdade para se apropriar dos textos estrangeiros, tornando-os parte da produção literária nacional, através de inúmeros cortes e modificações, característica comum a muitas traduções da época, em que os textos eram adaptados livremente para que se ajustassem aos propósitos de determinado editorial.

### **3.2 Uma visão geral sobre as traduções de literatura em *O Archivo* e na *Revista Americana***

Com relação aos textos traduzidos na revista *O Archivo* (1846), nas nove edições, foram identificadas 26 traduções de literatura, e na *Revista Americana* (1847-1848) foram identificadas 21 traduções de literatura, conforme os Quadros 3 (p. 34) e 4 (p. 38) respectivamente. Aqui, falamos de “traduções identificadas” pois a maioria dos textos não traz indicação de que era uma tradução, assim, tiveram que ser verificados caso a caso, e a confirmação de que se tratava de um texto traduzido veio com a identificação dos possíveis textos de partida.

Os quadros a seguir apresentam o contexto de chegada e de partida dos textos traduzidos. Na seção do *Contexto de chegada*, a coluna *Gênero* tem como base a classificação dos gêneros literários apresentada pelo Cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro na obra *Curso Elementar de Litteratura Nacional* (1862). A tal classificação, acrescentamos a *História da Literatura*, que apesar de não ser contemplada no trabalho do Cônego de 1862, é imprescindível para a

---

<sup>12</sup> “Art. 261. Imprimir, gravar, litografar ou introduzir quaisquer escritos ou estampas que tiverem sido feitos, compostos ou traduzidos por cidadãos brasileiros, enquanto estes viverem, e dez anos depois de sua morte, se deixarem herdeiros. Penas: Perda de todos os exemplares para o autor ou tradutor, ou seus herdeiros, ou, na falta deles, do seu valor e outro tanto, e de multa igual ao trespasseiro do valor dos exemplares. Se os escritos ou estampas pertencerem a corporações, a proibição de imprimir, gravar, litografar ou introduzir, durará somente por espaço de dez anos” (SOUZA, 1858, p. 96; 97).

composição do quadro contextual da tradução de literatura do antigo Norte brasileiro.

Quanto à seção *Contexto de partida*, ressaltamos que, exceto nos casos em que o título de partida foi explicitado nas revistas, não há como definir se esse é de fato o contexto de partida do texto traduzido. Isso porque não temos como inferir, por exemplo, se o tradutor teve acesso ao texto de partida através do livro estrangeiro ou através de trechos desse livro publicados na imprensa periódica estrangeira ou divulgados através de folhetos, práticas recorrentes no século XIX. Há ainda a possibilidade do texto traduzido em si ter sido retirado da obra já traduzida para o português, quer seja através do próprio livro ou de outras revistas brasileiras, algo muito comum no período. Em todo caso, não era obrigatório fazer referência às fontes, como vimos anteriormente no excerto do *Código Criminal do Império do Brasil* de 1831.

Verificamos muitos exemplos da omissão de informações contextuais das traduções, conforme os Quadros 3 (p. 34) e 4 (p. 38) abaixo, em que as informações grifadas em vermelho indicam os elementos que não foram encontrados nas revistas maranhense e baiana. De qualquer modo, nossa ampla pesquisa pelos textos de partida – mesmo sem a identificação da referência bibliográfica exata – deu-nos base para a análise das traduções e das transformações ocorridas durante seu caminho para o novo contexto cultural.

QUADRO 3 – Traduções de literatura em *O Archivo*

Contexto de chegada			Contexto de partida		
Gênero	Título da tradução	Tradutor	Título de partida	Autor(a)	Idioma
Gênero Lírico	Canção de Bug-Jargal (v1, p8-9)	Antônio Gonçalves Dias	<i>Bug-Jargal</i>	Victor Hugo	Francês
	Ao Rouxinol (v4, p80-81)	Antônio Rangel de Torres Bandeira	<i>Harmonies Poétiques et Religieuses</i>	Alphonse de Lamartine	Francês
	O somnambulo (v5, p94)	Augusto Frederico Colin	<i>Œuvres de A. de Vigny</i>	Alfred de Vigny	Francês
	Os túmulos campestres (v6, p119-120)	Augusto Frederico Colin	<i>Œuvres complètes. Mélanges et Poésies</i>	François-René de Chateaubriand	Francês
	O Outomno (v9, p176-177)	Roberto Augusto Colin	<i>Œuvres de Lamartine</i>	Alphonse de Lamartine	Francês
Gênero Épico	Velleda (v9, p182-185)	Augusto Frederico Colin	<i>Les Martyres</i>	François-René de Chateaubriand	Francês
Romance	A Empada d'Arenques (v1, p13-15)	Antônio Rego	<i>Hood's Magazine</i>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	Inglês
	O irmão e a irmã	Roberto	<i>Othon L'Archer</i>	Alexandre Dumas	Francês

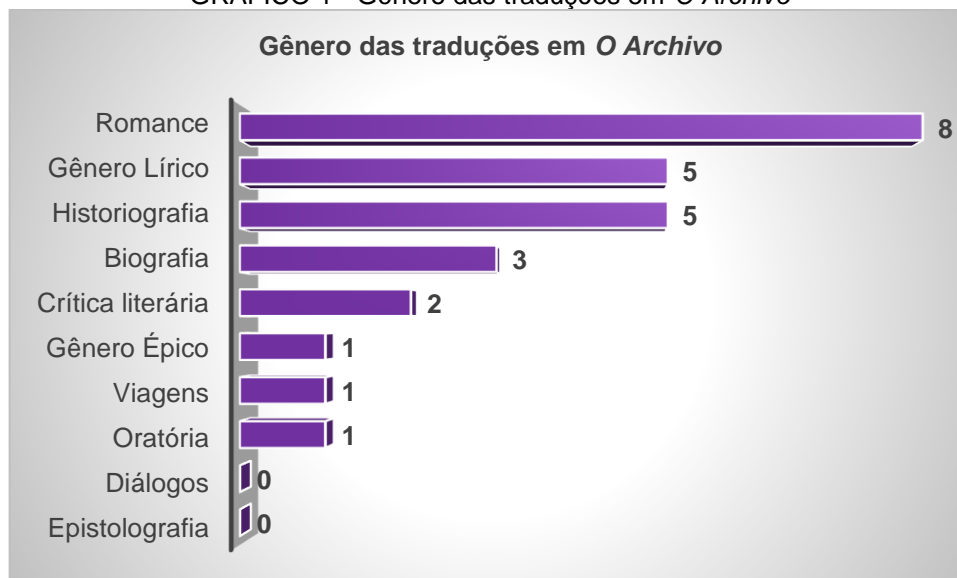
	(v3, p50-53; v4, p69-75)	Augusto Colin		(pai)	
	A Torre de Verdum (v3, p61-67, v4, p81-85)	Antônio Gonçalves Dias	<i>La Tour de Verdun</i>	Frédéric Soulié	Francês
	A Breschelle (v5, p98-101)	A. C. (Augusto Frederico Colin?)	<i>La Bibliothèque des Feuilletons</i>	Marie Aycard	Francês
	O Lago da fada (v5, p105-108)	R. C. (Roberto Augusto Colin?)	<i>Le Magasin Universel</i>	Louis François Hilarion Audibert	Francês
	Nisida (v6, p121-124; v8, p157-161; v9, p169-176)	Antônio Henriques Leal	<i>Crimes célèbres</i>	Pier-Angelo Fiorentino	Francês
	A salvação de uma mãe ou a última hora de Fort-Royal (v7, 131-136)	Roberto Augusto Colin	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	Hermance Lesguillon	Francês
	Um episódio da História da Inquisição. Fragmento. (v7, p137-144)	Antônio Rego	<i>Mystères de l'inquisition</i>	M. Victor de Féreal (pseudônimo de Irène de Suberwick)	Francês
Biografia	M. de Lamartine (v1, p7-8; v2, p36-37; v3, p55-57; v4, p85-87)	Augusto Frederico Colin	<i>Galerie des Contemporains Illustres</i>	Un Homme de Rien (pseudônimo de Louis de Loménie)	Francês
	Biographia. M. Agostinho Thierry (v5, p101-104; v7, p147-148; v9, p186-188; falta conclusão)	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	<i>Galerie des Contemporains Illustres</i>	Un Homme de Rien (pseudônimo de Louis de Loménie)	Francês
	Biographia. M. de Chateaubriand (v8, p161-163)	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	<i>Galerie des Contemporains Illustres</i>	Un Homme de Rien (pseudônimo de Louis de Loménie)	Francês
Historiografia	Historia Contemporânea. A filha da rainha (v.2, p.26-35)	Antônio Rego	<i>Musée des familles</i>	Pitre Chevalier	Francês
	Odessa (v5, p104-105)	***	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	A. Vayssière	Francês
	O papel que fez a Grecia no desenvolvimento da humanidade (v6, p111-114)	A. C. (Augusto Frederico Colin?)	<i>Mélanges philosophiques</i>	Théodore Jouffroy	Francês
	Destino das cidades. Constantinopla, Alexandria, Venesa e Corinto (v7, p129-131; v8, p149-150)	Augusto Frederico Colin	<i>Revue de Deux Mondes</i>	Saint-Marc Girardin	Francês
	Tyro (v8, p164-166)	Roberto Augusto Colin	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	A. Mazuy	Francês
Viagens	Costumes Corsegos (v8, p166-168; v9, p185-186)	***	<i>Le Magasin Universel</i>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	Francês
Oratória	Um trecho da historia do Consulado e do Imperio (v.1, p.6)	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	<i>Histoire du Consulat et de l'Empire</i>	Louis Adolphe Thiers	Francês
História da Literatura	Bulletim bibliográfico. Do hachisch e da alienação mental. Estudos psicologicos (v1, p15-16)	Antônio Rego	<i>Du hachisch et de l'aliénation mentale</i>	Jacques-Joseph Moreau	Francês
	Literatura contemporânea. Rússia. Ponchikine – Lermontoff – Gogol (v5, p89-91, v6, p109-111)	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	<i>L'illustration</i>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	Francês

Fonte: pesquisa direta, 2016

No Gráfico 1 (p. 36) abaixo, podemos visualizar a distribuição dos gêneros literários encontrados em *O Archivo*. Destacamos o espaço dedicado aos

romances traduzidos, 8 ao todo, a maioria deles publicados em capítulos, à estilo dos romances folhetins franceses. Aliás, é notável a importância da França nessas revistas: das 26 traduções identificadas, 25 têm o francês como língua de partida. Apenas o texto *A Empada d'Arenques. Phantasia holandesa* (vol.1, p. 13-15) teve como idioma de partida o inglês.

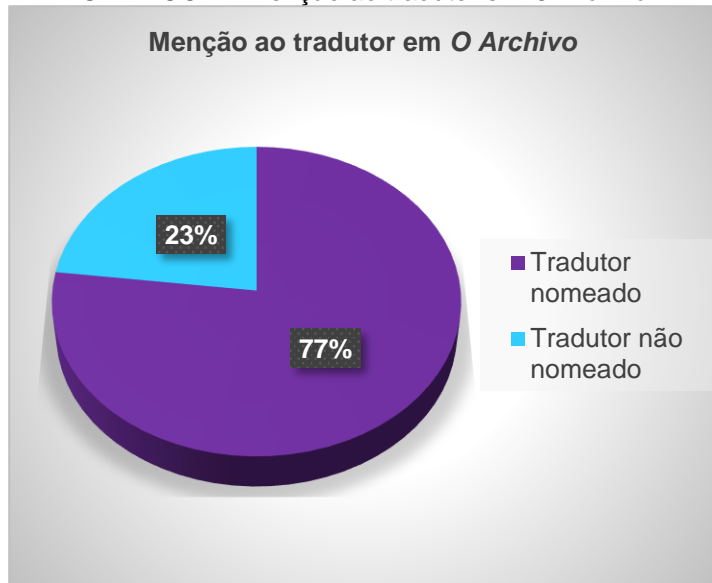
GRÁFICO 1 - Gênero das traduções em *O Archivo*



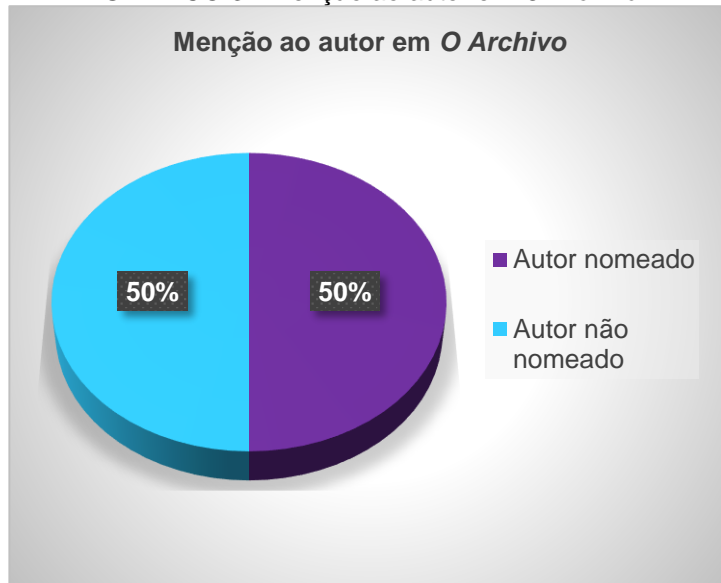
Fonte: pesquisa direta, 2016

Como veremos a seguir, a maior diferença entre as duas revistas encontra-se na questão da apresentação das informações. Enquanto na *Revista Americana* o tradutor não foi nomeado em nenhum dos casos, em *O Archivo*, apenas 6 traduções não apresentam o nome dos tradutores (GRÁFICO 2, p. 37), provavelmente, por essa publicação ter o intuito de promover os trabalhos – mesmo que traduzidos – dos membros da *Associação Literária Maranhense*.

Apesar de dar visibilidade aos tradutores, possivelmente, pela ênfase dada ao trabalho dos membros da *Associação Literária Maranhense*, em *O Archivo*, em 13 textos traduzidos não menciona-se o autor do texto de partida (GRÁFICO 3, p. 37). Inclusive, nos casos em que o nome do autor é omitido e apenas o do tradutor explicitado, temos a ideia que o tradutor seria o autor.

GRÁFICO 2 - Menção ao tradutor em *O Archivo*

Fonte: pesquisa direta, 2016

GRÁFICO 3 - Menção ao autor em *O Archivo*

Fonte: pesquisa direta, 2016

No Gráfico 4 abaixo, visualizamos em números a atividade dos tradutores de *O Archivo*. Augusto Colin foi o mais assíduo, com 7 trabalhos, seguido de Roberto Colin, com 5 trabalhos e Antônio Rego, com 4 traduções. O ilustre maranhense Antônio Gonçalves Dias, além de colaborar com textos autorais, publicou 2 traduções na revista. Antônio Henriques Leal e Antônio Rangel de Torres Bandeira também publicaram 1 texto traduzido cada um.

GRÁFICO 4 - Atividade dos tradutores em *O Archivo*

Fonte: pesquisa direta, 2016.



Agora, tratando especificamente da *Revista Americana* (1847-1848), nas três edições compondo o Tomo I, foram identificadas 21 traduções de literatura, conforme o Quadro 4 abaixo. Novamente, falamos aqui de “traduções identificadas” por conta da falta de informações fornecidas na revista que, além de não mencionar o autor ou a obra de origem em certos casos, não cita o nome de nenhum tradutor, apesar de numa página anterior ao “Prólogo” conter a inscrição: “Todos os artigos que não forem da redação terão a assinatura de seus autores ou um sinal qualquer”. Inclusive, a maioria dos textos escritos originalmente em português não mencionam o nome do autor.

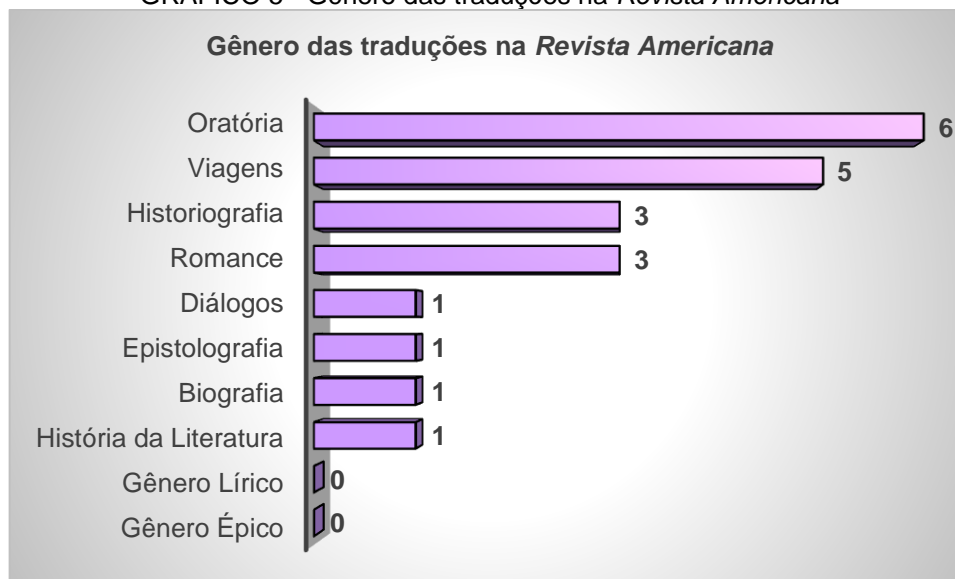
QUADRO 4 - Traduções de literatura na *Revista Americana*

Contexto de chegada			Contexto de partida		
Gênero	Título da tradução	Tradutor	Obra de origem	Autor(a)	Idioma
Romance	Costumes nacionais. O Hebreu (v1, p92-98)	“O Tradutor”	<i>Fraser's Magazine</i>	Hezekiah Moss	Inglês
	Costumes nacionais. O Suniassie (v2, p134-141)	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	<i>Fraser's Magazine</i>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	Inglês
	A floresta (v2, p177-86)	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	<i>L'Opale</i>	Duquesa d'Abrantès	Francês
Diálogos	Conselhos de Goethe aos homens de letras (v2, p123-130)	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	<i>Revue Britannique</i>	Johann Peter Eckermann	Francês
Epistolografia	Assassinato da Duquesa de Praslin (v1, p84-89)	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	<i>Extraits de lettres de madame la duchesse de Praslin</i>	Duquesa de Praslin	Francês
Biografia	Estudos políticos e Biographicos. Lord Chatam (v2, p153-156)	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	<i>La Revue de Paris</i>	Thomas Babbington Macaulay	Francês
Historiografia	Anthropologia. Historia dos Tremedores e da Sociedade dos Amigos (v2, p112-128)	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	<i>Revue Britannique</i>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	Francês
	Hum quadro histórico político. Caracter das Opiniões na Europa - 1688 a 1690 (v2, p156-160)	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	<i>Gazeta Official do Imperio do Brasil</i> <i>Louis XIV, son gouvernement et ses relations diplomatiques avec l'Europe</i>	Jean Batiste Honoré Capefigue	Francês
	Da Islândia e de suas relações na Idade Média com a Inglaterra (v3, p278-288)	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	<i>Revue Britannique</i>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	Francês
Viagens	Os túmulos aéreos (v1, p98-99)	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	<i>Génie du christianisme</i>	François-René de Chateaubriand	Francês
	Os bazares de Constantinopla (v3, p232-234)	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	<i>The Edinburgh Review</i>	Nathaniel Parker Willis	Inglês

	Patrona-Calil (v3, p219-232)	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	<i>Aventures de Voyage</i>	Alphonse Royer	Francês
	O Grindelwald – Suíça (v3, p235-240)	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	<i>Lettres sur quelques cantons de la Suisse</i>	Désiré Raoul-Rochette	Francês
	Costumes e usos do México. Extracto da viagem de Mr. Thiery (v3, p270-274)	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	Nicolas-Joseph Thiéry de Menonville	Francês
Oratória	Preceitos gerais de moral (v2, p152-153)	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	<i>Catéchisme Universel</i>	Jean François Saint-Lambert	Francês
	Das sociedades humanas (v2, p160-164)	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	<i>L'Europe et L'Amérique en 1822 et 1823</i>	Dominique Georges Dufour de Pradt	Francês
	<i>De la littérature dans l'Éducation</i> (v2, p165-172)	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	<i>L'Univers (Union Catholique)</i>	Pierre-Louis Parisi	Francês
	Encyclica do SS. PP. Pio IX (v2, p184-186)	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	-	Papa Pio IX	Latim
	Harmonias da moral natural e da moral cristã (v3, p264-266)	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	<i>Discours prononcé dans une société de morale</i>	Simon Antoine de Fortia d'Urban	Francês
	De Deus (v3, p266-269)	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	<i>Principes philosophiques, politiques et moraux</i>	Franz Rudolf von Weiss	Francês
História da Literatura	Ideias gerais sobre o estilo (v3, p250-253)	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA	<i>Sur le Style</i>	Georges-Louis Leclerc de Buffon	Francês

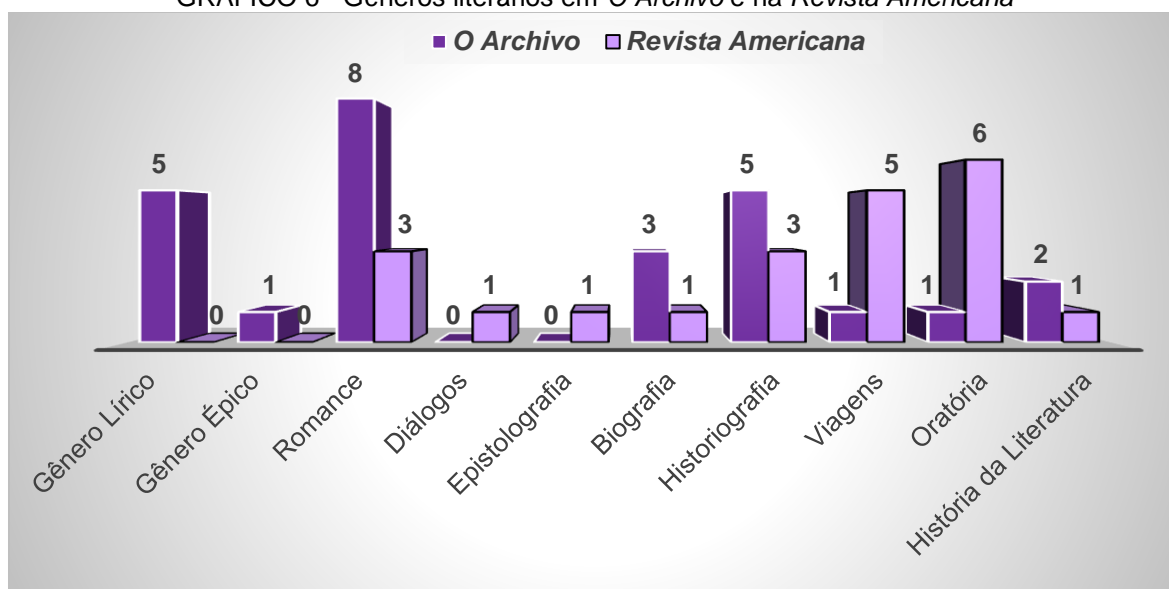
Fonte: pesquisa direta, 2016.

No Gráfico 5 (p. 40) a seguir, podemos visualizar a distribuição dos gêneros literários na *Revista Americana*. Diferente de *O Archivo*, que publicou em sua maioria romances, aqui publicou-se, em sua maioria, textos com temática religiosa e moralizante, denominados de *Oratória* pelo Cônego Pinheiro (1862). Também podemos destacar a publicação de 5 relatos de viagem, 3 traduções de historiografia, todas acerca da história mundial, denotando um grande interesse do público pelo exotismo de lugares longínquos. Assim como em *O Archivo*, ressaltamos a importância da França: das 21 traduções identificadas, 17 têm o francês como língua de partida.

GRÁFICO 5 - Gênero das traduções na *Revista Americana*

Fonte: pesquisa direta, 2016

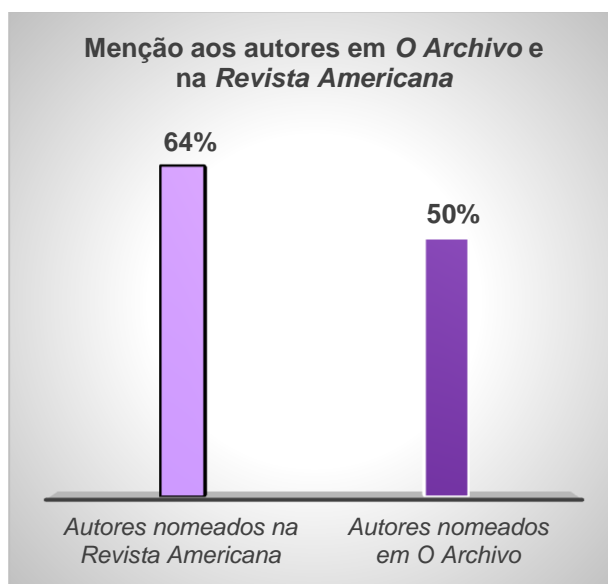
O Gráfico 6 abaixo, apresenta um comparativo do que publicou-se nas duas revistas em termos do gênero literário. Com o auxílio gráfico, notamos que o panorama entre as duas tem mais divergências que convergências. Apenas na revista maranhense publicou-se traduções do gênero lírico e épico. Em contrapartida, apenas a revista baiana publicou traduções de diálogos e epistolografia. A seção mais próxima entre as duas revistas é a historiografia: O *Archivo* publicou 5 traduções e a *Revista Americana* publicou 3.

GRÁFICO 6 - Gêneros literários em *O Archivo* e na *Revista Americana*

Fonte: pesquisa direta, 2016

Em se tratando da questão do anonimato, enquanto *O Archivo* nomina a maioria dos tradutores, na *Revista Americana* não publicou-se o nome de nenhum tradutor. Em contrapartida, a revista baiana informa a origem da maior parte das traduções. Conforme o Gráfico 7 ao lado, a *Revista Americana* nomeou os autores em 64% dos casos, enquanto *O Archivo* nomeou-os em 50% dos casos. Com isso, entendemos que a revista baiana

GRÁFICO 7 – Menção ao autor nas duas revistas



Fonte: pesquisa direta, 2016

prioriza a divulgação dos trabalhos estrangeiros, enquanto a revista maranhense priorizava a promoção dos membros de sua Associação Literária.

Das 47 traduções identificadas em *O Archivo* e na *Revista Americana* ao todo, apenas 4 foram escritas por mulheres. Na *Revista Americana*, foram publicados dois textos, embora apenas um deles tenha sido escrito para ser publicado – o texto da Duquesa d’Abrantès –, o segundo envolve um contexto curioso: a autora, a Duquesa de Praslin, foi assassinada e suas cartas foram amplamente divulgadas na época. Já em *O Archivo*, igualmente, foram publicadas duas traduções, uma de Hermance Lesguillon, a única que foi assinada no feminino, no outro caso, a autora Irène de Suberwick utilizou-se do pseudônimo masculino “Victor de Féreal”.

Apresentado o panorama quantitativo das traduções identificadas nas duas revistas, no Capítulo 4 a seguir, tratamos de cada um dos 47 textos traduzidos, expondo uma análise descritiva dos mesmos, levando em conta seus contextos culturais de partida e de chegada, visando revelar a importância da atividade tradutória no cenário da imprensa periódica do antigo Norte brasileiro do século XIX.

## CAPÍTULO 4



### Prática tradutória e mediação cultural em *O Archivo* e na *Revista Americana*

No presente capítulo, exibimos um panorama descritivo de todas as traduções de literatura encontradas em *O Archivo* e na *Revista Americana*, enfatizando os aspectos contextuais e de circulação envolvendo as mesmas.

Vale frisar que nos baseamos no conceito de literatura do século XIX, assim, fazem parte do nosso *corpus* textos que atualmente não seriam considerados literários, tal qual estudos históricos e biográficos. Assim, nos pautaremos no manual escolar do Colégio Pedro II, escrito pelo Cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, “Curso Elementar de Litteratura Nacional” (1862), impresso em Paris, pela B. L. Garnier. Nesse livro, na sessão “Advertência do editor”, justifica-se a importância de tal estudo, por ainda não haver em português um obra elementar de literatura:

Reconhecida a falta que existe na litteratura luso-brasileira d’uma obra essencialmente elementar que analysando-a com o devido esmero facil torne o seu conhecimento, julgamos prestar real serviço aos dois povos que fallam a bella lingua de Camões [...]

Apesar de ter sido publicada em 1862, os estudos do Cônego Pinheiro para elaboração da obra tiveram início ainda na década de 1850. De acordo com Sacramento Blake (1983, p. 107) o Cônego Pinheiro ministrava, em 1852, a cadeira de *Rhetorica, Poetica e Historia Universal* no seminário episcopal, e, em 1857, foi nomeado professor de *Rhetorica, poética e litteratura nacional* do Imperial Colégio de Pedro II, tal qual explicitado no prólogo do livro do Cônego, intitulado “Ao leitor”, e assinado apenas por “Vale”:

Quando em 1857 fomos (sic) nomeado professor de rhetorica, poetica e litteratura nacional do Imperial Collegio de Pedro II, reconhecemos practicamente a falta d’um compendio adaptado á ultima parte do nosso curso. Para preencher esse vasio tomamos sobre os nosso debeis hombros uma empreza que a outros melhor caberia; [...] Consola-nos porém a persuasão de sermos (sic) o primeiro em realisarmos um pensamento que, quando aperfeiçoado, será d’alguma vantagem para a juventude.

Nesse livro, o Cônego faz um apanhado dos autores portugueses e brasileiros, apresentando suas obras a partir de categorias genéricas literárias. Apesar de ele não dedicar nenhum capítulo à *História da Literatura*, também optamos por considerar tais textos por acreditarmos que os mesmos são imprescindíveis para a composição do quadro contextual da tradução de literatura do antigo Norte brasileiro. Isso posto, as seções a seguir estão organizadas de acordo com a classificação genérica literária do Cônego Pinheiro, com acréscimo da categoria *História da Literatura*, tal qual foram organizadas nos Quadros 3 (p. 34) e 4 (p. 38) no Capítulo 3.

O ponto de partida da nossa análise descritiva é o quadro esquemático adaptado do “Esquema sintetizado para a descrição de tradução” de José Lambert (2011). Nosso quadro sintetiza o contexto de chegada das traduções, apresentando o *Título*, o *Autor*, o *Tradutor*, a *Estratégia geral de tradução*, revelando se a tradução do texto foi parcial ou completa, e se há presença de *Metatexto* (subtítulos, epígrafes, notas de rodapé, etc., foram mantidas ou acrescentadas?).

#### 4.1 Tradução de Gênero Lírico

Apenas na revista *O Archivo* foram publicadas poesias traduzidas. Das 26 traduções identificadas na mesma, 5 eram poesias, como veremos a abaixo.

QUADRO 5 – “Os túmulos campestres” em *O Archivo*

<b>Título</b>	Os túmulos campestres
<b>Autor</b>	François René de Chateaubriand
<b>Tradutor</b>	Augusto Frederico Colin
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução completa; Tradução de segunda mão
<b>Metatexto</b>	-

Fonte: pesquisa direta, 2016

Na 6ª edição da revista maranhense, foi publicada a tradução de segunda mão “Os túmulos campestres” (1846, p. 119, 120) de François René de Chateaubriand, traduzida por Augusto Frederico Colin, o tradutor mais ativo da revista.

O texto de partida, “*Les Tombeaux Champêtres*”, foi publicado na obra Chateaubriand. *Oeuvres Complètes. Mélanges et Poésies*, impressa em Paris pela Imprimerie de Rignoux, em 1828, e distribuída em Paris e em Bruxelas pela Lenormant.

Nesse livro, a poesia vem acompanhada, logo após o título, da inscrição “*Élégie imitée de Gray*” e da seguinte nota de rodapé: “*Cette imitation a été imprimée à Londres, dans le journal de Peltier*”. A elegia de Thomas Gray que Chateaubriand se refere é “*Elegy Written in a Country Churchyard*”, publicada no livro *The poetical Works of Thomas Gray* (Londres, 1800).

Essa tradução publicada em *O Archivo*, feita com base na “imitação” de Chateaubriand, da poesia de Gray, é um belo exemplo de uma prática recorrente no século XIX: as traduções de segunda mão tendo como base a língua francesa. Nesse caso, a tradução de Chateaubriand foi citada na revista maranhense como o original, sem nenhuma menção à elegia de Thomas Gray.

QUADRO 6 – “Ao Rouxinol” em *O Archivo*

<b>Título</b>	Ao Rouxinol
<b>Autor</b>	Alphonse de Lamartine
<b>Tradutor</b>	Antônio Rangel de Torres Bandeira
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução completa
<b>Metatexto</b>	Indica-se antes do título a origem: “VI Harmonia de Mr. Lamartine”. Foi inserida nota do tradutor.

Fonte: pesquisa direta, 2016

A poesia traduzida intitulada “VI Harmonia de Mr. Lamartine. Ao Rouxinol” (1846, p. 80, 81), foi publicada na 4ª edição da revista, indicando o nome do tradutor, Antônio Rangel de Torres Bandeira, que incluiu a seguinte nota de rodapé:

Esta tradução é concebida de um modo assáz livre, e por isto talvez merecesse com mais propriedade o nome de - Paraphrase - &; porque tem um pensamento identico ao do original, mas debaixo de diversa forma, e desenvolvido como melhor podemos. (BANDEIRA. In: *O ARCHIVO*, 1846, nº 4, p. 80)

Essa nota de rodapé nos dá um vislumbre de que o tradutor enxergava o ato de traduzir como uma ação literal e, caso não atendesse a esse requisito, não merecia o *status* de tradução, mas sim, de paráfrase. A nota de Torres Bandeira também pode ser vista como uma forma de se colocar diretamente no texto, já que, no século XIX, em geral, bem como no contexto da revista, não prezava-se pelas traduções “ao pé da letra”, assim, a explicação do mesmo, por si só, não se



justifica. Igualmente, essa nota serviria de proteção contra possíveis críticas ao seu trabalho, já que Torres Bandeira argumenta que seu texto pode ser associado a uma paráfrase e, com isso, não há a necessidade de ser “idêntico ao original.”

O texto de partida da tradução pode ser encontrado no livro *Ouvres de M. de Lamartine, membre de l'Académie Française. Harmonies Poétiques et Religieuses*, publicado em Paris pela Librairie de Charles Gosselin, em 1832, que destaca na capa que o mesmo era membro da *Académie Française*, instituição de muito prestígio no XIX, e que conferia capital simbólico aos seus membros, distinguindo-os socialmente. Sobre isso, Abreu afirma:

O prestígio desses grupos aumentava ou diminuía em sintonia como *status* dos que os acolhiam e daqueles ali vinculados. Além de conferir alguma valorização ao ofício do letrado, as academias e salões colaboraram para a definição de especificidade no interior do trabalho intelectual. (ABREU, 2003, p. 13, grifo da autora)

QUADRO 7 – “O Outomno” em *O Archivo*

<b>Título</b>	O Outomno
<b>Autor</b>	Alphonse de Lamartine
<b>Tradutor</b>	Roberto Augusto Colin
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução completa
<b>Metatexto</b>	Indica após o título: “Meditação de Lamartine”

Fonte: pesquisa direta, 2016

Na 9ª edição da revista maranhense foi publicada outra poesia de Lamartine, “O Outomno” (1846, p. 176, 177), dessa vez, traduzida por Roberto Augusto Colin, um dos tradutores mais ativos da revista.

A poesia em idioma de partida pode ser encontrada no livro *Ouvres de Lamartine de l'Académie Française*, publicado em Bruxelas, na Bélgica, em 1840, pela *Société Belge de Librairie*.

Mesmo os dois livros de Lamartine – o que continha a poesia “Ao Rouxinol”, e este, que contém “O Outomno” em idioma de partida – tendo sido publicados em países distintos (França e Bélgica), a constante é sempre o destaque ao fato do mesmo ser membro da *Académie Française*. Talvez, por isso, o interesse estratégico dos colaboradores de *O Archivo* em traduzir seus escritos.

Outra prova do interesse dos editores da revista maranhense por Lamartine está na divulgação da biografia desse autor, da qual trataremos na seção “4.6 Tradução de Biografia”, publicada em quatro capítulos nos números 1 (p. 7-8), 2 (p. 36-37), 3 (p. 55-57) e 4 (p. 85-87) e traduzida por Augusto Frederico Colin.



QUADRO 8 – “O Somnambulo” em *O Archivo*

<b>Título</b>	O Somnambulo
<b>Autor</b>	Alfred de Vigny
<b>Tradutor</b>	Augusto Frederico Colin
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução completa
<b>Metatexto</b>	–

Fonte: pesquisa direta, 2016

Na 5ª edição de *O Archivo* foi publicada a poesia “O Somnambulo” (1846, p. 94), indicando que o texto de partida foi escrito por Alfred de Vigny (1797-1863) e traduzido novamente por Augusto Frederico Colin. Tivemos acesso ao texto de partida por meio do livro *Ouvres de A. de Vigny*, publicado em Bruxelas, pela Méline, Cans et Compagnie, em 1837.

Essa tradução de Augusto Colin foi duramente criticada por Antônio Gonçalves Dias em uma de suas correspondências com o amigo Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, também colaborador da revista (APÊNDICE A), em 2 de setembro de 1846, na qual afirma que a tradução contém “erros bem graves”, conforme o trecho a seguir:

Recebi o 1º número do Fileidemon e o 5º do Archivo: neste vem uma tradução do De Vigny – menos má – por outra – boa – porque o De Vigny pela sua pureza é talvez o autor moderno mais difícil de ser traduzido. O Colin deixou escapar erros bem graves, que não são de impressão – que em si já é bem má. Assim por ex. – ele traduz *clepsydre*, que em francês é feminino = *clepsidra*, também feminino em português – nós dizemos *clepsidro*: diz ele que o clepsidro dá horas - o que também não é exato; o clepsidro não dá horas – marca-as, etc. (DIAS, 1846. In: ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, carta nº 29, 1964, p. 53, grifo nosso).

Apesar da crítica por conta da tradução de Colin “não ser exata”, as próprias traduções de Gonçalves Dias na revista não seguem a linha “palavra por palavra”, como podemos observar na próxima tradução.

QUADRO 9 – “Canção de Bug-Jargal” em *O Archivo*

<b>Título</b>	Canção de Bug-Jargal
<b>Autor</b>	Victor Hugo
<b>Tradutor</b>	Antônio Gonçalves Dias
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução parcial; mudança do gênero textual de romance para poesia
<b>Metatexto</b>	Indica-se o gênero do texto: “Poesia”, e que o mesmo era uma tradução

Fonte: pesquisa direta, 2016

Na 1ª edição da revista maranhense, Antônio Gonçalves Dias publicou a tradução intitulada “Canção de Bug-Jargal” (1846, p. 8, 9), indicando no início da poesia que o autor do texto de partida era Victor Hugo.

A obra *Bug-Jargal* foi publicada inicialmente em 1829 em Bruxelas, na Bélgica, pela editora Louis Hauman Libraires, possuindo 349 páginas. Já a tradução publicada na revista maranhense tinha apenas 2 páginas e havia sido transformada em poesia.

O enredo do romance de Hugo se desenrola no contexto da revolução haitiana no final do século XVIII, e conta a história do rei negro escravizado Pierrot (ou Bug-Jargal) que se apaixona por uma jovem aristocrata francesa recém-chegada à ilha. O trecho escolhido por Gonçalves Dias para tradução foi o do momento em que o personagem Bug-Jargal se declara para sua amada cantando, entretanto, esse contexto histórico do romance não foi trazido para o leitor brasileiro.

Apesar de Gonçalves Dias ter criticado a tradução de Augusto Colin da poesia de Vigny, aqui, Dias não segue os próprios conselhos e não empreende uma “tradução exata”, pelo contrário, executa diversas transformações. Esse caso exemplifica claramente a possibilidade de nova vida conferida a um texto transferido de uma cultura para outra por meio da tradução: o romance de Hugo, além de ter sido transformado em poesia, teve seu conteúdo dissociado de seu contexto histórico, enfatizando o caráter romântico.

## 4.2 Tradução de Gênero Épico

QUADRO 10 – “Velleda” em *O Archivo*

<b>Título</b>	Velleda
<b>Autor</b>	François-René de Chateaubriand
<b>Tradutor</b>	Augusto Frederico Colin
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução parcial; falta publicação da conclusão na revista
<b>Metatexto</b>	Logo após o título, indica-se: “Um episódio dos ‘Mártires’ de M. de Chateaubriand”

Fonte: pesquisa direta, 2016

Dentre todas as traduções identificadas, apenas uma contempla o gênero épico. A epopeia em prosa, com o título “Velleda”, e o subtítulo “Um episódio dos ‘Mártires’ de M. de Chateaubriand”, foi publicada na 9ª edição de *O Archivo* (1846, p. 182-185), traduzido por Augusto Frederico Colin, com a inscrição “Continuar-se-á”, ao final.

O trecho publicado na revista, referente ao volume 2, capítulo 9, do livro *Les Martyrs*, narra um ritual pagão no qual o herói, Eudore, encontra a druida Velleda. Já a obra de partida, publicada em 1811, em Paris, pela Furne et C<sup>ie</sup>, dá mais ênfase ao romance entre o oficial romano cristão, Eudore, e a sacerdotisa pagã, Velleda, em meio à Revolta dos Batavos entre os anos de 69 e 70 d. C., aspecto esse, não contemplado na tradução.

Destacamos a mudança do foco temático no texto traduzido para ressaltar o exotismo e a fantasia de um ritual mágico de civilizações remotas europeias. O interessante nessa tradução é a contribuição para a manutenção da visão do público brasileiro do exotismo com base na ótica europeia. Durante o século XIX, até os povos e a natureza brasileira eram vistos pelos próprios brasileiros a partir da perspectiva europeia. Fazendo um paralelo com Camargo (2014) em seu trabalho com a *Revue des Deux Mondes*, a autora aponta para importância das imagens – por vezes, estereotipadas – do Brasil difundidas nessa revista para a construção da identidade nacional brasileira, quer fosse reproduzindo ou indo contra tais visões.

Voltaremos à questão do fascínio do público do século XIX por povos e culturas longínquas na seção “4.8 Tradução de Viagens”.

### 4.3 Tradução de Romance

O Cônego Pinheiro, no trabalho de 1862, nos dá a seguinte definição de romance:

Forma o romance a transição entre a poesia e a prosa: conservando da primeira a faculdade inventiva, e os floreios da imaginação, e da segunda a naturalidade da phrase. [...] a linguagem prosaica, menos fatigante, é também mais comprehensivel ao grande numero de leitores. Lançaram em todas as epochas mão d'este meio d'instruir deleitando os mais abalisados auctores. (PINHEIRO, 1862, p. 117)

Das 47 traduções identificadas nas duas revistas, 11 eram de romances, 10 deles originalmente escritos em língua francesa, um número bastante expressivo, que demonstra a presença dos romances franceses, em especial, em *O Archivo*, que publicou 8 traduções.

QUADRO 11 – “A empada d’Arenques” em *O Archivo*

<b>Título</b>	A empada d’Arenques
<b>Autor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Tradutor</b>	Antônio Rego
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução completa
<b>Metatexto</b>	Classificado como “Phantasia Holandeza”

Fonte: pesquisa direta, 2016

Na 1ª edição de *O Archivo*, publicou-se a tradução “A empada d’Arenques”, tendo como subtítulo “Phantasia Holandeza” (1846, p. 13-15), sem revelar o nome do autor ou da obra de partida, indicando apenas o tradutor, Antônio Rego.

Tivemos acesso ao texto de partida através do periódico londrino *Hood’s Magazine and Comic Miscellany* de 1845, publicado pela H. Renshaw. No escrito, o personagem Brounker conta para o amigo Grote sobre uma tentativa de homicídio que havia sofrido, cujo acusado era seu rival, Berkenrode, interessado em sua esposa. Ao fim do conto, Brounker revela que havia tramado o atentado contra a própria vida para fazer com que a esposa se afastasse do rival e, assim, prevenir-se de desgraça maior: ser abandonado por ela.

Como veremos na apresentação das traduções ao longo das próximas seções, a temática dos crimes é recorrente em ambas revistas, não só no caso dos romances. Ana Gomes Porto em “O romance policial e a literatura brasileira: recepção, significados e apropriações” (No prelo, 2016, p. 204-225), afirma que esse gênero em vias de criação no século XIX, era imensamente popular, não só no Brasil, mas também na Europa, tendo como um dos principais expoentes o escritor francês Emile Gaboriau, que ajudou a concretizar esse tipo de texto, que aos poucos foi ganhando no Brasil a nomenclatura de romance policial, romance sensacionalista, romance judiciário.

QUADRO 12 – “O irmão e a irmã” em *O Archivo*

<b>Título</b>	O irmão e a irmã
<b>Autor</b>	Alexandre Dumas (pai)
<b>Tradutor</b>	Roberto Augusto Colin
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução parcial
<b>Metatexto</b>	-

Fonte: pesquisa direta, 2016

Ainda na revista *O Archivo*, nos números 3 (p. 50-53) e 4 (p. 69-75) foram publicados os dois primeiros capítulos do romance *Othon l’Archer* de Alexandre

Dumas (pai), traduzidos por Roberto Augusto Colin e intitulados de “O irmão e a irmã”. O texto de partida foi publicado em Paris, pela Dumont Éditeur, em 1840.

Os dois primeiros capítulos do livro de Dumas contam a história do Conde Ludwig, casado com Emma, que vive atormentado por uma suspeita: se Othon é realmente seu filho ou é fruto do caso da sua esposa Emma com Alberto, com quem ela fora criada desde criança. Na medida em que as suspeitas aumentam, Ludwig decide enviar Emma para um convento e Othon para um mosteiro. Por fim, Ludwig, com ajuda do amigo Karl, descobre que tudo não passava de boataria e que Alberto é, na verdade, irmão legítimo de Emma, que fora escondido pela mãe de ambos, por ter nascido quando a mesma não era casada. Logo, Ludwig manda buscar sua esposa e filho, porém, Emma prefere ficar no convento e Othon, na sua viagem para o mosteiro, atira-se num rio para escapar e todos acreditam que ele morrera. Assim encerra-se a tradução na revista maranhense.

Os demais capítulos do romance de Dumas, contam as aventuras de Othon, que sobrevive e une-se a um grupo de arqueiros, assim, os dois primeiros capítulos do romance são voltados para a origem do personagem principal, no entanto, em *O Archivo* a ênfase da história está no suposto triângulo entre Ludwig, Emma e Alberto. A própria escolha do título da tradução, “O irmão e a irmã”, já direciona o leitor desde o início.

Maria Lúcia Mendes, em “Romances folhetim sem fronteiras: o caso de Alexandre Dumas” (No prelo, 2016, p. 153-173), revela que, no século XIX, o interesse por Alexandre Dumas supera a fronteira de suas obras, chegando a haver até uma sincronia entre o que era oferecido aos leitores europeus e brasileiros. Os romances de Dumas eram escolhidos por diversos editores que, supondo o sucesso que haviam alcançado na França se repetiria no Brasil, o que de fato ocorreu.

QUADRO 13 – “A Torre de Verdum” em *O Archivo*

<b>Título</b>	A Torre de Verdum
<b>Autor</b>	Frederic Soulié
<b>Tradutor</b>	Antônio Gonçalves Dias
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução completa
<b>Metatexto</b>	-

Fonte: pesquisa direta, 2016

A tradução “A Torre de Verdum” foi publicada em dois capítulos, também nas edições 3 (p. 61-67) e 4 (p. 81-85) de *O Archivo*, respectivamente, trazendo junto ao título a inscrição “por Frederico Soulié”, um dos autores da imprensa periódica mais conhecidos na França em sua época, enquanto o nome do tradutor, Antônio Gonçalves Dias, veio no fim do escrito.

O texto de partida, “*La Tour de Verdun*”, foi publicado inicialmente na coletânea *L’homme de lettres - Nouvelles* (1838 apud SOULIÉ, 1858, p. 161-182), pela editora parisiense Souverain. Nesse romance, o autor narra um episódio da Cruzada dos Pastores ocorrida em 1320, na cidade de Verdum, na França.

O texto “A Torre de Verdum” pode ser considerado grande para os padrões do que se publicava na revista maranhense (em média 8 escritos por edição, cada uma com, aproximadamente, 20 páginas), mesmo assim, Gonçalves Dias optou por não cortar nenhum trecho do texto – diferente da sua opção de tradução do texto de Victor Hugo.

Numa passagem de carta datada dezembro de 1843, Dias comenta com Alexandre Teófilo sobre sua amizade com o autor do texto de partida, Frédéric Soulié. Os dois teriam se conhecido em 1841, quando Dias estudava em Portugal: “Lembras-te que amigo o Soulié tinha em mim? – Pois, meu amigo declaro – que sou Soulié – da gema – do âmago da gema – se é possível: Soulié, Soulié. . .” (DIAS, 1843 apud ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, 1964, p. 25). Sua amizade com o autor do texto de partida, Soulié, explicaria, em parte, o interesse de Dias em traduzir e divulgar o trabalho do amigo. Além disso, assim como Alexandre Dumas, Frédéric Soulié foi um dos autores de maior destaque no século XIX, sendo seus escritos amplamente divulgados na imprensa periódica da época.

QUADRO 14 – “A Breschelle” em *O Archivo*

<b>Título</b>	A Breschelle
<b>Autor</b>	Marie Aycard
<b>Tradutor</b>	Augusto Frederico Colin
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução completa
<b>Metatexto</b>	-

Fonte: pesquisa direta, 2016

Na 5ª edição de *O Archivo*, publicou-se a tradução “A Breschelle” (1846, p. 98-101), sem indicação de autor, apenas com as iniciais do tradutor ao fim, Augusto Frederico Colin, dando a entender que o mesmo seria o autor.

Nesse romance é contada a história dos personagens em torno da propriedade chamada “Breschelle”: O Marquês de Cernau, interessado na propriedade em posse da Condessa de Bernard, pede ao seu amigo, o jovem Visconde de Salnois, que seduza e case-se com ela e depois lhe ceda a propriedade. Ao conhecer a Condessa, Salnois e ela se apaixonam e, de fato, casam-se, porém, para não se indispor com a esposa, Salnois descumpe o acordo com o Marquês de Cernau e o desafia. Após a luta, Salnois sai vitorioso mas oferece ao Marquês de Cernau um pavilhão da propriedade Breschelle.

Tivemos acesso ao texto de partida através da revista *La Bibliothèque des Feuilletons, recueil de romans, nouvelles et feuilletons*, publicada em Paris pela Boulé et C. em 1845, sob autoria do romancista francês Marie Aycard (1794-1859).

Assim como Dumas e Soulié, Marie Aycard foi um dos autores de romance folhetim de grande destaque no século XIX. Com isso, é possível perceber a opção dos tradutores de *O Archivo* em divulgar seus nomes junto ao de autores europeus de renome, provavelmente, na busca pelo acúmulo de capital simbólico, pois, como já dissemos, *O Archivo*, enquanto órgão oficial da Associação Literária Maranhense, tinha, dentre outros objetivos, a divulgação do trabalho de seus associados, quer fossem autorais ou traduzidos.

QUADRO 15 – “O lago da fada” em *O Archivo*

<b>Título</b>	O lago da fada
<b>Autor</b>	Louis François Hilarion Audibert
<b>Tradutor</b>	Roberto Augusto Colin
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução completa
<b>Metatexto</b>	-

Fonte: pesquisa direta, 2016

O único romance com a temática fantástica encontrado no nosso *corpus* foi publicado na 5ª edição da revista *O Archivo* (p. 105-108), intitulado “O Lago da Fada”, sem indicação de autor ou de que se tratava de uma tradução, apenas continha as iniciais de Roberto Augusto Colin ao final, dando a entender, mais uma vez, que o mesmo era o autor. O texto “*Le Lac de la Fée*”, escrito por Louis

François Hilarion Audibert, foi retirado da revista parisiense *Le Magasin Universel*, no volume de maio de 1839, publicado pela Bureau Central.

O texto conta a história de um vilarejo na Irlanda onde uma fada havia enfeitado o lago local, cujas águas não deveriam ser tocadas pelos primeiros raios de Sol. Assim, as moças locais tinham a incumbência de cobrir a gruta com uma grande pedra todas as noites, sobre pena de catástrofes atingirem o vilarejo caso a tarefa não fosse cumprida. A paz do local é ameaçada quando Norah, uma das moças responsáveis pela tarefa, apaixonada pelo soldado Owall, esquece de cumprir com seu dever após ter um encontro com o amado. A maldição faz com que o vilarejo seja inundado pela fonte. É quando a fada se dá conta do amor verdadeiro entre Norah e Owall e decide anular seu feitiço.

QUADRO 16 – “Nisida” em *O Archivo*

<b>Título</b>	Nisida
<b>Autor</b>	Pier-Angelo Fiorentino
<b>Tradutor</b>	Antônio Henriques Leal
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução publicada em capítulos, faltando ainda conclusão
<b>Metatexto</b>	-

Fonte: pesquisa direta, 2016

Também com trama policial, a tradução “Nisida”, foi publicada em capítulos, seguindo a tendência dos romances folhetim franceses, a partir da 6ª edição de *O Archivo* (6ª ed., p. 121-124; 8ª ed., p. 157-161; e 9ª ed., p. 169-176, faltando ainda conclusão).

Indicou-se desde o início o nome do autor, Pier-Angelo Fiorentino (1811-1864), e o nome do tradutor, Antônio Henriques Leal. Fiorentino era italiano, naturalizado francês, e ganhou fama na França por ser o tradutor das obras de Dante Alighieri.

Fiorentino escreveu “Nisida” para a coletânea *Crimes Célèbres*, organizada por Alexandre Dumas (pai) e publicada em Paris, em 1840, pela Administration de Librairie. Essa história envolve o assassinato de um personagem nobre, o Príncipe de Brancalone, que se interessa pela jovem pobre Nisida e decide roubá-la. É quando seu pai e irmão, para vingar sua honra, matam o príncipe.

Além da participação de Dumas como organizador da coletânea *Crimes Célèbres*, temos ainda aqui outro fator contribuindo para o sucesso dessa publicação: o gosto do público pela temática policial, como já mencionamos no



caso da tradução “A Empada d’Arenques”, e ainda poderemos atestar em outros casos.

QUADRO 17 – “A salvação de uma mãe” em *O Archivo*

<b>Título</b>	A salvação de uma mãe ou a última hora de Fort-Royal
<b>Autora</b>	Hermance Lesguillon
<b>Tradutor</b>	Roberto Augusto Colin
<b>Estratégia geral de tradução</b>	-
<b>Metatexto</b>	-

Fonte: pesquisa direta, 2016

Em *O Archivo*, as duas únicas traduções de autoria feminina foram publicadas na 7ª edição. O romance “A salvação de uma mãe ou a última hora de Fort-Royal” (1846, p. 131-136), de Hermance Lesguillon, foi o único texto identificado como sendo de autoria feminina nessa revista, e o seu texto de partida não foi encontrado.

Hermance era esposa de Jean-Pierre-François Lesguillon, também autor de diversos livros. O texto que foi traduzido por Roberto Augusto Colin é ambientado na colônia francesa da Martinica e conta a história de Correa, uma menina obrigada a se casar aos 12 anos de idade e que, anos depois, após tornar-se mãe, une-se com a escrava Kerina para impedir que sua filha tenha o mesmo destino. Diferente dos demais romances de autoria masculina publicados, tanto na revista maranhense, quanto na baiana, esse tem como personagens principais mulheres fortes, cujos traços da personalidade apontados pela autora vão além de beleza e fragilidade. Hermance também aproveita para criticar desigualdades sociais, tal como a escravidão, a submissão das mulheres à vontade dos maridos, entre outros.

QUADRO 18 – “Um episódio da história da inquisição” em *O Archivo*

<b>Título</b>	Um episódio da história da inquisição
<b>Autor(a)</b>	Víctor de Féreal (pseudônimo de Irène de Suberwick)
<b>Tradutor</b>	Antônio Rego
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução parcial
<b>Metatexto</b>	Notas de rodapé incluídas pelo tradutor em detrimento das notas presentes no texto de partida.

Fonte: pesquisa direta, 2016

Também na 7ª edição da revista maranhense, foi publicada a tradução “Um episódio da história da inquisição” (1846, p. 137-144) sem indicar que se tratava de uma tradução, apenas com a assinatura de Antônio Rego ao final, que optou

por traduzir um trecho do capítulo 47, “*Le jugement des hommes*”, do livro *Mystères de L’inquisition et autres sociétés secrètes d’Espagne*, escrito por “Victor de Féreal” e contendo notas históricas e introdução escrita por Manuel de Cuendías, publicado em Paris, pela P. Boizard, em 1845.

Victor de Féreal, na verdade, como já mencionado, é o pseudônimo de Irène de Suberwick, que, de acordo com o *site* da Biblioteca Nacional da França, a Gallica<sup>13</sup>, também se utilizava do pseudônimo “Belzebuth” para escrever.

Há poucas informações sobre a autora, seu nome só aparece em associação ao de Victor de Féreal. Padrón (2000, p. 13), no trabalho *Viajeras Extranjeras en Sevilla. Siglo XIX*, afirma que Madame de Suberwick viajou à Espanha disfarçada de homem, onde escreveu sua obra *L’Espagne Pittoresque* usando o pseudônimo de Victor de Féreal, em parceria com Manuel Galo de Cuendías - que também escreve a introdução e as notas históricas do livro que tratamos aqui, embora o tradutor, Antônio Rego, tenha optado por excluir as notas de Cuendías e incluir as próprias.

QUADRO 19 - “A floresta” na *Revista Americana*

<b>Título</b>	A floresta
<b>Autora</b>	Laure Junot, Duquesa d’Abrantes
<b>Tradutor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução completa
<b>Metatexto</b>	Tradução classificada como “Romance histórico” na revista

Fonte: pesquisa direta, 2016

Já na 2ª edição da *Revista Americana*, a tradução identificada como “Romance histórico”, “*A floresta*” (1848, p. 177-186), sem menção ao tradutor ou obra de origem, apresentou apenas o título de nobreza da autora francesa Laure Junot (1784-1838), Duquesa d’Abrantès. Após o marido enlouquecer e cometer suicídio, a mesma envereda pela carreira literária para contornar problemas financeiros.

O texto de partida, “*La Forêt Verte*”, foi publicado originalmente no livro *L’Opale*, uma coletânea de textos de mulheres, publicada em Paris pela Urbain Canel e pela Adolphe Guyot em 1834. O texto de Junot conta o drama de um

---

<sup>13</sup> Link da Gallica em que Irène de Suberwick é associada aos pseudônimos “Victor de Féreal” e “Belzebuth”:  
<<http://visualiseur.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6202044g.r=f%C3%A0te+des+loges.langFR.textePage>>.

soldado polonês que sofre sozinho num deserto após seu pelotão perder para as tropas russas, no contexto do levante polonês contra o domínio russo conhecido como Revolução de Novembro (1830-1831).

QUADRO 20 - "Costumes nacionais. O Hebreu" na *Revista Americana*

<b>Título</b>	Costumes nacionais. O Hebreu
<b>Autor</b>	Hezekiah Moss
<b>Tradutor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução completa
<b>Metatexto</b>	Nota do tradutor inserida

Fonte: pesquisa direta, 2016

Na 1ª edição da revista, foi publicada a tradução “Costumes Nacionais. O Hebreu” (1847, p. 92-98). A história se passa nos arredores do Vale do Jordão, narrando o caso de Hophin, um marido que desconfia da fidelidade de sua esposa, Ezela, e conspira para matá-la. Ao final, arrepende-se e descobre que sua esposa é fiel.

Logo após o título da tradução, há a inscrição: “versão do sânscrito moderno por H. Moss”, sem qualquer outra menção de autoria ou obra de origem, dando a entender que o texto fora traduzido diretamente do sânscrito para o português por Moss. Entretanto, esse escrito foi retirado da revista londrina *Fraser’s Magazine for Town and Country* de 1844, publicada em Londres pela G. W. Nickisson.

Quanto ao tradutor do português, apesar de não se identificar, ele optou por inserir uma nota de rodapé acerca do último episódio do texto, quando diante do vilarejo em que viviam os personagens Hophin e Ezela, a fidelidade da mesma é provada: “Todos os homens abençoaram Ezela, e todas as mulheres a invejaram. Fenômeno moral [...] que pertence à todo universo\*”. Sobre esse trecho, acrescenta a seguinte nota:

\* O fenômeno de que fala o cronista é o diverso sentimento que produz a perfeição e a beleza de uma mulher: os homens, quanto mais bela é a mulher mais a requisitam; as outras mulheres, mais fogem dela! Será ciúme? Será inveja? O Tradutor. (REVISTA AMERICANA, 1847, p. 98)

Mesmo assinando apenas como “O Tradutor”, ele opta por se marcar no texto através dessa nota, que não acrescenta explicação, curiosidade ou explicitação sobre opções de tradução, trata-se apenas de opinião do mesmo. Wyler (2003, p. 93) declara que, possivelmente, os tradutores do XIX optavam pelo anonimato em seus trabalhos para preservar sua vida profissional, fosse pela

questão do conflito de interesses entre jornais quando trabalhavam em mais de um estabelecimento, ou por traduzirem gêneros literários recorrentes nos jornais e pouco valorizados pelos críticos.

Quanto ao tradutor do sânscrito para o inglês, Hezekiah Moss, não foram encontradas informações sobre ele, levantando a suspeita que, talvez, o texto da *Fraser's Magazine* não fosse de fato uma tradução. Barbosa (2007, p. 34) afirma que, durante o XIX, textos traduzidos costumavam ser bastante valorizados em detrimento de textos originalmente escritos em idioma nacional, em especial quando retratavam o mundo Oriental, ainda misterioso para os ocidentais. Foi por conta dessa extrema valorização do estrangeiro que muitos autores nacionais faziam parecer que seus textos fossem traduções, que eram textos muito requisitados pelo público.

QUADRO 21 - "Costumes nacionais. O Suniassie" na *Revista Americana*

<b>Título</b>	Costumes nacionais. O Suniassie.
<b>Autor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Tradutor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução completa
<b>Metatexto</b>	-

Fonte: pesquisa direta, 2016

Seguindo a mesma linha do texto anterior, a tradução “Costumes Nacionais. O Suniassie” aparece na 2ª edição da revista baiana (1848, p. 134-141), sem informar o autor ou tradutor, apenas mencionando que o texto também foi retirado da revista londrina *Fraser's Magazine for Town and Country* (1844, G. W. Nickisson), intitulado “*The Suniassie*”. O texto narra as aventuras de soldados ingleses em missões na Índia, em oposição ao “Suniasie”, o “vilão” adepto de seita local que procura vingar-se do “heroico” soldado inglês que mata um animal considerado sagrado da região.

Como vimos neste item, foram encontrados exclusivamente romances europeus traduzidos, sobretudo, franceses, nas duas revistas. Com a expansão do público leitor, alguns homens de letras procuravam distinguir os “ignorantes” dos “sábios”, e as “boas” das “más” leituras, com isso, a leitura de romances, em especial, dos romances folhetins veiculados em periódicos, escritos bastante populares, foi banida do universo da boa leitura (ABREU, 2003, p. 21). E ao mesmo tempo em que havia um escalonamento dos escritores produziu-se uma hierarquização dos escritos:

O mais criticado dos gêneros – condenado em nome da moral, da tradição beletrística e da religião – foi o romance, não por acaso o tipo de escrito que mais crescia na preferência dos leitores. Intelectuais de prestígio empenhavam-se em escrever ataques ao romance, ao mesmo tempo em que preparavam tratados sobre a correta maneira de ler obras de belas-letas. (ABREU, 2003, p. 25)

Sobre a importância do romance estrangeiro para a formação do romance nacional brasileiro, Franco Moretti em *Atlas of the European Novel 1800-1900* (1999, p. 187) afirma que os romances europeus, em especial, os romances folhetins franceses forneceram a base e a forma para os romances brasileiros. Citando Roberto Schwarz<sup>14</sup>, Moretti (1999, p. 190) afirma que o romance já existia no Brasil, antes mesmo de aparecerem romancistas brasileiros e, quando apareceram, era natural que tomassem como modelo os romances europeus, porém, sob as configurações locais.

#### 4.4 Tradução de Diálogos

Dentre as traduções identificadas nas duas revistas, apenas 1 foi do gênero Diálogo. O Cônego Pinheiro, no seu *Curso Elementar de Literatura Nacional*, dá a seguinte definição do gênero:

É certamente o dialogo uma das mais agradaveis formas d'instruir aos homens, reunindo á solidez das obras didaticas o movimento dramatico. [...] A belleza d'este genero de composição resulta da importancia do assumpto e do peso das oppostas opiniões. Deve ser mais um debate do que uma lição; podendo existir ignorancia n'um dos interlocutores, nunca porém absoluta carencia d'espírito. (PINHEIRO, 1862, p. 126)

QUADRO 22 – “Conselhos de Goethe” na *Revista Americana*

<b>Título</b>	Conselhos de Goethe aos homens de letras
<b>Autor</b>	Johan Peter Eckermann
<b>Tradutor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução completa; Tradução de segunda mão
<b>Metatexto</b>	-

Fonte: pesquisa direta, 2016

Na 2ª edição da *Revista Americana* (1848, p. 123-130), publicou-se a tradução classificada como filosofia, intitulada “Conselhos de Goethe aos Homens

<sup>14</sup> SCHWARZ, Roberto. *Misplaced Ideas. Essays on Brazilian Culture*. Londres: Verso, 1992.

de Letras”, indicando que havia sido retirada da revista inglesa *Foreign Quarterly Review*, mas sem mencionar o tradutor.

Esse texto é uma compilação de conselhos e diretrizes dadas por Goethe ao seu amigo e secretário particular, Johann Peter Eckermann (1792-1854), que foram compilados por ele para publicação. O suposto texto de partida encontra-se na edição de outubro de 1836 da *Foreign Quarterly Review*, publicada em Londres, pela Black and Armstrong em parceria com a Adolphus Richter & Co. No artigo, com título em alemão e em inglês “*Gespräche mit Göthe in den letzten Jahren seines Lebens – Conversations with Goethe in the last Years of his Life*”, menciona-se que o texto havia sido publicado em Leipzig, ainda em 1836, mas sem informar o nome do tradutor inglês.

Apesar de na *Revista Americana* afirmar-se que o texto de partida era proveniente da *Foreign Quarterly Review*, a tradução brasileira teve como base a tradução francesa do texto em inglês – que, por sua vez, foi traduzido do alemão. A tradução francesa possui muitos cortes e modificações em relação ao seu texto base e, diferente da tradução brasileira que classificou o texto apenas como “filosofia”, a tradução francesa “*Conseils de Goethe aux gens de lettres*” publicada na *Revue Britannique ou choix d’articles traduits de meilleurs écrits périodiques de la Grande-Bretagne* (Paris, 1836) foi classificada como “*littérature*” e “*philosophie*”. Assim como na revista baiana, a revista francesa não menciona o nome do tradutor, apenas indica que o texto de partida foi retirado da *Foreign Quarterly Review*.

O caso da tradução “Conselhos de Goethe aos Homens de Letras” é um bom exemplo para demonstrar o contexto global de transferências culturais via tradução. Joseph Jurt (2007) demonstra através da fala do próprio Goethe que a visão da circulação cultural por meio dos impressos não é de hoje. Goethe (apud JURT, 2007, p. 94) enxergava as traduções e os contatos mútuos entre os escritores de diferentes nações tendo como plataforma as revistas e os jornais em circulação internacional como um importante meio de favorecer as transferências literárias em âmbito mundial, revelando a visão que ele tinha da função mediadora dos periódicos estrangeiros que ele lia regularmente já na primeira metade do século XIX.

## 4.5 Tradução de Epistolografia

Dentre as traduções nas duas revistas, identificamos apenas uma tradução do gênero epistolar, que foi publicada na *Revista Americana*. O Cônego Pinheiro nos dá a seguinte definição de gênero epistolar:

Constitue o genero epistolar pela universalidade dos assumptos que pôde abranger verdadeira pedra de toque do talento do escriptor. Não ha quem não faça uma carta; poucos porém sabem conservar-se no justo meio que lhe é prescripto pelo bom gosto. (PINHEIRO, 1862, p. 137)

QUADRO 23 - "Assassinato da Duquesa de Praslin" na *Revista Americana*

<b>Título</b>	Assassinato da Duquesa de Praslin. Extratos das cartas da Duquesa de Praslin e outros escritos achados entre os seus papéis
<b>Autora</b>	Fanny de Choiseul-Praslin, Duquesa de Praslin
<b>Tradutor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução parcial
<b>Metatexto</b>	Incluída correspondência noticiosa sobre o contexto das cartas

Fonte: pesquisa direta, 2016

Na 1ª edição da *Revista Americana*, publicou-se o texto “Assassinato da Duquesa de Praslin. Extratos das cartas da Duquesa de Praslin e outros escritos achados entre os seus papéis” (1847, p. 84-89) e, como sugere o próprio título, tratam-se de cartas escritas pela duquesa que havia sido assassinada alguns meses antes, um episódio exaustivamente noticiado no final do ano de 1847, por se tratar de um crime violento ocorrido dentre a nobreza da França, e coincidir com o gosto do público leitor por temáticas policiais, além do sucesso crescente das publicações conhecidas na França como *faits divers*, ou sensacionalistas.

Como exemplo das notícias que eram publicadas, mais parecidas com contos de terror que com notícias jornalísticas, trazemos abaixo um excerto da matéria do *Diário Novo*, de Pernambuco (novembro de 1847), traduzida do jornal francês *Le Journal du Havre*, publicado um dia após o crime, em 19 de agosto de 1847:

Um crime horrível, e que cobre de luto duas famílias, acaba de ser cometido a noite passada na rua Saint-Honoré, número 55, no palácio do conde Sebastiani. Eis alguns pormenores que acerca deste ato podemos colher: [...] às duas horas, pouco mais ou menos da manhã, o som de uma campainha tocada com muita força, despertou um dos criados, que correu a receber as ordens da Sra. duquesa, a qual depois de se vestir apressadamente o criado, assim o executou. Encontrando porém grande resistência na porta da câmara da referida senhora, ele se dispunha a voltar, quando ouviu alguns gemidos que saíam do interior do quarto; receando que sua ama sofresse, o fiel criado, depois de novos esforços, conseguiu meter a porta dentro. E então um quadro lastimoso se lhe apresentou à vista: a Sra. duquesa de Praslin estendida no chão e

banhada no sangue. (LE JOURNAL DU HAVRE, 1847 apud DIÁRIO NOVO, 1847, p. 2)

O assassinato de Fanny de Choiseul-Praslin tomou enormes proporções, principalmente, após serem encontrados os culpados: seu marido, o duque de Praslin, e a sua amante e babá de seus filhos, a Srt<sup>a</sup> Deluzy.

O que percebemos com a repercussão deste caso é a rapidez com que as notícias circulavam nessa época, mesmo em continentes diferentes: o crime ocorreu em agosto e passou a ser muito noticiado na França; nos meses seguintes, passou a ser noticiado no Brasil. Em dezembro, as cartas da duquesa foram publicadas pela *Revista Americana* traduzidas para o português.

O escândalo foi tão grande quanto a avidez por novas informações do público, é tanto que as cartas de Fanny de Praslin escritas ao marido, Charles Théobald, peças fundamentais para incriminá-lo, foram reunidas e publicadas ainda em 1847 pela Imprimerie Royale sob o título *Extraits de Lettres de Madame la Duchesse de Praslin et autres pièces manuscrites trouvées dans ses papiers*. Provavelmente, foi através dessa publicação que o tradutor da *Revista Americana* teve acesso às mesmas.

No periódico baiano, foram publicadas cinco cartas e, logo após, uma correspondência de Londres, datada de 4 de setembro de 1847, extraída do *Jornal do Comércio*, em que o correspondente fala sobre o frenesi de notícias acerca do caso em Paris e transcreve a suposta confissão do duque de Praslin publicada no jornal *Moniteur*. No contexto da tradução da *Revista Americana*, podemos perceber claramente a circulação de notícias no século XIX e o intercâmbio entre jornais.

#### 4.6 Tradução de Biografia

No nosso *corpus* de traduções de literatura, 4 são estudos biográficos. No caso desses textos, acreditamos que é mais importante lançarmos nossas reflexões sob o porquê da escolha dos autores biografados, e sob o interesse dos editores em transmitir informações sobre esses autores em específico para o público leitor.



O *Archivo* publicou 3 biografias, uma sobre Lamartine, uma sobre Agostinho Thierry e outra sobre Chateaubriand, todos eles, autores de destaque no século XIX.

QUADRO 24 - Biografia de Lamartine em *O Archivo*

<b>Título</b>	M. de Lamartine
<b>Autor</b>	Un Homme de Rien (pseudônimo de Louis de Loménie)
<b>Tradutor</b>	Augusto Frederico Colin
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução completa
<b>Metatexto</b>	-

Fonte: pesquisa direta, 2016

QUADRO 25 - Biografia de Agostinho Thierry em *O Archivo*

<b>Título</b>	Biographia. M. Agostinho Thierry
<b>Autor</b>	Un Homme de Rien (pseudônimo de Louis de Loménie)
<b>Tradutor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução completa
<b>Metatexto</b>	-

Fonte: pesquisa direta, 2016

QUADRO 26 - Biografia de Chateaubriand em *O Archivo*

<b>Título</b>	Biographia. M. de Chateaubriand
<b>Autor</b>	Un Homme de Rien (pseudônimo de Louis de Loménie)
<b>Tradutor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução completa
<b>Metatexto</b>	-

Fonte: pesquisa direta, 2016

As três traduções têm como obra de partida a publicação periódica francesa *Galerie des Contemporains Illustres*, e são de autoria de Louis de Loménie, sob o pseudônimo de “*Un Homme de Rien*”. Esse autor não foi nomeado em *O Archivo* e, das três traduções, apenas na biografia de Lamartine nomeou-se o tradutor, Augusto Frederico Colin.

De acordo com o apresentado na seção “4.1 Tradução de Gênero Lírico”, em *O Archivo*, foram publicadas duas poesias de Lamartine, uma delas traduzida por Augusto Colin, no entanto, em ambas a constante era o destaque dado a Lamartine ser membro da *Académie Française*, talvez por isso o grande interesse dos membros da revista maranhense em traduzir obras dele e sobre ele.

Já na *Revista Americana* foi publicada a biografia do Lord Chatam, classificada como “Estudos políticos e biográficos”

QUADRO 27 - Biografia de Lord Chatam na *Revista Americana*

<b>Título</b>	Estudos políticos e biográficos. Lord Chatam.
<b>Autor</b>	Thomas Babington Macaulay
<b>Tradutor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução completa
<b>Metatexto</b>	Tradução classificada como “Estudos políticos e biográficos”

Fonte: pesquisa direta, 2016

Acerca do gênero Biografia, o Cônego Pinheiro afirma:

Todos sabem que pela palavra biographia entende-se a historia d'um indivíduo, que por qualquer circumstancia tornou-se notavel. É indubitavel que fornecem ellas grande subsidio á historia geral d'um paiz, [...] Estudando minuciosamente a vida dos protagonistas conhecendo de perto o seu character, tendencias e quiçá aspirações, melhor comprehendemos o drama que ante nós se desdobra. (PINHEIRO, 1862, p. 143)

O próprio Cônego, em sua definição de biografia, ressalta que a mesma é a história de um indivíduo notável, cuja importância é clara: auxiliar o público a compreender os dramas da própria vida. Tal propósito se adequa perfeitamente aos objetivos das duas revistas de que tratamos aqui, e de tantas outras publicações do período, de trazer conhecimento e elevação moral ao público nacional.

## 4.7 Tradução de Historiografia

Sobre a importância do estudo do gênero literário Historiografia, o Cônego Pinheiro afirma:

Ninguém desconhece a importancia do estudo da história [...]. Com o fio d'Ariadne conduz-nos ao labyrintho do passado, e faz-nos assistir pela imaginação a factos occorridos em estranhos climas e remotas eras. Fe-la classificar nas bellas letras o encanto que causa-nos a sua leitura. (PINHEIRO, 1862, p. 152)

E classifica a escrita da história em dois grupos: a imparcial e a crítica:

De duas diversas maneiras pode-se escrever a historia: ou como testemunha impassivel dos acontecimentos registrando-os sem fazer-lhes o menos commentario; ou apreciando as causas d'onde dimanam os successos, e procedendo á rigorosa autopsia das circumstancias que mais ou menos actuaram sobre elles. O primeiro d'estes methodos produz a chronica, que regeita a critica, e interrogando as tradições populares apressa-se em enfeixa-las n'um ramallete de maior ou menor fragancia. [...] Submette a segunda escola todos os factos á luz da critica, e nunca conta sem que moralise e raciocine. É mais philosophico e infinitamente mais util o segundo d'ester methodos: cumpre porém reconhecer que exige elle da parte dos escriptores e dos leitores certo

grão d'adiantamento que lhes permita estudar com imparcialidade o passado, cortando não raro por legendas que sobremodo lisongeam o orgulho e a vaidade nacionaes. (PINHEIRO, 1862, p. 152-153)

Podemos perceber a discrepância entre a definição da escrita da história atual e no século XIX, primeiramente, pela não inserção da história no ramo das ciências, além disso, acreditava-se que o historiador seria uma testemunha impassível, capaz de descrever os fatos sem fazer nenhum comentário. Essa visão positivista é corroborada por algumas notas de rodapé encontradas nas traduções de historiografia nas revistas, como veremos a seguir:

QUADRO 28 – “A filha da rainha” em *O Arquivo*

<b>Título</b>	A filha da rainha
<b>Autor</b>	Pitre Chevalier
<b>Tradutor</b>	Antônio Rego
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução completa
<b>Metatexto</b>	Tradução classificada como “História contemporânea”; Notas explicativas e duas imagens cortadas do texto de partida

Fonte: pesquisa direta, 2016

A tradução “A filha da rainha” foi publicada no volume 2 (p. 26-35) da revista maranhense e traduzida por Antônio Rego, e teve como texto de partida “*La Fille de la Reine*” de Pitre Chevalier, publicada na revista *Musée des familles* (1845).

O historiador narra – com ares mais romanescos que historiográficos – a incrível história de Isabel II, rainha da Espanha, que, ao passar por Madri, decide visitar uma moça enferma junto com o padre local. É quando reconhece que a moça doente era Felipa, supostamente órfã, havia recebido o apelido de “A Filha da Rainha” – já que a rainha deveria ser a guardiã de todos os órfãos. Felipa fora acolhida pelas amas de Isabel ainda criança e criada com ela desde os seis anos de idade, e durante um levante ocorrido na região, soldados acabam raptando a órfã, confundindo-a com a pequena rainha. Nunca mais se soube dela, até o dia em que Isabel II resolveu visitar a moça doente em Madri. Pondo todos os médicos reais a cuidar da moça, que curou-se após seis meses, quando confirmou que era Felipa e o senhor que cuidava dela era seu captor e pai de sangue.

Apesar da história ter ares fictícios, muitas notas de rodapé foram cortadas do texto de partida, com exceção desta: “Todos estas particularidades são

rigorosamente históricas<sup>15</sup>". Vemos aqui a visão positivista apresentada pelo Cônego Pinheiro corroborada pela manutenção dessa nota de rodapé do texto de partida em francês na tradução em português, afirmando que todos os detalhes do texto – que também apresenta diálogos – são rigorosamente históricos, mesmo que o presente relato tenha mais características em comum com um romance que com uma narração histórica.

QUADRO 29 – “O papel que fez a Grécia” em *O Archivo*

<b>Título</b>	O papel que fez a Grécia no desenvolvimento da humanidade
<b>Autor</b>	Théodore Jouffroy
<b>Tradutor</b>	Augusto Frederico Colin
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução completa
<b>Metatexto</b>	Epígrafe em latim mantida; incluída nota de rodapé

Fonte: pesquisa direta, 2016

A tradução “O papel que fez a Grécia no desenvolvimento da humanidade” foi publicada no número 6 de *O Archivo* (1846, p. 111-114), tendo o tradutor assinado apenas como A. C., que acreditamos ser de Augusto Frederico Colin.

Tivemos acesso ao texto de partida, “*Du role de la Grèce dans le développement de l'humanité*”, de Théodore Jouffroy, através da revista parisiense *Mélanges philosophiques* (1838, 2ª ed., p. 82-92), publicada pela Librairie de Ladrange.

No início do texto de partida havia uma citação em latim, que foi trazida para o texto de chegada. Essa tradução, fala sobre o surgimento do povo grego, desde a instalação de tribos selvagens nas margens do Eufrates, até a ascensão da Grécia, segundo o autor, uma civilização que sempre marchou a frente da humanidade. Em determinado momento do texto, o autor relata invasões ocorridas na Grécia, mas que a mesma havia conseguido se libertar, sobre esse trecho, o tradutor opta por incluir a seguinte nota de rodapé: “O que de feito se realizou; e a Grécia hoje se acha inscripta na lista das nações livres.” Tal qual a nota de rodapé da tradução “A filha da rainha” vemos também aqui uma ligação com a visão positivista da história quando o tradutor opta por reafirmar que os fatos narrados pelo autor, de fato, se realizaram.

---

<sup>15</sup> No texto de partida: “*Tous ces details sont rigoureusement historiques*”.

QUADRO 30 – “Destino das cidades” em *O Archivo*

<b>Título</b>	Destino das cidades. Constantinopla, Alexandria, Venesa e Corinto
<b>Autor</b>	Saint-Marc Girardin
<b>Tradutor</b>	Augusto Frederico Colin
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução parcial
<b>Metatexto</b>	Notas presentes no texto de partida foram excluídas

Fonte: pesquisa direta, 2016

Nos números 7 (p. 129-131) e 8 (p. 149-150) de *O Archivo* foi publicada a tradução intitulada “Destino das cidades. Constantinopla, Alexandria, Venesa e Corinto”, indicando que fora traduzida por Augusto Frederico Colin, bem como seu contexto de partida, a *Revue des Deux Mondes*, algo incomum para o perfil revista maranhense.

De fato, o texto em francês, “*De la Destinée des Villes*”, de Saint-Marc Girardin, foi publicado no tomo 4 da *Revue des Deux Mondes*, no ano de 1840 (p. 574-581), impressa pela Société Typographique Belge em Bruxelas.

Tânia de Luca (no prelo 2016, p. 2) afirma que a *Revue de Deux Mondes*, conheceu significativa circulação no Brasil dos oitocentos, servindo de modelo para as revistas literárias da época, com longos textos e de caráter ensaístico, e as raras imagens demonstravam a ambição de fornecer ao leitor mais do que mera distração.

Nesse texto, o autor desenvolve o conceito de “cidade natural e necessária”, afirmando que algumas cidades, a exemplo da França, dependem do destino dos impérios e dos homens para se manterem em posto de destaque, já as cidades naturais e necessárias, tais como Constantinopla, Alexandria, Veneza e Corinto, além de possuírem posto de destaque por conta das civilizações que as habitam/habitaram, contam também com circunstâncias naturais privilegiadas, o que as torna mais duradouras.

QUADRO 31 – “Odessa” em *O Archivo*

<b>Título</b>	Odessa
<b>Autor</b>	A. Vayssiére
<b>Tradutor</b>	***
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução completa
<b>Metatexto</b>	-

Fonte: pesquisa direta, 2016

A tradução “Odessa” foi publicada no 5º número de *O Archivo* (p. 104-105) sem indicação genérica ou temática, e sem o nome do autor ou do tradutor, que assina apenas com \*\*\* ao final do texto.

O texto de partida, de A. Vayssière, foi encontrado na revista francesa *Magasin Universel* de 1853, classificado como “*Vues et Monuments Étrangers*”, mesmo havendo uma seção de “*Histoire*”, e uma seção para “*Voyages*”. Apesar da revista francesa ter sido publicada posteriormente à *O Archivo*, esse foi o único registro desse texto que tivemos acesso e nos serviu de base contrastiva.

O texto conta a história da cidade de Odessa, na região da Criméia, que é descrita como um vilarejo que, sob os auspícios do imperador da Rússia, tornou-se uma cidade grande e próspera.

QUADRO 32 – “Tyro” em *O Archivo*

<b>Título</b>	Tyro
<b>Autor</b>	A. Mazuy
<b>Tradutor</b>	Roberto Augusto Colin
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução completa
<b>Metatexto</b>	-

Fonte: pesquisa direta, 2016

No número 8 de *O Archivo* (p. 164-166), publicou-se a tradução intitulada “Tyro”, informando o nome do autor, A. Mazuy, e as iniciais do tradutor, Roberto Augusto Colin (R. A. C.).

Esse texto conta a história da criação e ascensão da, nas palavras do autor, “poderosa cidade do antigo mundo”, “rainha do mar, que brilhante se eleva na Phenícia não longe da antida Sidonia”, Tiro.

Não foi possível encontrar registro desse texto em idioma de partida em data anterior à publicação de *O Archivo* (1846), entretanto, encontramos uma publicação do mesmo na revista parisiense *Le Magasin Universel* de 1853 (2ª ed., p. 195-196), aliás, a mesma edição em que foi encontrado o texto de partida de “Odessa”. Ele também foi classificado como “*Vues et Monuments Étrangers*”, mesmo havendo uma seção de “*Histoire*” e outra de “*Voyages*”.

QUADRO 33 – “Caracter das opiniões na Europa” na *Revista Americana*

<b>Título</b>	Caracter das opiniões na Europa – 1688 a 1690
<b>Autor</b>	Jean Batiste Honoré Capefigue
<b>Tradutor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução parcial

<b>Metatexto</b>	Tradução classificada como “Quadro histórico e político”
------------------	--

Fonte: pesquisa direta, 2016

Na 2ª edição da *Revista Americana* foi publicada a tradução classificada como “Hum quadro histórico político”, intitulada “Caracter das opiniões na Europa – 1688 a 1690” (1848, p. 156-160), afirmando que o estudo da marcha das opiniões, é o mais solene estudo da história.

Esse texto traz as visões políticas de personagens influentes da Europa no século XVI, indicando ao final o nome do autor, Jean Batiste Honoré de Capefigue, e que o texto fora retirado da Gazeta Oficial do Império do Brasil. De fato, em dezembro de 1847, o periódico brasileiro publicou na seção de “Litteratura e Sciencias”, a tradução classificada como “Estudo Histórico” intitulada “O reinado de Luiz XIV”. Por sua vez, a Gazeta Oficial teve como base o livro “*Louis XIV, son gouvernement et ses relations diplomatiques avec l’Europe*”, publicado no ano de 1844 (p. 1-10), em Paris pela Belin-Leprieur.

A circulação do texto de Capefigue, vindo inicialmente da França, depois sendo publicado no periódico do Rio de Janeiro e, em seguida, na revista baiana, demonstra que os textos eram transferidos não só entre as publicações europeias e brasileiras, mas também, entre os próprios periódicos brasileiros, ganhando um novo rosto a medida em que passavam de um para o outro, como neste exemplo, em que a *Revista Americana*, além de modificar o título, que deu um ar mais geral ao texto (“Caráter das opiniões na Europa”, ao invés de “O reinado de Luiz XIV”), modificou a classificação do mesmo.

QUADRO 34 – “História dos Tremedores” na *Revista Americana*

<b>Título</b>	História dos Tremedores e da Sociedade dos Amigos
<b>Autor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Tradutor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução completa
<b>Metatexto</b>	Tradução classificada como “Anthropologia”; tradução de segunda mão

Fonte: pesquisa direta, 2016

Na 2ª edição da *Revista Americana* publicou-se a tradução de “História dos Tremedores e da Sociedade dos Amigos” (p. 112-128), apresentando ao público leitor duas comunidades que chamou de seitas: a Tremedores e a Sociedade dos Amigos, seitas que, segundo o autor, prezavam pela igualdade e pelo progresso da civilização, apresentando uma divisão de trabalho igualitária e onde bastava apenas a conservação da autoestima para ser bem aceito pelo grupo.



Apesar de ser classificada no título como um texto histórico, a tradução aparece na revista baiana na seção de “Anthropologia”, apenas indicando ao final que o texto de partida é proveniente da *Revue Britannique*.

Já o texto de partida, encontrado no tomo 12 da *Revue Britannique* (1837, p. 236-263), intitulado “*Histoire des Trembleurs et de la Société des Amis*”, também foi classificado como um estudo antropológico. Sem indicar o nome do autor ou tradutor, nesse texto, apenas informa-se ao final que havia sido traduzido da revista inglesa *Tait’s Edinburgh Magazine*.

Assim como no caso da tradução da poesia de Chateaubriand (ou de Gray) e do diálogo entre Eckermann e Goethe, vemos aqui mais um caso de tradução de segunda mão, tendo a língua francesa como base, demonstrando não apenas a importância da França para a circulação do conhecimento no século XIX, como também, a importância da tradução e da imprensa periódica enquanto mediadoras culturais no referido século.

QUADRO 35 – “Da Islândia” na *Revista Americana*

<b>Título</b>	Da Islândia e de suas relações da Idade Média com a Inglaterra
<b>Autor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Tradutor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução completa; tradução de segunda mão
<b>Metatexto</b>	Notas de rodapé do texto de partida foram mantidas

Fonte: pesquisa direta, 2016

Na 3ª edição da *Revista Americana* (1848, p. 278-288) foi publicada a tradução, sem informação de autor ou tradutor, “Da Islândia e de suas relações na Idade Média com a Inglaterra”, classificada na própria revista como “História política”, trazendo um apanhado da história da Islândia, de suas relações com a Inglaterra e detalhes sobre sua organização administrativa.

De acordo com o que foi informado na revista baiana, o texto fora traduzido da *Revue Britannique*, por sinal, a mesma edição do texto apresentado anteriormente, “*Histoire des Trembleurs et de la Société des Amis*”. O texto “*De l’Islande et de ses rapports au moyen age avec l’Angleterre*” (1837, p. 264-285) não informou o nome do autor, nem do tradutor, apenas que havia sido traduzido da revista londrina de James Buckingham, *Athenaeum*. Na tradução francesa havia uma nota do tradutor e uma nota de rodapé, ambas mantidas na revista baiana, entretanto, as duas como nota de rodapé, sem menção ao tradutor da *Revue Britannique*.



Novamente, enxergamos com esse exemplo de tradução de segunda mão a importância da França para a circulação do conhecimento no século XIX, tendo a imprensa periódica como veículo mediador.

Após a exposição do panorama da tradução de historiografia nas duas revistas, podemos inferir que os textos históricos apresentados na *Revista America* tinham um caráter mais técnico que os textos históricos publicados em *O Archivo*, na verdade, a forma de escrita dos textos escolhidos para tradução na revista maranhense apresentavam a história sob uma ótica romantizada – como no caso de “A filha da rainha” –, ou, no caso da apresentação da história de cidades, o caráter exótico das mesmas foi destacado, provavelmente, pelo grande interesse do público leitor pelo estrangeiro desconhecido, como veremos a seguir na seção “4.8 Tradução de Viagens”.

## 4.8 Tradução de Viagens

O Cônego Pinheiro (1862) define o gênero *Viagens* como:

São por certo as viagens uma das mais agradáveis maneiras d'instruir deleitando. Conhecer os usos e costumes dos diversos povos sem correr os perigos inseparáveis das peregrinações, deve ser o *desideratum* dos espiritos curiosos, e avidos da verdadeira e solida instrução. (PINHEIRO, 1862, p. 169, grifo do autor)

Porém, faz o alerta de que nem sempre pode-se confiar na veracidade dos relatos dos viajantes, que, segundo ele, costumam trocar o fôro de historiador pelo de romancista, tal qual vimos ocorrer em alguns exemplos da seção anterior, “4.7 Tradução de Historiografia”:

Raro porém é o viajante, que, fielmente compenetrado de sua missão, não troque o fôro de historiador pelo de romancista, sacrificando a verdade nas asas da ficção, como que para indemnizar-se dos azares por que passára, e das decepções que experimentára. A mesma dificuldade porém d'encontrar-se um verídico guia da nossa curiosidade faz com que mais apreciado seja ele, constituindo o seu livro a mais agradável e profícua leitura que se deparar possa. (PINHEIRO, 1862, p. 169)

QUADRO 36 - "Costumes Corsegos" em *O Archivo*

<b>Título</b>	Costumes Corsegos
<b>Autor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Tradutor</b>	***
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução completa

<b>Metatexto</b>	-
------------------	---

Fonte: pesquisa direta, 2016

Nos números 8 e 9 da revista *O Archivo* publicou-se a tradução “Costumes Corsegos” (1846, p. 166-168; 185-186), sem indicação de autor, ou de tradutor, que assinou apenas com \*\*\*, algo pouco comum para o perfil desse periódico.

A tradução trata do costume do povo corso de “fazer a justiça que lhe é negada pelo governo”, afirmando que “um homicídio impune arrastava após si trinta ou quarenta outros”. O texto traz relatos de viajantes, soldados do exército francês e funcionários públicos da França, porém, nenhum deles fora nomeado. Um dos relatos, de “um homem que exercia um cargo superior na administração do exército francês”, diz o seguinte:

"Essa ocular testemunha pinta com vivas cores as paixões vingativas do Corsego, a educação de seus filhos, alimentados no ódio de um inimigo e na sede de sangue, o furor dessas mulheres que, a ponto de perderem um irmão, um amigo, um amante, os instigavam á vingança" (O ARCHIVO, 1846, p. 166, autor desconhecido)

Quanto ao texto de partida “*Moeurs Corses*”, o mesmo foi publicado na revista parisiense *Le Magasin Universel*, de 1839 (p. 244), a mesma edição em que foi publicado o texto de partida do romance “O Lago da Fada”, também traduzido em *O Archivo*, mas assinado com as iniciais de Roberto Colin. Na *Le Magasin Universel*, o texto também veio sem indicação de autor, apenas informando ao final que havia sido retirado da revista *La Revue Française*.

Assim como no caso da tradução “Caráter das opiniões na Europa”, em que o texto de Capefigue fora retirado de outro periódico brasileiro, também na França vemos o exemplo da republicação de textos entre periódicos, apontando para intrínseca relação dos periódicos nacionais no tocante à circulação do conhecimento, uma prática que não se restringe ao contexto brasileiro.

QUADRO 37 - "Os túmulos aéreos" na *Revista Americana*

<b>Título</b>	Os túmulos aéreos
<b>Autor</b>	François-René de Chateaubriand
<b>Tradutor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução de trecho
<b>Metatexto</b>	-

Fonte: pesquisa direta, 2016

Na 1ª edição da *Revista Americana* foi publicada a tradução “Os túmulos aéreos” (1847, p. 98, 99), que é oriunda do livro *Génie du Christianisme ou Beautés de la Religion Chrétienne*, de François-René de Chateaubriand, escrito

na década de 1790, durante seu exílio na Inglaterra, e publicado em 1802, em Paris, pela Migneret.

A primeira tradução dessa obra para o português foi feita apenas em 1860 pelo escritor e tradutor português Camilo Castelo Branco, o que leva a crer que a tradução publicada na *Revista Americana* foi empreendida por um dos colaboradores, até pela forma como o livro de Chateaubriand foi referenciado, com o título em francês.

*Génie du Christianisme*, é uma obra de exaltação à fé católica, que estava sob ataque durante a Revolução Francesa, e encontra-se dividida em quatro partes: 1) Dogmas e Doutrinas; 2) A Poesia do Cristianismo; 3) Belas Artes e Literatura; e 4) Ritual. O único parágrafo da obra escolhido para ser traduzido foi retirado da 3ª parte, Belas Artes e Literatura, e descreve um ritual de sepultamento indígena onde os corpos são colocados em árvores. Apesar de o livro de Chateaubriand ser uma obra de exaltação aos dogmas e doutrinas do cristianismo, o trecho selecionado para tradução na revista refere-se a um ritual de sepultamento pagão, ou seja, não é representativo do todo da obra de partida.

QUADRO 38 – “Patrona-Calil” na *Revista Americana*

<b>Título</b>	Patrona-Calil
<b>Autor</b>	Alphonse Royer
<b>Tradutor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução completa
<b>Metatexto</b>	Tradução classificada como “Recordações de viagem”

Fonte: pesquisa direta, 2016

Já na 3ª edição da revista baiana, a tradução “Recordações de viagem. Patrona-Calil” (1848, p. 219-232), sem indicação de tradutor, apenas do autor, Alphonse Royer, é proveniente do livro *Aventures de Voyage, tableaux, récits et souvenirs du levant*, publicado em Bruxelas, em 1837, pela Méline, Cans et Compagnie. Com a história contextualizada na cidade de Constantinopla, conta as peripécias do herói local, Patrona-Calil, ao liderar tropas populares contra o sultão Ahmed, considerado um infiel aos ensinamentos do profeta Maomé.

Aqui, percebemos um exemplo do alerta feito pelo Cônego Pinheiro, de que nem sempre pode-se confiar na veracidade dos relatos dos viajantes, que costumam trocar “o fôro de historiador pelo de romancista”. Esse parece ser o caso dessa tradução, que mais se assemelha a um romance, que a um relato.

QUADRO 39 - "Os bazares de Constantinopla" na *Revista Americana*

<b>Título</b>	Os bazares de Constantinopla
<b>Autor</b>	Nathaniel Parker Willis
<b>Tradutor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução de trechos
<b>Metatexto</b>	-

Fonte: pesquisa direta, 2016

Logo após "Patrona-Calil", publica-se outra tradução na *Revista Americana* retratando a mesma cidade, mas, dessa vez, mais próximo do estilo de um relato. "Os bazares de Constantinopla" (1848, p. 232-234), escrito em primeira pessoa, descreve as maravilhas de uma feira situada em Constantinopla.

O texto de partida foi escrito por Nathaniel Parker Willis e publicado no periódico *The Edinburgh Review: Or Critical Journal* em 1836, em Edimburgo, na Escócia, pela Ballantine and Company, e reimpresso em Paris e vendido pela Baudry, European Library, com o título "*Willis Pencilling's by the Way*".

QUADRO 40 - "O Grindelwald - Suíça" na *Revista Americana*

<b>Título</b>	O Grindelwald – Suíça
<b>Autor</b>	Désiré Raoul-Rochette
<b>Tradutor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução completa
<b>Metatexto</b>	-

Fonte: pesquisa direta, 2016

A tradução sobre o exotismo de lugares longínquos na 3ª edição da revista baiana, também seguindo o estilo de relato de viagem, foi "O Grindelwald. Suíça" (1848, p. 235-240). Sem indicação de tradutor, menciona apenas a obra de origem e o autor, Désiré Raoul-Rochette. O relato de Rochette é escrito para uma amiga não nomeada, em que o mesmo narra as aventuras e perigos na escalada dos Alpes Suíços na região de Grindelwald.

Esse texto é o capítulo 12 do livro *Lettres sur quelques cantons de la Suisse, écrites en 1819*, publicado em Paris pela H. Nicolle, em 1820.

QUADRO 41 – "Costumes e usos do México" na *Revista Americana*

<b>Título</b>	Costumes e usos do México
<b>Autor</b>	Nicolas-Joseph Thiéry de Menonville
<b>Tradutor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Estratégia geral de tradução</b>	-
<b>Metatexto</b>	Subtítulo "Extracto da viagem de Mr. Thiéry"

Fonte: pesquisa direta, 2016

Na 3ª edição da *Revista Americana* publicou-se a tradução “Costumes e usos do México”, com o subtítulo entre parênteses “(Extracto da viagem de Mr. Thiéry)”. Nesse relato detalhado, Thiéry discorre sobre a língua do México, seu calendário dividido em 18 meses, as comidas, os trabalhos artesanais, entre outros costumes e usos da região.

Embora não tenhamos encontrado o possível texto de partida, em *Handbook of Middle American Indians*, Benedict Warren (1973, p. 64) afirma que Thiéry de Menonville (1739-1780) foi um viajante francês que esteve na cidade Oaxaca, no México, no final do período colonial. Ele fora mandado para lá, pelo Rei Louis XVI da França, para estudar os recursos econômicos da região das Antilhas. Warren conta que em 1777, Thiéry chegou a Veracruz, no México, e depois foi para Oaxaca a procura da cochonilha, utilizada na produção de corante vermelho, fazendo relatos de todas as novidades encontradas no caminho, e após passar por diversos problemas na viagem, conseguiu trazer cochonilhas vivas para a França. Sua narrativa de viagem foi publicada na França no ano de 1787.

Podemos afirmar que tanto em *O Archivo*, quanto na *Revista Americana*, o interesse pelo estrangeiro exótico era grande, não apenas nas traduções que classificamos como “Viagens”, esse interesse também pode ser observado no único texto épico traduzido, em alguns romances e nos textos de historiografia, sempre destacando uma única visão sobre determinado povo ou região estrangeira, como se tal característica exótica aos olhos do público leitor brasileiro (ou europeu) do século XIX, fosse seu único traço cultural.

O grande número de traduções publicadas sobre o tópico do exotismo pode ser explicado pelo interesse do público por culturas desconhecidas e hábitos que lhes eram incomuns. A escolha do que era publicado nos periódicos oitocentistas estava diretamente relacionada ao gosto literário do público, fator determinante para a conservação ou extinção dessas publicações, que dependiam das assinaturas para se manter.

## 4.9 Tradução de Oratória

Diferente da acepção ampla que geralmente tem-se do gênero oratório atualmente, o Cônego Pinheiro refere-se à *Oratória* apenas no âmbito do sagrado, como vemos no trecho abaixo:

[...] Prejudicava-lhe [a oratória] ainda ahi a crença geralmente espalhada entre os prégadres de que todo o artefício rhetorico devera ser banido dos sermões e panegyricos dos sanctos, não necessitando d'ornatos a linguagem evangelica. Com o progresso porém das luzes foi definhando semelhante crença, e concencendo-se os oradores sagrados que mais fructuosas seriam as suas predicas se menos rudes se tornassem ellas. (PINHEIRO, 1862, p. 240)

Como apontam os exemplos a seguir, a temática moralizante atrelada aos valores da religião católica é recorrente em ambas revistas.

QUADRO 42 – “Um Trecho da História do Consulado” em *O Archivo*

<b>Título</b>	Um Trecho da História do Consulado e do Império
<b>Autor</b>	Louis Adolphe Thiers
<b>Tradutor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução parcial
<b>Metatexto</b>	-

Fonte: pesquisa direta, 2016

Na primeira edição da revista *O Archivo* (1846, p. 6), publicou-se o texto intitulado “Um Trecho da História do Consulado e do Império”, indicando apenas o nome do autor, o advogado, político e historiador francês Louis Adolphe Thiers (1797-1877), mas sem indicação de tradutor, algo incomum para o perfil da revista.

O texto de partida é proveniente do livro *Histoire du Consulat et de l'Empire*, publicado em Bruxelas, na Bélgica, pela Méline, Cans et Compagnie em 1845, e trata da história, administração pública, política, relações internacionais, religião, entre outros, no contexto da França. Já o trecho publicado em *O Archivo*, corresponde a quatro parágrafos do capítulo 12 do livro de Thiers que tratam da necessidade humana de uma crença religiosa (a católica) e como pode ser prejudicial a crença na razão acima de Deus.

QUADRO 43 - "Preceitos gerais de moral" na *Revista Americana*

<b>Título</b>	Preceitos gerais de moral
<b>Autor</b>	Jean-François de Saint-Lambert
<b>Tradutor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução parcial

<b>Metatexto</b>	-
------------------	---

Fonte: pesquisa direta, 2016

Já na *Revista Americana*, foram publicadas 6 traduções moralizantes com base na religião católica.

Na 2ª edição publicou-se a tradução “Preceitos gerais de moral” (1848, p. 152, 153), sem indicação de tradutor, mencionando apenas o autor, Jean-François de Saint-Lambert (1716-1803), militar e filósofo francês. A passagem publicada na Bahia foi retirada do livro *Ouvres Philosophiques de Saint-Lambert. Catéchisme Universel*, publicado em Paris pela H. Agasse, em 1801. Os capítulos reproduzidos na revista baiana foram o “III. Des devoirs des enfants envers les hommes” e o “IV. Des devoirs des enfants envers leurs pères et mères”, no entanto, na revista, a ordem de apresentação dos capítulos foi invertida, primeiro o capítulo IV e, em seguida, o capítulo III, destacando assim a importância dos deveres dos jovens, em primeiro lugar, com a família e, depois, com a sociedade.

QUADRO 44 – “Das sociedades humanas” na *Revista Americana*

<b>Título</b>	Das sociedades humanas
<b>Autor</b>	Dominique Georges Frédéric Dufour de Pradt
<b>Tradutor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução parcial
<b>Metatexto</b>	-

Fonte: pesquisa direta, 2016

Ainda na 2ª edição na *Revista Americana*, foi publicada a tradução “Das sociedades humanas” (1848, p. 160-164), sem indicação de tradutor, apenas trazendo o nome do autor Dominique Georges Frédéric Dufour de Pradt (1759-1837), diplomata e historiador francês. O trecho publicado na revista foi retirado do capítulo 1 do livro *L'Europe et Amérique en 1822 et 1823*, publicado em Paris pela Bechet, em 1824.

O texto exalta as sociedades humanas e a importância de suas leis e convenções, uma estrutura criada por homens, apontados como a imagem e semelhança de Deus.

QUADRO 45 – “*De la littérature dans l'Éducation*” na *Revista Americana*

<b>Título</b>	NÃO FOI MENCIONADO NA REVISTA
<b>Autor</b>	Pierre-Louis Parisis
<b>Tradutor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Estratégia geral de tradução</b>	
<b>Metatexto</b>	

Fonte: pesquisa direta, 2016

Na 2ª edição da *Revista Americana* (1848, p. 165-172), publicou-se a tradução que trata da importância da literatura na educação religiosa. Dessa vez, além do autor e do tradutor não terem sido nomeados, o texto não veio acompanhado do título, apenas indicando ao final que o mesmo partiu da revista francesa *L'Univers. Union Catholique*.

Embora o texto de partida do bispo Pierre-Louis Parisis, que destaca o papel da literatura na educação moral e religiosa, não tenha sido acessado através da *L'Univers*, o mesmo foi encontrado na revista *Revue de Bruxelles* de 1847, publicada em Bruxelas pela J. B. de Mortier, sob o título “*De la littérature dans l'Éducation. Discours prononcé, le 25 août 1847, par M. Parisis, évêque de Langres, avant la distribution des prix du petit séminaire de son diocèse*”.

Aqui, assim como no exemplo da tradução “Costumes Corseiros”, apresentado no item anterior “4.7 Tradução de Viagens”, vemos um caso da republicação de textos entre revistas francesas, uma prática comum na imprensa periódica do século XIX.

QUADRO 46 – “Encyclica do SS. PP. Pio IX” na *Revista Americana*

<b>Título</b>	Encyclica do SS. PP. Pio IX
<b>Autor</b>	Papa Pio IX
<b>Tradutor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Estratégia geral de tradução</b>	-
<b>Metatexto</b>	-

Fonte: pesquisa direta, 2016

A tradução, “Encyclica do SS. Pio IX” foi publicada na 2ª edição da *Revista Americana* (p. 184-186). A encíclica, que pode ser definida como um tipo de comunicação papal escrita, originalmente em latim, como forma de orientação ao clero e aos fiéis, não foi encontrada na íntegra durante nossa pesquisa, nem no idioma de partida primário (latim), nem em outros idiomas.



Esse texto foi divulgado pelo Papa Pio IX em março de 1847, intitulado “*Praedecessores Nostros*”, clama por socorro a Deus e aos fiéis pela Irlanda, como apontado no excerto a seguir:

Desde que soubemos que o reino de Irlanda estava penalizado e desolado por uma cruel penúria de trigo [...] temos ordenado que na nossa cidade, se dirigissem à Deus publicas preces, e temos exhortado ao clero, povo romano, e outras pessoas residentes em Roma a prestar socorros à Irlanda.

QUADRO 47 – “Harmonias da moral natural e cristã” na *Revista Americana*

<b>Título</b>	Harmonias da moral natural e da moral cristã
<b>Autor</b>	Marquês de Fortia d’Urban
<b>Tradutor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Estratégia geral de tradução</b>	-
<b>Metatexto</b>	-

Fonte: pesquisa direta, 2016

Já na 3ª edição da *Revista Americana*, a tradução intitulada “Harmonias da moral natural e da moral cristã” (1848, p. 264-266) foi publicada indicando o nome do autor, o Marquês de Fortia d’Urban, e da obra de partida, *Accord de la morale naturelle et de la morale chrétienne, discours lu par M. le Marquis de Fortia d’Urban, à la Société de Morale*.

Embora esse texto de partida não tenha sido encontrado, vários discursos do Marquês de Fortia acerca do tema “moral e cristianismo” estão disponíveis em domínio público na rede mundial de computadores.

QUADRO 48 – “De Deus” na *Revista Americana*

<b>Título</b>	De Deus
<b>Autor</b>	Franz Rudolf von Weiss
<b>Tradutor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução parcial
<b>Metatexto</b>	Nota de rodapé cortada na tradução

Fonte: pesquisa direta, 2016

Ainda na 3ª edição da revista, foi encontrada a tradução intitulada “De Deus” (1848, p. 266-269), sem menção ao autor ou tradutor, apenas com a inscrição “Extraído”, ao final.

A tradução teve como base o texto de partida “*Il est un Dieu*”, publicado no livro *Principes philosophiques, politiques et moraux* (p. 437-444), do suíço Franz Rudolf von Weiss, apresentado na edição francesa como “*membre de diverses*

*académies*”, publicado em Bruxelas, na Bélgica, pela Méline, Cans et Compagnie, em 1838.

O texto de Weiss traz a seguinte nota de rodapé, que não foi mantida na *Revista Americana*, criticando os que se dizem católicos, mas pouco conhecem da religião, e menos ainda a praticam.

De acordo com o exposto na presente seção é nítida a filiação das duas revistas aos preceitos do catolicismo, em especial, a *Revista Americana*, que publicou 6 traduções moralizantes baseadas nos princípios da religião católica, enquanto que *O Archivo* publicou apenas 1.

#### 4.10 História da Literatura

Márcia Abreu (2003, p. 45) afirma que, no século XIX, a *História da Literatura* referia-se aos escritos sobre as contribuições eruditas de diferentes países e épocas, como também, aos escritos dedicados ao exame de gêneros poéticos e retóricos.

Friedrick Bouterwek (apud ABREU, 2003, p. 49-50), entre 1801 e 1819, publicou 12 volumes sobre história da poesia e da eloquência, e ocupou-se de discutir procedimentos de análise e critérios para construir uma *história literária*, havendo, na sua concepção, dois caminhos possíveis: (i) o que consiste em identificar, listar e comentar obras existentes; e (ii) o que recorre a trabalhos críticos já existentes nos quais se definiram as melhores obras de um gênero, um país ou época. Nessa perspectiva, o próprio “Curso Elementar de Litteratura Nacional” (1862) do Cônego Pinheiro, é uma obra de “História da Literatura”.

Em 1829, Ferdinand Denis (apud ABREU, 2003, p. 59; 63), no seu *Résumé de l’histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l’histoire littéraire du Brésil*, demonstra que no início do século XIX a *história literária* constitui-se como campo estudos específico dedicado a apresentação e comentário da literatura.

Isso posto, na revista *O Archivo* encontramos 2 traduções que podemos classificar como *História da Literatura* e 1 na *Revista Americana* conforme os Quadros 49, 50 e 51 a seguir.

QUADRO 49 – “Ideias gerais sobre o estilo” na *Revista Americana*

<b>Título</b>	Ideias gerais sobre o estilo
<b>Autor</b>	Georges-Louis Leclerc de Buffon
<b>Tradutor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução completa
<b>Metatexto</b>	-

Fonte: Pesquisa direta, 2016

Na 3ª edição da revista baiana, publicou-se a tradução “Ideias gerais sobre o estilo” (1848, p. 250-253), destacando, ao final do texto, o seu autor, Georges-Louis Leclerc de Buffon, e o título do texto em francês, “*Discours sur le Style, et de reception à l’Academie française*”.

Tal discurso de Buffon foi encontrado na coletânea organizada pelo suíço Alexandre Rodolphe Vinet, *Chrestomathie Française, ou choix de morceaux tirés des meilleurs écrivains français*, com o aviso de que a mesma era destinada aos cursos regulares do idioma francês<sup>16</sup>. A coletânea foi publicada em Bale, na Suíça, em 1836, e, de acordo com a própria publicação, era comercializada em Paris e Estrasburgo, na França, em Mühlhausen, na Alemanha e, em Genebra, Lausana e Neuchâtel, na Suíça. Essa coletânea, voltada para o ensino da língua francesa, é um belo exemplo da circulação do conhecimento no século XIX, em especial, por meio do francês.

No discurso de Buffon, o mesmo desenvolve o conceito de estilo, que diz respeito à ordem em que deve-se apresentar os pensamentos e organizá-los para “escrever bem”. Buffon desenvolve ainda os conceitos de gênio e de sublime. A tradução de caráter didático sobre a escrita literária publicada na revista baiana, coaduna o objetivo central da revista, de trazer conhecimentos úteis e importantes à serviço do progresso do país.

QUADRO 50 – “Do hachisch e da alienação mental” em *O Archivo*

<b>Título</b>	Do hachisch e da alienação mental.
<b>Autor</b>	Jacques-Joseph Moreau
<b>Tradutor</b>	Antônio Rego
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução de trechos
<b>Metatexto</b>	Tradução classificada como “Bulletin bibliográfico”, “Estudos psychologiques”

Fonte: pesquisa direta, 2016

<sup>16</sup> No livro de Vinet: “*Ouvrage destine à servir d’application méthodique et progressive à un cours régulier de langue française*”.

A tradução intitulada “Do hachisch e da alienação mental” foi publicada no 1º número de *O Archivo* (1846, p. 15-16), na seção “Bulletin Bibliographico” como se fosse uma crítica do livro escrita originalmente em português pelo Dr. Antônio Rego. Como vemos na IMAGEM 5 ao lado, apesar da crítica referir-se a “Estudos psicologicos”, a mesma foi incluída na classificação *Litteratura* e não *Sciencias*, reforçando mais uma vez, a definição

IMAGEM 5 – Índice do 1º número de *O Archivo*

INDICE.	
LITTERATURA.	
Introdução.	Pag. 1
Uma Carta d'Uma amante.	2
Agapito. (Fragmentos d'um romance inédito).	3
Um Trecho da Historia do Consulado e do Imperio.	6
M. de Lamarque.	7
Cancão de Bog-Jargal. (Poesia).	8
A Doida.	9
Revista Dramatica.—A Torre de Nesle.	11
A Empada d'Arenques.	13
<u>Bulletim Bibliographico.</u>	15
SCIENCIAS.	
Novos Trabalhos de M. Milne-Edwards.	17
Theoria da visão por M. Sturm.	19
Revista Therapeutica.	19 20
Telegrapho-Eletrico.	21
Variedades.	23

Fonte: Projeto Jornais e Folhetins Literários da Paraíba no Século XIX, 2016

de literatura no século XIX, apresentada no Capítulo 1, que abrange além das belas letras, as humanidades, como a psicologia. Vale lembrar que esse foi o único número de *O Archivo* dividido em seções.

Mesmo aparentando que Antônio Rego está escrevendo uma crítica originalmente em português, esse texto contém trechos traduzidos do livro do Dr. Jacques Joseph Moreau "*Du Hachisch et de l'aliénation mentale*" (Paris, 1845), em que o médico observa os efeitos da utilização prolongada do haxixe e, para tanto, utiliza um método pouco convencional para os padrões atuais: ele utiliza o haxixe e faz com que terceiros utilizem (inclusive pacientes já com problemas mentais).

QUADRO 51 - "Literatura Contemporânea. Rússia" em *O Archivo*

<b>Título</b>	Literatura Contemporânea. Rússia. Ponchkin — Lermontoff — Gogol
<b>Autor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Tradutor</b>	INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA
<b>Estratégia geral de tradução</b>	Tradução completa
<b>Metatexto</b>	Notas de rodapé foram incluídas

Fonte: pesquisa direta, 2016

A tradução “Literatura Contemporânea. Rússia. Ponchkiné – Lermentoff – Gogol”, que faz um apanhado da situação literária na Rússia no período, foi publicada em dois capítulos *O Archivo* (1846, 5ª ed., p. 89-91, e 6ª ed., p. 109-111).

O texto de partida é proveniente do Tomo V da revista parisiense *L'illustration*, de 1845, publicada pela J. J. Dubochet, também sem indicação do nome do autor.

O interesse dos colaboradores da revista maranhense pela Rússia também está expresso em outra tradução publicada na 5ª edição (1846, p. 104, 105), intitulada “Odessa”, descrita na seção “4.7 Tradução de Historiografia”.

Esse texto contém várias notas explicativas que não se encontram no texto de partida e, apesar das intervenções do tradutor, esse é um dos poucos textos publicados na revista maranhense em que o mesmo não se identifica. Ao todo, foram incluídas 5 notas de rodapé. No exemplo da página 90 (IMAGEM 6, ao lado), com 4 notas de rodapé incluídas na tradução, percebermos que as mesmas ocupam mais da metade da página. Foram três

IMAGEM 6 – página 90 de *O Archivo*



Fonte: Projeto Jornais e Folhetins Literários da Paraíba no Século XIX, 2016

Nikolai Mikhailovich Karamzin, uma sobre o poeta Gavrila Romanovich Derzhavin

e outra sobre Ivan Andreyevich Krylov, conhecido como “o La Fontaine russo”. As outras duas notas esclareciam aspectos culturais específicos da Rússia.

Dessa maneira, podemos afirmar que apesar do anonimato, as notas incluídas revelam o que o tradutor ou editor da revista gostaria de ressaltar para o público. No texto em português, que contém diversas e grandes notas de rodapé, o mesmo possui um caráter mais instrucional e aprofundado que o seu texto de partida, revelando, mais uma vez, o interesse da revista maranhense em trazer instrução para a pátria, interesse esse compartilhado por muitas outras publicações periódicas do século XIX, incluindo a *Revista Americana*, demonstrando, sobretudo, resquícios de ideais Iluministas, ainda muito presentes no referido século.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



O presente trabalho teve como objetivo geral a investigação das circunstâncias que envolvem a prática e a publicação de traduções de literatura na imprensa periódica do antigo Norte brasileiro de meados do século XIX, tomando como base os periódicos *O Archivo* (Maranhão, 1846) e *Revista Americana* (Bahia, 1847-1848).

Para expor tal quadro, nos pautamos principalmente no conceito interdisciplinar de Transferências Culturais (Espagne, 2012). Além desse trabalho, nos serviram de norte Jurt (2007), no trabalho em que faz um *link* entre as transferências culturais e o viés econômico-ideológico de Bourdieu, bem como os trabalhos de Barbosa (2007), Camargo (2014) e Luca (2008; 2014) acerca da imprensa periódica.

Nas duas revistas identificamos 47 traduções de literatura ao todo (26 em *O Archivo* e 21 na *Revista Americana*), levando em consideração o conceito de literatura do século XIX. De acordo com diversos dicionaristas do período, a literatura está intrinsecamente ligada à noção de conhecimento e erudição, e não se refere a um conjunto de escritos que seguem determinado padrão estético. Por conta desse interesse pela erudição explicitado tanto por Gonçalves Dias na revista maranhense, quanto pelos anônimos da revista baiana, é que foram publicados tantos escritos literários, destacados como a melhor forma de instruir deleitando.

Para nos aproximar do conceito de literatura do século XIX, recorreremos ao trabalho do Cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, *Curso Elementar de Litteratura Nacional* (1862), trabalho de destaque no período e que foi adotado como manual escolar do Colégio Pedro II. Esse autor define literatura como a expressão dos conceitos, sentimentos e paixões do espírito humano feita de modo agradável, e que encarrega-se de popularizar as descobertas científicas e o próprio conhecimento, na mais ampla acepção da palavra, para o grande público. Tendo como base tal conceito de literatura, incluímos em nosso *corpus* de análise

textos que atualmente não seriam considerados literários, tal qual estudos históricos, biográficos, transcrição de diálogos, etc.

A classificação genérica literária do Cônego Pinheiro, juntamente com o gênero *História da Literatura*, definido por Abreu (2003), orientou a organização do nosso *corpus* tanto na análise quantitativa, quanto na análise descritiva.

Na nossa análise quantitativa, vimos que dentre as traduções identificadas, 43 têm o francês como idioma de partida, denotando a importância da literatura francesa no nosso país. Importância também expressa nos exemplos de tradução de segunda mão tendo a língua francesa como base, demonstrando não apenas a importância da França para a circulação do conhecimento no século XIX, como também, a importância da tradução e da imprensa periódica enquanto mediadoras culturais no referido século.

Em termos numéricos, fica claro o destaque do gênero romance no nosso *corpus*, foram 11 ao todo (8 publicados em *O Archivo* e 3 na *Revista Americana*). Com isso, afirmamos que os romances favoreciam a produção literária brasileira ao desempenhar um papel importante na disseminação do gosto pela leitura de romances folhetins no público. Além disso, os romances folhetins franceses forneceram a base e a forma para os romances brasileiros. Schwarz (apud MORETTI 1999, p. 190) assegura que o romance já existia no Brasil, antes mesmo de aparecerem romancistas brasileiros e, quando apareceram, era natural que tomassem como modelo os romances europeus, porém, sob as configurações locais.

Além disso, destacamos interesse do público leitor por temáticas policiais em ambas revistas, principalmente no caso dos romances, mas não apenas relativo a tal gênero. Porto (No prelo, 2016, p. 204-225) afirma que os romances policiais, em vias de criação no século XIX, eram imensamente populares, não só no Brasil, mas também na Europa.

Podemos destacar também, a pequena, porém notável, presença de textos originalmente escrito por mulheres. Entre as traduções identificadas em *O Archivo* e na *Revista Americana*, apenas 4 foram escritas por mulheres. Na revista baiana foram publicados dois textos, embora apenas um deles tenha sido escrito para ser publicado – o texto da Duquesa d'Abrantès –, no segundo a autora, a Duquesa de Praslin, fora assassinada e suas cartas pessoais foram amplamente divulgadas na época. Já em *O Archivo*, igualmente, foram publicadas duas traduções, uma



de Hermance Lesguillon, a única que foi assinada no feminino, no outro caso, a autora Irène de Suberwick utilizou-se do pseudônimo masculino “Victor de Féreal”.

Durante a nossa pesquisa verificamos também o contraste entre a visibilidade dada aos tradutores em *O Archivo* em oposição ao total anonimato na *Revista Americana*. Provavelmente, a visibilidade no contexto maranhense deve-se a essa revista ser o órgão oficial da Associação Literária Maranhense, e ter o intuito de promover os trabalhos – mesmo que fossem traduzidos – dos seus membros.

Apesar de dar visibilidade aos tradutores, possivelmente, pela ênfase dada ao trabalho dos membros da *Associação Literária Maranhense*, em *O Archivo*, o autor foi informado em menos casos que na *Revista Americana*. Inclusive, no periódico maranhense, há muitos casos em que o nome do autor é omitido e apenas o do tradutor explicitado, dando a entender que o tradutor seria o autor, exceto nos casos em que o autor era conhecido, neles, publicava-se o nome do autor e ressaltava que era uma tradução, uma maneira de acúmulo de capital simbólico por parte dos tradutores. Já no contexto da revista baiana, não foi citado o nome do tradutor em nem uma das 21 traduções, o que pode indicar uma certa desvalorização do ofício do tradutor. Apesar de não assinarem o nome nenhuma vez – não sabe-se se por opção ou imposição – encontramos diversas notas de rodapé incluídas pelos tradutores, talvez, utilizadas como estratégia para se marcar no texto.

É notório também o interesse nas duas revistas por autores conhecidos na época, a exemplo de Lamartine, Victor Hugo, Alexandre Dumas, Chateaubriand, Frédéric Soulié, Vigny, etc., que, dentre outros motivos, poderia ser uma estratégia econômica, com finalidade de angariação de assinaturas, fator determinante para a continuação ou extinção de periódicos no século XIX.

Com a apresentação do quadro descritivo das traduções, percebemos o grande fluxo de informações em circulação em meados do referido século tendo a imprensa periódica como suporte. Nesses periódicos, enxerga-se o intuito de instruir por meio da literatura e a preocupação do corpo editorial com a instrução intelectual e moral dos leitores, tendo a tradução um papel fundamental para que fossem atingidos tais objetivos.

Por fim, vale salientar que por esse se tratar de um estudo pioneiro acerca da história da atividade tradutória literária em periódicos do antigo Norte no século XIX, esse estudo deve ser apenas o ponto de partida para outras pesquisas, que, por ventura, venham a ser elaboradas, havendo ainda pontos que, de certo, merecem ser aprofundados como, por exemplo, um aprofundamento sobre a categoria genérica literária mais abundante em nosso *corpus*: o romance; ou, no contexto da revista *O Archivo* – já que essa foi a única a dar visibilidade a seus tradutores – poderia se desenvolver um estudo do perfil individual de cada tradutor; ou, ainda, indo além da análise contrastiva contextual entre tradução e texto de partida, seria proveitoso partir para uma análise textual, em que poderiam ser descritas as estratégias de tradução de itens culturais específicos e, com isso, confirmaríamos – ou não – o cenário encontrado através da análise contextual.

Concluimos ressaltando a importância desse estudo, que, mais que um trabalho de resgate histórico – considerando que não há outros trabalhos que tratam especificamente da tradução de literatura na imprensa periódica do antigo Norte de meados do século XIX –, apresentou um mosaico da memória cultural estrangeira presente no antigo Norte brasileiro, salientando a importância da atividade tradutória para esse contexto cultural e social. De certo, podemos afirmar que a tradução forneceu as referências estéticas internacionais, que, muitas vezes, deram suporte para as produções locais. A tradução de literatura no século XIX serviu à ambição dos editores, autores e tradutores de fornecer ao público leitor mais que mera distração a leitura de periódicos, mas sim, o acesso ao conhecimento, à instrução, à moralização, em uma palavra, erudição.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTÈS, Laure Junot d'. *La Forêt Vert*. In: **L'Opale**. Paris: Urbain Canel; Adolphe Guyot, 1834. Disponível em: <<https://goo.gl/sWcBkr>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

ABREU, Márcia. A circulação transatlântica dos impressos – a globalização da cultura no século XIX. In: **Livro** - revista do núcleo de estudos do livro e da edição. Universidade de São Paulo, 2011, p. 115-130.

ABREU, Márcia. A ficção como elemento de conexão cultural. In: ABREU, Márcia [org.]. **Romances em movimento**: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914). São Paulo/Campinas: Editora Unicamp. No prelo, 2016.

ABREU, Márcia. Letras, Belas-letras, Boas letras. In: BOLOGNINI, Carmen Zink [org.]. **História da Literatura**: o discurso fundador. Coleção Histórias de Leitura. São Paulo: Mercado de Letras, Fapesp, 2003, p. 11-69.

ARAÚJO, Fátima. **História e Ideologia da Imprensa na Paraíba**. João Pessoa: A União Cia., 1983.

AUDIBERT, François Hilarion. *Le Lac de la Fée*. In: **Le Magasin Universel**. Paris: Bureau Central, maio de 1839, p. 261. Disponível em: <<https://goo.gl/sAqnSs>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

AYCARD, Marie. *Breschelle*. In: **Bibliothèque des feuilletons**: recueil de romans, nouvelles et feuilletons, vols. 11, 12. Paris: Boulé et C, 1845. Disponível em: <<https://goo.gl/xChkZY>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Alva e Idéia*: duas revistas e um passado para a vida literária paraibana do século XIX. In: **Fênix** - Revista de História e Estudos Culturais, vol. 4, nº 1, 2007, p. 1-21. Disponível em: <[www.revistafenix.pro.br/vol10socorro.php](http://www.revistafenix.pro.br/vol10socorro.php)>. Acesso em: 04 ago. 2015.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e Literatura**: a imprensa brasileira no século XIX. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. **Dicionário Biográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893. Disponível em: <<http://www.bbm.usp.br/>>. Acessado em: 05 jan. 2015.

BOURDIEU, Pierre. **As condições sociais da circulação internacional das ideias**, 2002. Tradução de Luiz Felipe Martins Candido. Disponível em: <<http://ninjaufsj.files.wordpress.com/2011/08/as-condic3a7c3b5es-sociais-da-circulac3a7c3a3o-internacional-das-ideias-plural.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

BUFFON, Georges-Louis Leclerc de. *Sur le Style. Discours de Réception à l'Académie Française*. In: VINET, Alexandre Rodolphe [org.]. **Chrestomathie Française, ou choix de morceaux tirés des meilleurs écrivains français**. 2ª

ed. Tomo 3. Bale: J. G. Neukirch, 1836, p. 124-130. Disponível em: <<https://goo.gl/02LY4c>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

BURKE, Peter. *Translating Knowledge, translating cultures*. In: NORTH, Michael North [org.]. **Kultureller Austausch in der Frühen Neuzeit**, 2009, p. 69–77. Disponível em: <<http://bracorotar.files.wordpress.com/2010/10/11-burke-translating-knowledge-translating-cultures.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2014.

CAMARGO, Katia Aily Franco de. A revista como fonte de pesquisa. In: BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico [org.]. **Livros e periódicos nos séculos XVIII e XIX**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014, p. 149-179.

CAMARGO, Katia Aily Franco de. O Brasil nas Páginas da *Annuaire des Deux Mondes*: uma descrição. In: ABREU, Márcia; DEACTO, Marisa Midori [org.]. **Circulação Transatlântica dos Impressos – Conexões**. Campinas, SP: UNICAMP/IEL, 2014, p. 221-230.

CAPEFIGUE, Jean Batiste Honoré. Litteratura e Ciências. Estudos Históricos. O reinado de Luiz XIV. In: **Gazeta Oficial do Império do Brasil**, vol. 2, n. 181. Typographia Nacional, 7 de dezembro de 1847. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=749435&pesq=>>>. Acesso em: 23 set. 2015.

CAPEFIGUE, Jean Batiste Honoré. **Louis XIV, son gouvernement et ses relations diplomatiques avec l'Europe**. Paris: Belin-Leprieur, 1844, p. 1-10. Disponível em: <<https://goo.gl/akYdcC>>. Acesso em: 23 set. 2015.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **Historia de la lectura en el mundo occidental**. [1997] Madrid: Taurus, 2004. Disponível em: <<http://goo.gl/guin82>>. Acessado em: 14 mar. 2015.

CHATEAUBRIAND, François-René de. **Génie du Christianisme ou Beautés de la Religion Chrétienne**. Paris: Migneret, 1802. Disponível em: <<https://goo.gl/XZ2VEF>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

CHATEAUBRIAND. François René de. **Les Martyrs**. Paris: Furne et C<sup>ir</sup>, 1811. Disponível em: <<https://goo.gl/xftYTS>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

CHATEAUBRIAND. François-René de. **Chateaubriand. Ouvres Complètes. Mélanges et Poésies**. Paris: Imprimerie de Rignoux, 1828. Disponível em: <<https://goo.gl/IIVEMC>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

CHEVALIER, Pitre. *La Fille de la Reine*. In: **Musée des familles: Lectures du soir**, Tomo 12. Paris: Imprimerie de Rennuyer et Turpin, 1844-1845. Disponível em: <<https://goo.gl/AcFdqo>>. Acesso em: 09 fev. 2016.

CIRCULAÇÃO TRANSATLÂNTICA DOS IMPRESSOS - a globalização da cultura no século XIX (1789-1914). Site. Disponível em: <<http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/>>. Acesso em: 08 fev. 2015

COUTO, Antônio Maria do. **Diccionario da maior parte dos termos homonymos, e equívocos da Lingua Portuguesa**. Lisboa: Typographia de

Antonio Joze da Rocha, 1842. Disponível em: <<https://goo.gl/VtnROi>>. Acesso em: 17 fev. 2016.

DE LA LITTÉRATURE *russe contemporaine. Pouchkine – Lermontoff – Gogol*. In: **L'illustration**, tomo V. Paris: J. J. Dubochet, 1845. Autor desconhecido. Disponível em: <<https://goo.gl/PCKnvq>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

DE L'ISLANDE *et de ses rapports au moyen age avec l'Angleterre*. In: **Revue Britannique ou choix d'articles traduits des meilleurs écrits périodiques**. Tomo 12. Paris: Boulé et Compagnie, 1837, p. 264-285. Autor desconhecido. Disponível em: <<https://goo.gl/USrSa4>>. Acesso em: 21 fev. 2016.

DIARIO NOVO. Ano VI, nº 244. Pernambuco: Tipografia Imparcial, 10 de novembro de 1847. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/pdf/709867/per709867\\_1847\\_00244.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/709867/per709867_1847_00244.pdf)>. Acessado em: 05 jan. 2015.

DIAS, Antônio Gonçalves. Correspondência ativa de Antônio Gonçalves Dias. In: **Anais da Biblioteca Nacional**, vol. 84. Rio de Janeiro, 1964. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/anais/anais\\_084\\_1964.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_084_1964.pdf)>. Acesso em: 11 fev. 2016.

DUMAS, Alexandre (pai). **Othon L'Archer**. Paris: Dumont, 1840. Disponível em: <<https://goo.gl/Extq5H>>. Acesso em: 08 fev. 2016.

ECKERMAN, Johann Peter. *Conseils de Goethe aux gens de lettres*. In: **Revue Britannique ou choix d'articles traduits de meilleurs écrits périodiques de la Grande-Bretagne**. Paris: Bureau de la Revue, 1836. Disponível em: <<https://goo.gl/TwZ01R>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

ECKERMAN, Johann Peter. *Gespräche mit Göthe in den letzten Jahren seines Lebens – Conversations with Goethe in the last Years of his Life*. In: **Foreign Quarterly Review**. Londres: Black and Armstrong; Adolphus Richter & Co. Outubro de 1836. Disponível em: <<https://goo.gl/BsYwFd>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

ESPAGNE, Michel. Transferências Culturais e História do Livro. Tradução de Valéria Guimarães. In: **Livro** – revista do núcleo de estudos do livro e da edição, 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

ESPAGNE, Michel; WERNER, Michael. *La construction d'une référence culturelle allemande en France: genèse et histoire (1750-1914)*. In: **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**. Ano 42, nº 4, 1987, p. 969-992. Disponível em: <<http://goo.gl/5Sqm1Z>>. Acesso em: 19 fev. 2015.

FÉREAL, Victor de [Irène de Suberwick]. **Mystères de L'inquisition et autres sociétés secrètes d'Espagne**. Notas históricas de Manuel Galo de Cuendías. Paris: P. Boizard, 1845. Disponível em: <<https://goo.gl/vlu9Mp>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

FIORENTINO, Píer-Angelo. *Nisida*. In: DUMAS, Alexandre. **Crimes Célèbres**. Paris: Administration de Librairie, 1840. Disponível em: <<https://goo.gl/H5ia9d>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

GAZETA DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1808. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=749664&pesq=>>>. Acesso em: 19 out. 2015.

GIRARDIN, Saint-Marc. *De la Destinée des Villes*. In: **Revue des Deux Mondes**, tomo 4. Bruxelas: Société Typographique Belge, 1840, p. 574-581. Disponível em: <<https://goo.gl/thK7i1>>. Acesso em: 09 fev. 2016.

GRAY, Thomas. **The poetical Works of Thomas Gray**. Londres: C. Whittigham, 1800. Disponível em: <<https://goo.gl/QDnxVN>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

HALLEWELL, Lawrence. **O livro no Brasil** (sua história). Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Editor, 1985.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. *Site*. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 16 out. 2013.

HISTOIRE DES *Trembleurs et de la Société des Amis*. In: **Revue Britannique ou choix d'articles traduits des meilleurs écrits périodiques**. Tomo 12. Paris: Boulé et Compagnie, 1837, p. 236-263. Autor desconhecido. Disponível em: <<https://goo.gl/USrSa4>>. Acesso em: 21 fev. 2016.

HUGO, Victor. **Bug-Jargal**. Bruxelas: Louis Hauman Libraires, 1829. Disponível em: <<https://goo.gl/td1Gwl>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

IBGE. Evolução Político Administrativa - Divisão Regional. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartogramas/evolucao.html> Acesso em: 17 dez. 2015.

IDADE D'OURO DO BRAZIL. Bahia: Typographia de Manoel Antônio da Silva Serva, 14 de maio de 1811. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=749940&pesq=>>>. Acesso em: 19 out. 2015.

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO. Maranhão: Typographia Maranhense, 1845-1846. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=703117&pasta=ano%20184&pesq=>>>. Acesso em: 24 nov. 2014.

JORNAIS E FOLHETINS LITERÁRIOS DA PARAÍBA NO SÉCULO XIX. *Site*. Disponível em: <[www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/](http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/)>. Acesso em: 16 out. 2013.

JOUFFROY, Théodore. *Du role de la Grèce dans le développement de l'humanité*. In: **Mélanges philosophiques**, 2ª ed. Paris: Libraire de Ladrage, 1838, p. 82-92. Disponível em: <<https://goo.gl/A7twW2>>. Acesso em: 09 fev. 2016.

JURT, Joseph. *Traduction e transfert culturel*. In: LOMBEZ, Christine; KULESSA, Rotraud von. **De la traduction e des transferts culturels**. França: L'Harmattan, 2007.

KAUFMAN, Thomas DaCosta; NORTH, Michael. **Artistic and Cultural Exchanges between Europe and Asia, 1400–1900: Rethinking Markets, Workshops and Collections**. Ashgate Publishing, Ltd., 2010.

LAMARTINE. **Ouvres de M. de Lamartine, membre de l'Académie Française. Harmonies Poétiques et Religieuses**. Paris: Librairie de Charles Gosselin, 1832. Disponível em: <<https://goo.gl/x1iFkf>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

LAMARTINE. **Ouvres de Lamartine de l'Académie Française**. Bruxelas: Société Belge de Librairie, 1840. Disponível em: <<https://goo.gl/oiRAvv>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

LAMBERT, José. Sobre a descrição de traduções. **Literatura e Tradução**, Textos selecionados de José Lambert GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter [orgs.]. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

LUCA, Tânia Regina de. Os impressos periódicos e a circulação transatlântica. In: LUCA, Tânia Regina de; GRANJA, Lúcia [orgs.]. **Suportes e Mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)**. São Paulo/Campinas: Editora Unicamp. No prelo, 2016.

LUCA, Tânia Regina de. A *Ilustração* (1884-1892): algumas questões teórico-metodológicas. In: ABREU, Márcia; DEACTO, Marisa Midori [org.]. **Circulação Transatlântica dos Impressos – Conexões**, Campinas, SP: UNICAMP/IEL, 2014, p. 167-174.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi [org.]. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

LÜSEBRINK, Hans-Jürgen; REICHARDT, Rolf. *Histoire des concepts et transferts culturels, 1770-1815. Note sur une recherche*. In: **Genèses**, nº 14, 1994, p. 27-41. Disponível em: <<http://goo.gl/UpW84M>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

MACAULAY. Thomas Babbington. Esquisses Parlementaires. Lord Chatam. In: La Revue de Paris, vol 3. Paris: Au Bureau de la Reve de Paris, 1834, p. 50-57. Disponível em: <<https://goo.gl/nYZNT6>>. Acesso em: 23 set. 2015.

MACAULAY. Thomas Babbington. William Pitt, Earl of Chatham. January, 1834. In: Critical and Historical Essays Contributed to The Edinburgh Review; Leipzig: Bernh. Tauchnitz Jun, 1850, p. 223. Disponível em: <<https://goo.gl/uiKCKJ>>. Acesso em: 23 set. 2015.

MARTINS, Ricardo André Ferreira. Breve panorama histórico da imprensa literária no Maranhão oitocentista. In: **Animus**, vol. 9, nº 18, 2010, p. 107-129. Disponível em: <[cascavel.cpd.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/animus](http://cascavel.cpd.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/animus)>. Acesso em: 20 set. 2014.

MATTOS, Wilson Roberto. Contribuição historiográfica ao debate sobre ações afirmativas: exclusão racial na Bahia do século XIX. In: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. [org.]. **Memória e formação de professores**. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 75-85. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-05.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

MAZUY, A. Tyr. In: **Magasin Universel, répertoire des sciences, des lettres et des arts**. 2ª ed., tomo 5. Paris: Librairie de Edme Picard, 1853, p. 195-196. Disponível em: <<https://goo.gl/7vGfEK>>. Acesso em: 09 fev. 2016

MEMÓRIA DE LEITURA. [Site]. Disponível em: <<http://unicamp.br/iel/memoria/>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

MENDES, Maria Lúcia Dias. Romances folhetim sem fronteiras: o caso de Alexandre Dumas. In: ABREU, Marcia [org.]. **Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)**, 2016, p. 153-173. No prelo.

MOEURS Corses. *Le Magasin Universel*. Tomo 6. Paris: Bureau Central, 1839, p. 244. Autor desconhecido. Disponível em: <<https://goo.gl/sAqnSs>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

MOREAU, Jacques Joseph. **Du Hachisch et de l'aliénation mentale: études psychologiques**. Paris: Librairie de Fortin, Masson et Cie, 1845. Disponível em: <<https://goo.gl/dHMymr>>. Acesso em: 19 fev. 2016.

MORETTI, Franco. **Atlas of the European Novel 1800-1900**. Londres, Nova Iorque: Verso, 1999.

MOSS, Hezekiah. *Illustration of National Customs*. In: **Fraser's Magazine for Town and Country**, nº 29, p. 597. Londres: G. W. Nickisson, 1844. Disponível em: <<https://goo.gl/pzPI0Z>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

O ARQUIVO. JORNAL CIENTÍFICO E LITERÁRIO. Maranhão: Typographia Maranhense. Fevereiro a dezembro de 1846. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/jornaisfolhetins/acervo/outrosetados/>>. Acesso em: 16 out. 2013.

PADRÓN, Francisco Morales. **Viajeras Extranjeras en Sevilla**. Siglo XIX. Universidad de Sevilla, 2000. Disponível em: <<https://goo.gl/7h2alB>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

PARISIS, Pierre-Louis. *De la littérature dans l'Éducation. Discours prononcé, le 25 aout 1847, par M. Parisis, évêque de Langres, avant la distribution des prix du petit séminaire de son diocèse*. In: **Revue de Bruxelles**. Bruxelas: J. B. de Mortier, 1847. Disponível em: <<https://goo.gl/2sqc0W>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. **Curso Elementar de Litteratura Nacional**. Paris: B. L. Garnier, 1862. Disponível em: <<https://goo.gl/KQEiTR>>. Acesso em: 19 set. 2015.



PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da lingua brasileira**. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/02254100>>. Acesso em: 17 fev. 2016.

PORTO, Ana Gomes. O romance policial e a literatura brasileira: recepção, significados e apropriações. In: ABREU, Marcia [org.]. **Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)**. São Paulo/Campinas: Editora Unicamp. No prelo, 2016, p. 204-225.

PRADT, Dominique Georges Frédéric Dufour de. **L'Europe et Amérique en 1822 et 1823**. Paris: Bechet, 1824. Disponível em: <<https://goo.gl/hO0KNw>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

PRASLIN, Fanny de Choiseul. **Extraits de Lettres de Madame la Duchesse de Praslin et autres pièces manuscrites trouvées dans ses papiers**. Paris: Imprimerie Royale, 1847. Disponível em: <<https://goo.gl/UGHss1>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

REVISTA AMERICANA. JORNAL DOS CONHECIMENTOS ÚTEIS, CIENTÍFICO, E LITERÁRIO. Bahia: Typographia de Epifânio Pedrosa, 1847-1848. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 20 set. 2014.

ROCHETTE, Désiré Raoul. **Lettres sur quelques cantons de la Suisse, écrites en 1819**. Paris: H. Nicolle, 1820. Disponível em: <<https://goo.gl/pqhg0i>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

ROSA; Flávia Garcia; BARROS, Susane Santos. Panorama da História da Editoração em Salvador/Bahia. In: **I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial**. Rio de Janeiro, 2004.

ROYER, Alphonse. **Aventures de Voyage, tableaux, récits et souvenirs du levant**. Bruxelas: Méline, Cans et Compagnie, 1837. Disponível em: <<https://goo.gl/uLZmjQ>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

SAINT-LAMBERT, Jean-François de. **Ouvres Philosophiques de Saint-Lambert. Catéchisme Universel**. Paris: H. Agasse, 1801. Disponível em: <<https://goo.gl/Faag93>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

SILVA, Camyle de Araújo. **Transferências Culturais na Produção Literária Paraibana do Século XIX** – o papel da tradução na revista *Alva*. Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Tradução da UFPB sob a orientação da Profa. Dra. Wiebke Röben de Alencar Xavier. João Pessoa, 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/bU7K8J>>. Acesso em: 19 jan. 2016.

SILVA, Camyle de Araújo; XAVIER, Wiebke Röben de Alencar. Gonçalves Dias e a Tradução na Imprensa Periódica Oitocentista. In: **Cultura & Tradução**, vol. 3. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba; Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ct>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOULIÉ, Frédéric. *La Tour de Verdun*. In: **Un Malheur Complet**. Paris: Michel Lévy-Frères, 1858, p. 161-182. Disponível em: <<https://goo.gl/PWlq85>>. Último acesso: 24 de novembro de 2014.

SOUZA, Braz Florentino Henriques. **Código Criminal do Império do Brasil**. Nova edição. Recife: Typographia Universal, 1858. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/221763>>. Último acesso: 16 out. 2013.

TAVARES, Luís Guilherme Pontes; ROSA, Flávia Garcia. Apontamentos para a História do Livro na Bahia. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Marcia [org.]. **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

THE HERRING *pie*. In: **Hood's Magazine and Comic Miscellany**. Londres: H. Renshaw, janeiro de 1845, p. 393. Autor desconhecido. Disponível em: <<https://goo.gl/N19dRT>>. Acesso em 30 jul. 2015.

THE SUNIASSIE. In: **Fraser's Magazine for Town and Country**. Londres: G. W. Nickisson, 1844. Autor desconhecido. Disponível em: <<https://goo.gl/eiDKUY>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

THIERS, Louis Adolphe. **Histoire du Consulat et de l'Empire**. Bruxelas: Méline, Cans et Compagnie, 1845. Disponível em: <<https://goo.gl/edpf5G>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

VAYSSIÈRE, Albert. Odessa. In: **Magasin Universel, répertoire des sciences, des lettres et des arts**. 2ª ed., tomo 5. Paris: Librairie de Edme Picard, 1853, p. 105-107. Disponível em: <<https://goo.gl/7vGfEK>>. Acesso em: 09 fev. 2016

VIEIRA, Domingos. **Grande Dicionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza**. Vol. 3. Porto: Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1873. Disponível em: <<https://goo.gl/ZBbJub>>. Acesso em: 04 fev. 2016.

VIGNY, Alfred de. **Ouvres de A. de Vigny**. Bruxelas: Méline, Cans et Compagnie, 1837. Disponível em: <<https://goo.gl/mBe5Yu>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

WEISS, Franz Rudolf von. **Principes philosophiques, politiques et moraux**. Bruxelas: Méline, Cans et Compagnie, 1838. Disponível: <<https://goo.gl/zOci96>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

WILLIS, Nathaniel Parker. *Willis Pencilling's by the Way*. In: **The Edinburgh Review: Or Critical Journal**. Edimburgo: Ballantine and Company, 1836. Disponível em: <<https://goo.gl/QjVs41>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

WARREN, J. Benedict. *An Introductory Survey of Secular Writings in the European Tradition on Colonial Middle America*. In: WAUCHOPE, Robert [org.]. **Handbook of Middle American Indians**. Londres: University of Texas Press, 1973, p. 64. Disponível em: <<https://goo.gl/zviOK4>>. Acesso em: 21 fev. 2016

WYLER, Lia. **Línguas, Poetas e Bacharéis** – uma crônica da tradução no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

XAVIER, Wiebke Röben de Alencar; DEPLAGNE, Luciana Calado; DANTAS, Marta Pragana. Apresentação. In: **Tradução e Transferências Culturais**. João Pessoa: PPGL – UFPB, 2013.

XAVIER, Wiebke Röben de Alencar; FERNANDES, Marcos Túlio. Uma tradução de Sir Walter Scott e o início do conto fantástico no Brasil: o caso de “Hermiona. Novela Alemã do Século XIV” (1830). In: **Cultura & Tradução**, vol. 3, nº. 1. João Pessoa, 2014, p. 495, 496. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ct/article/view/21704/12205>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

## ANEXOS

### Anexo A – Carta de Gonçalves Dias ao Cônego Pinheiro

IMAGEM 7 - Carta de Gonçalves Dias ao Cônego Pinheiro

184

Ilmo Sr. Secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

[Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro]

Na Secretaria do Governo do Alto Amazonas acha-se uma coleção de mapas dos diferentes rios desta Província (cópias e originais) que talvez o Instituto ache conveniente que sejam publicados.

Se assim fôr, digno-se V. S<sup>a</sup>, comunicar-mo para que eu me apresse a remetê-los. Fica entendido que à Província caberão trinta ou cinquenta exemplares dos que se mandarem imprimir ou litografar.

Deus Guarde a V. S<sup>a</sup>

*A. Gonçalves Dias.*

Manaus, 25 de fevereiro de 1861.


B.N.

Cópia

Fonte: *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. 84, 1964

## Anexo B – Distribuidores e preço da assinatura em *O Archivo*

IMAGEM 8 - Distribuidores e preço da assinatura em *O Archivo*



# AVISO.

—A publicação do *Archivo* será mensal; sahirá á luz no ultimo dia de cada mez, constando de vinte a vinte quatro paginas de impressão cada numero; comprehenderá duas secções, uma de Litteratura, e outra de Sciencias, ficando uma pequena parte, com o titulo de Variedades, reservada para a publicação de noticias, que possam interessar a todas as classes da Sociedade.


A Associação Litteraria Maranhense offerece as columnas do *Archivo* ás pessoas que nellas quizerem imprimir alguma obra respeitandó á instrucção, moral, e recreio, sendo approvada pela Commissão Revisora.

Subscrve-se para este Jornal, nesta Cidade em casa do Editor, Travessa do Sineiro n.º 1; e em casa dos membros correspondentes, em Alcantara Thomaz Ferreira Guterres; em Caxias, João Pedro dos Santos; em Cururupá, Padre Manuel Altino Barbosa, e Antonio Jozé de Carvalho Pires Lima; no Mearim, Tenente-Coronel Manuel Lourenço Bogéa; no Codó, Raymundo Jozé de Souza Gayoso; no Itapucurú-mirim, Padre Camillo de Lellis Henriques Pacova; em Pernambuco (Olinda) Jozé Joaquim Ferreira Valle; na Bahia, Dr. Pedro Jozé d'Abreó; no Pará, Joaquim Corrêa de Magalhães, e André Curcino Benjamin, em Bragança na mesma Provincia, Padre Manuel Jozé da Malta; e no Piauhy (Pety) Capitão Alexandré d'Araujo Costa.

# PREÇO.

Por anno, 12 numeros—4\$000	}	pagos na recepção do 1.º n.º do semestre.
Por semestre, 6 dictos—2\$400		

Para o interior, e forá da Provincia 5\$000 por anno.



Fonte: Projeto Jornais e Folhetins Literários da Paraíba no Século XIX, 2013.



## Anexo C – Distribuidores e preço da assinatura na *Revista Americana*

IMAGEM 9 - Distribuidores e preço da assinatura na *Revista Americana*

*Subscreve-se n'esta Typographia, e em as lojas de livros dos Snrs. J. B. Martin, à rua direita da Misericórdia, e Carlos Poggetti, à rua nova do Commercio.*

*Nos mesmos lugares se vendem numeros avulsos.*

### PREÇO D'ASSIGNATURA.

<i>Por hum anno</i> , , , , , , , , , ,	<b>200000</b>
<i>seis meses</i> , , , , , , , , , ,	<b>110000</b>
<b>PARA AS PROVINCIAS.</b>	
<i>Por hum anno</i> , , , , , , , , , ,	<b>240000</b>
<i>— seis meses</i> , , , , , , , , , ,	<b>140000</b>

*Não se recebem assignaturas para menos de 6 mezes.*

## APÊNDICE

### Apêndice A - Perfil dos colaboradores em *O Arquivo*

- André Curcino Benjamin: paraense, faleceu em 1870. Exerceu diversos cargos de funcionário público da fazenda, dentre os quais estão o de inspetor da tesouraria geral das províncias do Amazonas, de Sergipe e da Paraíba.  
**Fonte:** BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. **Dicionário Biográfico Brasileiro**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893, p. 79. Disponível em: <<http://www.bbm.usp.br/>>. Acessado em: 05 de janeiro de 2015.
- Alexandre Teófilo de Carvalho Leal: maranhense, faleceu em 1879. Formado em Direito e proprietário de engenho.  
**Fonte:** BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. **Dicionário Biográfico Brasileiro**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893, p. 49. Disponível em: <<http://www.bbm.usp.br/>>. Acessado em: 05 de janeiro de 2015.
- Antônio Carneiro Homem de Souto Maior: formado em Direito, era promotor público. **Fonte:** A IMPRENSA. Ano 1, vol. 19. Maranhão: Typographia do Progresso, 05 de agosto de 1857, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=035156&pagfis=60&pesq=&url=http://memoria.bn.br/docreader#>>. Acesso em: 27 de julho de 2015.
- Antônio Gonçalves Dias: maranhense, nasceu em 10 de agosto de 1823 e faleceu a 3 de novembro de 1864. Formado em Direito em Portugal, foi nomeado professor de História e Latinidade do Colégio de Pedro II, depois foi secretário dos assuntos estrangeiros para estudar a instrução pública.  
**Fonte:** BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. **Dicionário Biográfico Brasileiro**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893. Disponível em: <<http://www.bbm.usp.br/>>. Acessado em: 05 de janeiro de 2015.
- Antônio Henriques Leal: nasceu em 24 de julho de 1828. Era médico e político. Era sócio da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, sócio fundador da Associação Literária Maranhense, e sócio Gabinete Português de Leitura. Autor de diversos escritos de medicina e química.  
**Fonte:** BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. **Dicionário Biográfico Brasileiro**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893, p. 186, 187. Disponível em: <<http://www.bbm.usp.br/>>. Acessado em: 05 de janeiro de 2015.
- Antônio Rangel de Torres Bandeira: pernambucano, nasceu em 17 de outubro de 1826 e faleceu em 11 de novembro de 1872. Formado em Direito pela Faculdade de Olinda. Era advogado e professor (francês, história e geografia). Nos últimos anos foi político. Autor de muitos escritos religiosos e literários.  
**Fonte:** BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. **Dicionário Biográfico Brasileiro**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893, p. 295, 296. Disponível em: <<http://www.bbm.usp.br/>>. Acessado em: 05 de janeiro de 2015.

- Antônio Rego: maranhense, nasceu em 14 de agosto de 1820. Formado em Medicina em Coimbra. Era médico e político. Publicou muitos textos literários e traduções na imprensa periódica brasileira.  
**Fonte:** BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. **Dicionário Biográfico Brasileiro**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893, p. 299, 300. Disponível em: <<http://www.bbm.usp.br/>>. Acessado em: 05 de janeiro de 2015.
- Augusto Cesar dos Reis Raiol: maranhense, era funcionário público e secretário do governo.  
**Fonte:** BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. **Dicionário Biográfico Brasileiro**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893, p. 357. Disponível em: <<http://www.bbm.usp.br/>>. Acessado em: 05 de janeiro de 2015.
- Augusto Frederico Colin: maranhense, nasceu em 11 de junho de 1823. Era funcionário público e foi secretário do Paraná. Colaborou em diversos jornais e periódicos literários do Maranhão e do Rio de Janeiro.  
**Fonte:** BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. **Dicionário Biográfico Brasileiro**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893, p. 358. Disponível em: <<http://www.bbm.usp.br/>>. Acessado em: 05 de janeiro de 2015.
- Fábio Alexandrino de Carvalho Reis: maranhense, nasceu em 13 de outubro de 1815 e faleceu no Rio de Janeiro em 1890. Formou-se em Direito em Olinda em 1838. Era funcionário público na área de finanças e também foi político.  
**Fonte:** BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. **Dicionário Biográfico Brasileiro**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893, p. 317. Disponível em: <<http://www.bbm.usp.br/>>. Acessado em: 05 de janeiro de 2015.
- Frederico José Corrêa: maranhense, nasceu em 18 de dezembro de 1817 e faleceu em 28 de maio de 1881. Formado em Direito pela faculdade de Olinda em 1840. Era advogado e tenente-coronel da guarda da Ordem da Rosa. Também foi político.  
**Fonte:** BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. **Dicionário Biográfico Brasileiro**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893, p. 157. Disponível em: <<http://www.bbm.usp.br/>>. Acessado em: 05 de janeiro de 2015.
- Gregório de Tavares Ozório Maciel da Costa: era juiz e também exerceu cargos de político no Maranhão. Faleceu em novembro de 1851.  
**Fonte:** MEMORIAL PAULISTANO PARA O ANO DE 1863. São Paulo: Typographia Imparcial, 1862, p.135. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=livrossp&pagfis=3088&pesq=>>>. Acesso em: 27 de julho de 2015.



- José Tell Ferrão: era médico e foi professor substituto de latim, francês e inglês da Faculdade de Direito de São Paulo.  
**Fonte:** ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DA CORTE E PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO PARA O ANO DE 1859. Rio de Janeiro: E. & H. Laemmert, 1859, p. 71. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=gxA-AQAAMAAJ>>. Acesso em: 27 de julho de 2015.
- José Joaquim Ferreira Valle: formado em Direito, foi deputado pela província do Maranhão.  
**Fonte:** BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Anais da Câmara dos Deputados, vol. 4, 1866, p. 4. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=oA4PAQAIAIAJ&dq=%22Jos%C3%A9+Joaquim+Ferreira+Valle%22&hl=pt-BR&source=gbs\\_navlinks\\_s](https://books.google.com.br/books?id=oA4PAQAIAIAJ&dq=%22Jos%C3%A9+Joaquim+Ferreira+Valle%22&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s)>. Acesso em: 27 de julho de 2015.
- Luís Antônio Vieira da Silva: cearense, nasceu em 2 de outubro de 1828, e faleceu em 1889. Formado em Direito pela universidade de Heidelberg. Era político e sócio de diversas associações de ciências e letras nacionais e estrangeiras.  
**Fonte:** BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. **Dicionário Biográfico Brasileiro**. Vol. 5. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893, p. 363, 364. Disponível em: <<http://www.bbm.usp.br/>>. Acessado em: 05 de janeiro de 2015.
- Manoel Benício Fontenelle: maranhense, nasceu em 25 de dezembro de 1828 e faleceu em 6 de julho de 1895. Formou-se em Direito em Olinda em 1849. Era advogado e poeta.  
**Fonte:** BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento. **Dicionário Biográfico Brasileiro**. Vol. 6. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893, p. 35. Disponível em: <<http://www.bbm.usp.br/>>. Acessado em: 05 de janeiro de 2015.
- Raymundo José Faria de Mattos: era médico e faleceu em 9 de abril de 1855.  
**Fonte:** COE, Agostinho Júnior Holanda. **A higiene e o fim dos sepultamentos eclesiásticos em São Luís (1828-1855)**. Dissertação de Mestrado em História Social. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2008, p. 32. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2841/1/2008\\_Dis\\_AJHolanda.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2841/1/2008_Dis_AJHolanda.pdf)>. Acesso em: 27 de julho de 2015.
- Roberto Augusto Colin: era funcionário público no Maranhão e foi professor de letras na Casa dos Educandos Artífices do Maranhão.  
**Fonte:** CASTRO, César Augusto. A educação da infância desvalida no Maranhão oitocentista: a casa de educandos artífices. In: **IV Congresso Brasileiro de História da Educação**. Universidade Católica de Goiás, novembro de 2006. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo02/Cesar%20Augusto%20Castro%20-%20Texto.pdf>>. Acesso em: 27 de julho de 2015.